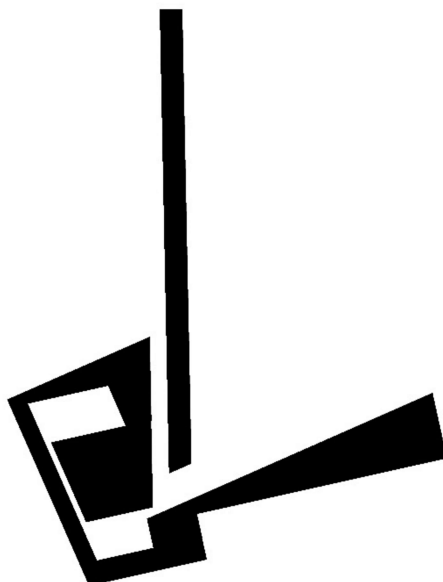




FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA



**SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO ESPICHEL
INTERVENÇÃO E PROJETO PARA UMA PAISAGEM DE FINISTERRA**

LEANDRO FILIPE CORREIA MARTINS

(LICENCIADO)

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR JOÃO RAFAEL MARQUES SANTOS

CO-ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR SÉRGIO DOS SANTOS BARREIROS PROENÇA

JÚRI:

PRESIDENTE: DOUTORA MARIA MADALENA AGUIAR DA CUNHA MATOS

ORIENTADOR: DOUTOR JOÃO RAFAEL MARQUES SANTOS

VOGAIS: DOUTOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

UNIVERSIDADE DE LISBOA | FACULDADE DE ARQUITETURA

Título: Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: Intervenção e Projeto para uma Paisagem de Finisterra

Nome do Aluno: Leandro Filipe Correia Martins

Orientador: Prof. João Rafael Marques Santos

Co-orientador: Prof. Sérgio dos Santos Barreiros Proença

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitetura **Data:** Março 2017

RESUMO

O objetivo deste Projeto Final de Mestrado consiste em abordar um lugar que nos é singular: o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Edificado na ponta mais a ocidente da Península de Setúbal, num planalto a oeste da Vila de Sesimbra, onde os grandes horizontes marítimos e os extremos ocidentais do continente europeu se intersectam, os cabos são um limite onde a terra acaba e o mar começa.

Este trabalho final de mestrado surge num momento em que o lugar reconquista a atenção das pessoas através da recente requalificação e aquisição por parte da autarquia local da Casa da Água e da ala norte das hospedarias.

Tendo por base os aspetos essenciais da sua evolução morfológica, pretende-se então intervir e revitalizar, dando resposta ao sentido do lugar e à sua intersubjetividade, através da proposta de um novo espaço que reorganiza o promontório e incorpora um Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo.

De acordo com os princípios arquitetónicos estudados, o ato de projetar aparece de forma a dar continuidade do seu significado existencial, onde é possível descobrir formas de intervir e de habitar num limite. A estratégia a propor nesta paisagem de finisterra passa primeiramente por uma leitura/compreensão da sua história, da sua forma e do seu significado, interpretando o sítio pelo reconhecimento dos seus elementos caracterizadores, para depois propor um edifício que complemente o conjunto edificado existente.

Palavras-chave: Santuário da Nossa Senhora do Cabo Espichel, limite, topografia forma e sentido

UNIVERSITY OF LISBON | FACULTY OF ARCHITECTURE

Title: Sanctuary of Nossa Senhora do Cabo Espichel: Intervention and Project for a Cape Landscape

Student's Name: Leandro Filipe Correia Martins

Advisor: Prof. João Rafael Marques Santos

Co-advisor: Prof. Sérgio dos Santos Barreiros Proença

Master's Degree: Integrated Master's Degree in Architecture **Date:** March 2017

ABSTRACT

The goal of this Master's Degree Final Project is to approach a place that is unique to us: the Sanctuary of Nossa Senhora do Cabo Espichel. Built on the westernmost point of the Setúbal Peninsula, on a plateau to the west of the Village of Sesimbra, where the vast maritime horizon and the western fringes of Europe intersect, capes are the limit where the land ends and the sea begins.

This final project appears at a time during which the sanctuary is regaining public attention, through the recent requalification and acquisition of the Casa da Água and the north wing of the dormitories, by the local autarchy.

With the essential aspects of its morphologic evolution as foundation, one seeks to intervene and revitalize, therefore answering the meaning of the location and its intersubjectivity, by means of the proposition of a new space, which reorganizes the headland and incorporates a Center of Interpretation of Legend, History, and Cult of Nossa Senhora do Cabo.

According to architectonic principals, the act of projecting seeks to give continuity to its existential meaning, where it's possible to discover ways to intervene and inhabit a limit. Firstly, the strategy to be proposed on this cape landscape consists of a reading / comprehension of its history, its shape, and its meaning, interpreting the site through the recognition of its most defining features, to then propose a construction that complements the existing complex.

Keywords: Sanctuary of Nossa Senhora do Cabo Espichel, limit, topography, shape and meaning

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho final de mestrado não seria possível sem a ajuda e apoio de algumas pessoas muito importantes. A todos eles deixo aqui o meu profundo e sincero agradecimento.

Aos Professores João Rafael Santos e Sérgio Proença quero agradecer e demonstrar a minha gratidão, por toda a disponibilidade, atenção, paciência, e dedicação dispensada.

Dedico também este trabalho aos meus pais, família e amigos pelo incondicional apoio e incentivo na concretização do mesmo.



Figura 1 | O Promontório. Fotografia de David Caretas

“O principio, e origem de haver na Igreja de Deus o costume de peregrinar, e fazer romarias por motivos de devoção he cousa muito antiga. Os Historiadores, e Autores Ecclesiasticos estão cheios de provas da antiguidade desta devoção. Desde os primeiros seculos costumárão os Fieis ir visitar os Logares Santos em que se tinham obrado os principaes Mystérios da nossa Santa Religião.” (SANTOS, 1989)

ÍNDICE

I.	INTRODUÇÃO	1
II.	O SÍTIO	5
II. I.	BARBARIUM PROMONTÓRIUM	6
II. II.	SENTIDO CULTURAL	13
II. III.	ROMARIA A SANTA MARIA DO CABO	15
II. IV.	O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO ESPICHEL	17
II. V.	EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA	23
III.	O GENIUS-LOCI	29
IV.	DESENHAR NO LIMITE: CASOS DE ESTUDO	35
	PISCINAS DE LEÇA DA PALMEIRA ÁLVARO SIZA	37
	CASA DAS MUDAS PAULO DAVID	38
	MUSEU DO FÔZ CÔA TIAGO E CAMILO REBELO	39
	MUSEU JUDAICO DE BERLIM DANIEL LIBESKIND	40
V.	PROJETO: CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA LENDA, DA HISTÓRIA E DO CULTO DE NOSSA SENHORA DO CABO	41
V. I.	NECESSIDADES / EXPETATIVAS	42
V. II.	DESENHO DA PAISAGEM DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA LENDA, DA HISTÓRIA E DO CULTO DE NOSSA SENHORA DO CABO	43
V. III.	ESTRATÉGIA	44
V. IV.	PRINCÍPIOS ARQUITETÓNICOS	49
V. V.	MATERIALIDADES, TEXTURA E COR	65
VI.	CONCLUSÃO	67
VII.	BIBLIOGRAFIA	70

VIII. ANEXOS	75
I – PLANTA DE COBERTURA DO EDIFICADO EXISTENTE	76
II – PLANTA DO EDIFICADO EXISTENTE PISO 0	78
III – PLANTA DO EDIFICADO EXISTENTE 1º PISO	80
IV – PERFIS TRANSVERSAIS DO EDIFICADO EXISTENTE	82
V – PERFIS TRANSVERSAIS DO EDIFICADO EXISTENTE	84
VI – PERFIS LONGITUDINAIS DO EDIFICADO EXISTENTE	86
VII – PLANTA DE LOCALIZAÇÃO ESC. 1/2000	88
VIII – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO ESC. 1/1000	90
IX – PLANTA DE ACESSOS ESC. 1/1000	92
X – PLANTA DE COBERTURA ESC. 1/500	94
XI – PLANTA DE COBERTURA ESC. 1/200	96
XII – PLANTA À COTA 125,5 ESC. 1/500	98
XIII – PLANTA À COTA 125,5 ESC. 1/200	100
XIV – PLANTA À COTA 121, 5 ESC. 1/500	102
XV – PLANTA À COTA 121,5 ESC. 1/200	104
XVI – PLANTA DE ESTRUTURA À COTA 125,5 ESC. 1/500	106
XVII – PLANTA DE ESTRUTURA À COTA 121,5 ESC. 1/500	108
XVIII – ALÇADOS ESC. 1/1000	110
XIX – CORTES LONGITUDINAIS ESC. 1/1000	112
XX – CORTES TRANSVERSAIS ESC. 1/1000	114
XXI – CORTES TRANSVERSAIS ESC. 1/500	116

IX. PAINÉIS	118
01 – ESCALA TERRITORIAL – LOCALIZAÇÃO E PRÉ-EXISTÊNCIAS	119
02 – ESCALA URBANA – ESTUDO PRÉVIO	120
03 – ESCALA TERRITORIAL – ESTRATÉGIA	121
04 – ESCALA ARQUITETÓNICA – IMPLANTAÇÃO	122
05 – ESCALA ARQUITETÓNICA – IMPLANTAÇÃO	123
06 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO BASE	124
07 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO BASE	125
08 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO BASE	126
09 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO BASE	127
10 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO BASE	128
11 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO BASE	129
12 – ESCALA ARQUITETÓNICA – PROJETO DE EXECUÇÃO	130
13 – ESCALA ARQUITETÓNICA – VISTAS E AMBIENTES	131

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – O Promontório	VIII
Figura 2 – Ortofotomapa de Portugal continental	9
Figura 3 – Ortofotomapa da frente Atlântica	10
Figura 4 – Ortofotomapa do Cabo Espichel	11
Figura 5 – Ortofotomapa do Cabo Espichel, edificado existente	12
Figura 6 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	14
Figura 7 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	14
Figura 8 – Percursos e lugares	16
Figura 9 – Disposição dos espaços, Santuário da Senhora do Cabo Espichel	17
Figura 10 – Conjunto das hospedarias e Igreja, piso térreo	18
Figura 11 – Corte pelas hospedarias mostrando a fachada principal da Igreja	19
Figura 12 – Corte do módulo das hospedarias	19
Figura 13 – Plantas do módulo das hospedarias	19
Figura 14 – Conjunto das hospedarias e Igreja, planta de cobertura	20
Figura 15 – Alçado da ala sul	20
Figura 16 – Alçado da ala sul	20
Figura 17 – Alçado da ala norte	21
Figura 18 – Alçado da ala norte	21
Figura 19 – Corte transversal e longitudinal da Casa da Água	21
Figura 20 – Planta da Casa da Água	21
Figura 21 – Alçado da Ermida da Memória	22
Figura 22 – Planta e corte da Ermida da Memória	22
Figura 23 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	23
Figura 24 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	23
Figura 25 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	23
Figura 26 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	23
Figura 27 – Painel de azulejo do interior da Ermida da Memória	23
Figura 28 – Evolução morfológica 1414	26
Figura 29 – Evolução morfológica 1495	26
Figura 30 – Evolução morfológica 1550	26
Figura 31 – Evolução morfológica 1700	26
Figura 32 – Evolução morfológica 1707	26
Figura 33 – Evolução morfológica 1710	26

Figura 34 – Evolução morfológica 1715	27
Figura 35 – Evolução morfológica 1718	27
Figura 36 – Evolução morfológica 1744	27
Figura 37 – Evolução morfológica 1760	27
Figura 38 – Evolução morfológica 1765	27
Figura 39 – Evolução morfológica 1770	27
Figura 40 – Evolução morfológica 1794	28
Figura 41 – Evolução morfológica 2013	28
Figura 42 – Evolução morfológica 2016	28
Figura 43 – O promontório	30
Figura 44 – Movimento de entrada no Santuário	31
Figura 45 – Eixo este-oeste, projeção axial	32
Figura 46 – Horizontalidade	32
Figura 47 – Composição axial do conjunto	33
Figura 48 – Composição axial do conjunto	33
Figura 49 – Momento de saída para o exterior	34
Figura 50 – Momento de saída para o exterior	34
Figura 51 – Planta da zona envolvente ao Cabo Espichel, estrutura edificada	46
Figura 52 – Planta da zona envolvente ao Cabo Espichel, chegada ao Cabo	47
Figura 53 – Planta do Cabo Espichel, vistas	48
Figura 54 – Movimento de entrada e saída	49
Figura 55 – Pontos relevantes e orientações	49
Figura 56 – Eixo este-oeste, axialidade do conjunto	50
Figura 57 – Linhas de referência	50
Figura 58 – Horizontalidade	50
Figura 59 – Linhas geradoras	51
Figura 60 – Intenção de entrada e saída no edificado proposto	51
Figura 61 – Planta da zona envolvente ao Cabo Espichel, área de intervenção	52
Figura 62 – Ortofotomapa do Cabo Espichel, local de intervenção	53
Figura 63 – Maquete do edificado existente, vista de oeste	54
Figura 64 – Maquete do edificado existente, vista superior	54
Figura 65 – Maquete do edificado existente, vista de sul	55
Figura 66 – Maquete do edificado existente, vista de norte	55
Figura 67 – Estudo tridimensional, acesso à entrada	56
Figura 68 – Estudo tridimensional, vistas do promontório	56
Figura 69 – Estudo tridimensional, vistas do promontório	56
Figura 70 – Estudo tridimensional, vistas do promontório	56

Figura 71 – Estudo tridimensional, entrada principal	57
Figura 72 – Estudo tridimensional, receção	57
Figura 73 – Estudo tridimensional, espaço de estar	57
Figura 74 – Estudo Tridimensional, Acessos	58
Figura 75 – Estudo Tridimensional, Acessos ao Espaço de Exposição Permanente	58
Figura 76 – Estudo Tridimensional, Acessos ao espaço de Exposição Permanente	58
Figura 77 – Estudo Tridimensional, Vista do Espaço de Exposição de Arqueologia	58
Figura 78 – Estudo Tridimensional, Vista do Espaço de Contemplação	59
Figura 79 – Estudo Tridimensional, Auditório	59
Figura 80 – Estudo Tridimensional, Auditório	59
Figura 81 – Estudo Tridimensional, Cafetaria	60
Figura 82 – Estudo Tridimensional, Centro de Investigação e Documentação	60
Figura 83 – Estudo Tridimensional, Espaço de Exposição Permanente	60
Figura 84 – Estudo Tridimensional, Espaço de Exposição Permanente	60
Figura 85 – Estudo Tridimensional, Espaço de Meditação	61
Figura 86 – Estudo Tridimensional, Saída para o Exterior do Edifício	61
Figura 87 – Estudo Tridimensional, Saída para o Exterior do Edifício	61
Figura 88 – Maquete da proposta de intervenção, vista de oeste	62
Figura 89 – Maquete da proposta de intervenção, vista superior	62
Figura 90 – Maquete da proposta de intervenção, vista de sudoeste	63
Figura 91 – Maquete da proposta de intervenção, vista superior	63
Figura 92 – Maquete da proposta de intervenção, vista de nordeste	64
Figura 93 – Maquete da proposta de intervenção, vista superior	64
Figura 94 – Maquete do edificado proposto, vista superior	66
Figura 95 – Maquete do edificado proposto, vista superior	66

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

É a partir do espírito singular, experienciado no Santuário da Nossa Senhora do Cabo Espichel, que se procura lançar os princípios do projeto reconhecendo as qualidades paisagísticas, arquitetônicas e fenomenológicas daquele lugar.

A escolha do tema é justificada pela importância e contributo de um dos mais singulares conjuntos arquitetônicos nacionais. Implantado no extremo do Cabo Espichel, a sudoeste da Península de Setúbal, delimitado a nordeste pela Serra da Arrábida e, a sul e a oeste pelo oceano atlântico, recortado por enormes falésias, que redesenharam por toda a sua extensão, e criam lugares resguardados dos aglomerados urbanos.

Os objetivos principais deste trabalho partem de uma escala territorial e à medida que essa informação é analisada e trabalhada, vai-se aproximando à escala de projeto. Pretende-se adquirir uma melhor percepção da conexão terra-mar; aferir a questão do limite; compreender de que forma outros projetos arquitetônicos deram resposta ao ato de intervir; adequar as opções formais às características morfológicas do lugar; trabalhar de forma articulada os temas da paisagem, clima, lugar, topografia, orientações, pré-existências, ou seja a sua relação com a estrutura espacial construída, alinhamentos, linhas de força; experimentar as potencialidades das formas arquitetônicas, a partir da utilização de um material tradicional, a pedra, e das suas adequações construtivas; fazer uma leitura da história, da forma, do sentido e do seu significado, de modo a compreender o lugar enquanto conjunto arquitetónico; aprofundar o ato de projeto, introduzindo o conceito de lugar e um programa de usos de maior complexidade.

Primeiramente, o trabalho terá uma natureza mais teórica, onde se recorre ao estudo de bibliografia específica, obtendo conceitos, através da análise de textos, imagens e documentos que permitirão compreender o lugar, para chegar a algumas conclusões mais gerais sobre a importância da estruturação do espaço público e do edificado, recorre-se à análise de vários casos de estudo nacionais e internacionais. Paralelamente e com base em documentos históricos, irá ser realizada uma leitura do lugar, de forma e do sentido a enquadrar e a responder à proposta projetual que se pretende produzir.

Na sequência do trabalho surgirá uma análise mais vasta do território, debruçada sobre a edificação e a sua localização e implantação, a sua relação com a zona envolvente. Será um ponto de partida para a definição de uma estratégia de projeto a adotar. Deste modo, há que ter em atenção como intervir nestes espaços, para que mantenham todo seu significado existencial.

De forma a compreender e intervir adequadamente num lugar excepcional como este, procede-se a uma sistematização de atos de intervenção arquitetónica, através

da leitura do lugar, complementando com vários casos de estudo de desenhar no limite.

A análise e reflexão sobre estes temas suporta o desenvolvido, pretende-se o desenvolvimento de uma proposta arquitetónica, para um edifício público destinado à instalação de um Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo.

CAPÍTULO II

O SÍTIO

II. I. BARBARIUM PROMONTÓRIUM

“Lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético (Cyneticum iugum), ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros (...). Segue-se um promontório, que assusta pelos seus rochedos, também ele consagrado a Saturno (Satuni Promunturim). Ferve o mar encrespado e o litoral rochoso prolonga-se intensamente.” (Avieno, 1992:22 à 47)

A Arrábida, *“o seu prolongamento para poente fá-la atingir o Oceano Atlântico no majestoso promontório do Cabo Espichel ou da Pedra da Mua”* (Pereira, 2006:10), um dos pontos mais elevados da costa portuguesa, que Ptolomeu designou, no séc. II, de *“Barbarium Promontorium”*¹. Terá sido apelidado de Cabo da Santa Esperança, pelas pessoas que a este lugar se predispunham a ir em romaria na *“esperança de achar remédio às suas enfermidades: fim de todos os males, e princípio de todos os bens”* (Pedrosa, 2011).

Os horizontes prolongam-se, permitindo ver o areal da Costa da Caparica e em dias de menor nebulosidade a Serra de Sintra.

A luminosidade, o solo plano, a escassez de vegetação, o clima duro, as enormes falésias e a extensão de horizontes fazem deste lugar excepcional. Onde o desconhecido, o mistério e o medo se misturam, originando lendas e mitos.

Fustigado pelos fortes ventos que sopram do Atlântico, a sua superfície apresenta-se plana, embora o promontório se localize no limite montanhoso da Serra da Arrábida, com uma altitude de 130m, composto *“arribas escavadas, aprofundando o mar do desconhecido e sobre ele avançando em cunha como pontas inexpugnáveis”* (Pato, 2008:21). Este é formado por três saliências, o desenho dos limites conferem uma forma quase paralelepípedica, o planalto em planta retangular e escarpa bastante íngreme.

Os acidentes geográficos e geológicos estão ligados a lugares, onde foram edificadas Santuários. Heitor Baptista Pato, em *“O Culto dos Promontórios em Portugal”*, sublinha: *“O culto destes locais numinosos ter-se-á iniciado em longínquas épocas pré-históricas com a qualificação dos primeiros espaços sagrados ou a ereção dos primeiros santuários. No mundo ocidental, e com a romanização, assistir-se-á não raras vezes à assimilação ou identificação desses antigos cultos a divindades*

¹ O topónimo, Cabo Cêmpico, deriva das tribos indo-europeias sediadas, desde o séc. VI, ao longo do Alto Alentejo e da Estremadura espanhola até à costa ocidental. AVIENO, Rúfio Festo – Orla Marítima. cit. 17, pp. 22 e 47.

romanas, num processo de interpretativo que os gregos já haviam aplicado e que os cristãos irão prosseguir e ampliar, reocupando e reconvertendo os velhos santuários pagãos, ou adaptando antiguíssimos ritos, para os atribuir à nova fé.” (Pato, 2007).

Estas finisterras sempre foram identificadas como lugares de milagres e aparições. Ao longo de toda a costa portuguesa, e em especial os Cabos, o cristianismo fez com que fossem dedicados ao culto cristão, e a este culto associou-se a mitologia oceânica. Vários são os locais preferenciais de culto, que levaram à construção de pequenos cruzeiros ou simples capelas, em casos excepcionais, e devido à grande expressão do culto foram edificados nesses lugares, conjuntos arquitetónicos de maior complexidade e dimensão. Contribuindo para uma espécie de prolongamento do território, funcionando como lugares de peregrinação.

“Muito antes que a vista dê a noção de promontório, vai-se fazendo sentir o isolamento finisterra. O ar carrega-se de humidade; no solo, varrido pelos ventos impetuosos, a vegetação rareia e faz-se em tufos esparsos cosidos no chão. As marcas da ocupação humana tornam-se mais ténues e raras, como se esta se degradasse antes de atingir os limites impostos pela natureza”. (Ribeiro, 1986:29 à 41), ou seja, antes de chegarmos ao Cabo, o isolamento que é atribuído a estes lugares faz-se sentir e, após deixarmos as povoações próximas, a primeira sensação é a da repentina abertura de horizontes. O ar salino torna-se mais húmido, o silêncio aumenta. Apenas se ouve o som do vento que sopra, sem qualquer impedimento à sua passagem. Ao longe, ultrapassando uma das suaves elevações do terreno, é avistado, no horizonte, o Oceano Atlântico. Do lado direito surge uma pequena elevação que bloqueia novamente a visão sobre o oceano. À medida que caminhamos vamo-nos apercebendo que nos encontramos já muito próximo do mar.


Antes da entrada no Cabo, a vegetação, o vento e a presença das colinas não se alteram e o som do mar não se faz sentir.

O mar começa a espreitar no horizonte e à medida que vamos percorrendo este belo lugar, vai aparecendo e desaparecendo, até ficarmos muito próximos dele, fazendo com que possamos deleitarmo-nos com os sons que dali vêm. Entrando no limite do Cabo, percebe-se imediatamente que se presencia um local de finisterra.

Ao entrarmos no Cabo, o som do mar e do vento aumentam gradualmente de intensidade, embora todas estas características sejam indícios do limite de terra, só quando é feita a aproximação às grandes falésias é que os limites entre o chão e o abismo estão claramente definidos, a natureza revela-se assim agreste e assustadora.

O olhar e movimento em direção ao mar tornam-se perpendiculares à linha de costa, o que remete à contemplação do horizonte, do sol e do mar. Deverá ter sido

esta a intenção de quem, em tempos, decidiu edificar este lugar, fora de todos os outros, de forma afirmar o início de culto à Nossa Senhora do Cabo.



Cabo da Roca

Cabo Espichel

Cabo de S. Vicente



Figura 2 | Ortofotomapa de Portugal Continental

Fonte: Câmara Municipal de Sesimbra



Cabo Espichel



Figura 3 | Ortofotomapa da Frente Atlântica

Fonte: Câmara Municipal de Sesimbra

An aerial grayscale photograph of the Cabo Espichel region in Portugal. The image shows a rugged coastline with a prominent headland on the left. The interior is characterized by a dense network of agricultural fields, roads, and a winding river. A small town is visible on a hillside in the upper right. Four horizontal lines with labels on the left side indicate specific locations: Azóia, Praia do Lagosteiros, Santuário da N.ª Senhora do Cabo Espichel, and Farol.

Azóia

Praia do Lagosteiros

Santuário da N.ª Senhora
do Cabo Espichel

Farol



Figura 4 | Ortofotomapa do Cabo Espichel

Fonte: Câmara Municipal de Sesimbra

Ermita da Memória

Casa da Água

Santuário da N.ª Senhora do Cabo Espichel

Aqueduto

Farol do Cabo Espichel

Bateria Militar



Figura 5 | Ortofotomapa do Cabo Espichel, Edificado Existente

Fonte: Câmara Municipal de Sesimbra

II. II. SENTIDO CULTURAL

“Uma das mais interessantes referências antigas registadas por escrito respeitantes ao atual Cabo Espichel data do século IV d.C. e, é da pena de Rufus Festus Avieno na sua Ora Marítima.” (Pereira, 2009:106). É um local de fenómenos solares estranhos, onde foram muitos os povos que por lá passaram, deixando os seus vestígios. É também um lugar de naufrágios e de tantas outras tragédias, onde uma força, algo misteriosa, nos envolve. A existência de cultos pré-históricos é certa neste promontório, apelidado de *“Promontorium Barcarium”, “Barbário”, “Barbárico”, “Promontório Luminoso”* ou *“Cabo de Santa Maria”*.

O auge de consagração dá-se no momento da suposta aparição da Virgem Maria em 1410, dando início ao culto que chegou até aos dias de hoje e que levou à construção de uma estrutura arquitetónica de valor incalculável, um espaço racionalizado, com uma escala humanizada, que transfigura a vastidão de um promontório originário, solo impressionante pela força da natureza e grandiosidade do horizonte.

São diversos os mitos neste lugar, mas os mais antigos, são alusivos ao nascimento de Cristo, que ilustra o nascimento de três sóis que progressivamente se unem num só, ou a aparição de uma nuvem tão clara quanto o sol. O importante a reter deste mito é o valor que o Cabo Espichel parece ter para o mundo cristão, com o simbolismo que este acontecimento acarreta como evento celeste, de criação do mundo, e, portanto, indicando o lugar para a relação com o divino.

Existem ainda outros mitos, onde fazem destaque à ilha da atlântida ou é revelado o avistamento de sereias e tritões, ou até mesmo a existência, no interior da serra da Arrábida, de túneis misteriosos que unem este lugar à serra de Sintra, grutas, poços e criptas, luzes estranhas e cidades desconhecidas.

Mas são duas as principais lendas deste lugar, ligadas ao culto cristão, que chegaram até aos dias de hoje. A primeira, Frei Agostinho de Santa Maria em 1701, sublinha uma lenda mais histórica que relata o descobrimento de uma imagem de Nossa Senhora esquecida no Cabo.



Figuras 6 e 7 | Painéis de azulejos do interior da Ermida da Memória, O primeiro retrata os dois velhos a sonharem com a Senhora, na legenda: “Sonham dois venturosos velhos que apparecia a Senhora n’este logar”, o segundo ilustra a lenda da mula, na legenda: “Chegando a este sítio, vêem com admiração subir a Senhora pela rocha”, Fonte: Luís Marques, O paraíso no “fim do mundo”.

A segunda é uma lenda que ganhou maior destaque. Teve início em 1410, e foi relatada por Frei Cláudio da Conceição em 1817, e aquela que mais firmemente se implantou na tradição. Conta o achado de dois idosos, um de Alcabideche e uma da Caparica, que tinham visto a Nossa Senhora em sonhos e após acordarem encaminharam-se ao seu encontro no cabo, no local onde hoje está edificada a Ermita da Memória.

Deste modo, primeiramente reconhecido como lugar onde foi sentido o nascimento de Cristo, e depois como lugar de culto a Nossa Senhora da Pedra da Mua. Este adquire uma forte expressão popular, onde indica não só a importância que este tem para a religião, como marca uma rutura no entendimento do lugar, ao ser escolhido pelo divino como lugar privilegiado, marcando uma alteração do seu significado e valor.

II. III. ROMARIA A SANTA MARIA DO CABO

O “círio” poderá ser compreendido como a ocorrência de romarias a determinado lugar de culto, na sua generalidade, está intrinsecamente ligado a um fenómeno entendido como milagroso, forma de paga de uma promessa coletiva ou de uma promessa antiga. O milagre, habitualmente está associado a uma aparição. Esta ocorrência serve de alavanca para que pessoas de vários lugares recorram a este sítio².

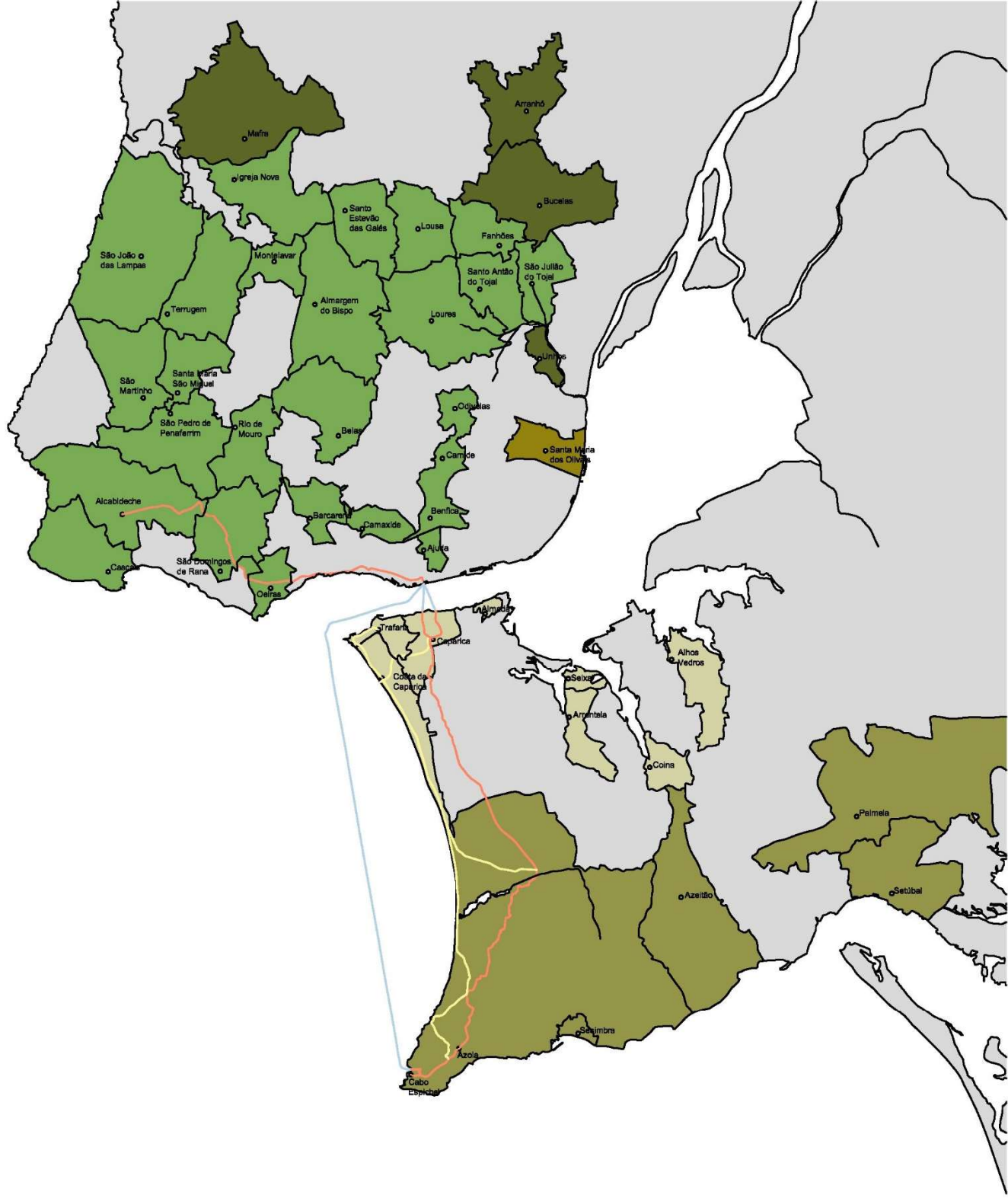
A romaria assume-se assim, como uma forma de peregrinação, sendo no seu percurso, obrigatório, a passagem por determinados lugares. No local de destino, no santuário, adora-se uma imagem que fica guardada numa das comunidades envolvida no culto “os círios”, até ao ano seguinte.

Mencionada em 1366, numa carta régia por D. Pedro I., as “*Romaria a Santa Maria do Cabo*” (Marques, 1984), ganharam maior expressão.

Com o surto da peste negra, em meados do séc. XIV, em 1384-85³, a romaria à Senhora do Cabo, aumenta drasticamente, com o aumento na peregrinação, oriunda da região da Estremadura e margem sul do Tejo.

² PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p, 94. O culto ao local do Cabo Espichel antecede o acontecimento milagroso. Enquanto em 1366, na carta régia entregue em Torres Vedras (UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Centro de Estudos históricos - *Chancelaria de D. Pedro I: 1357-1367* - Ed. Marques, A. H. de Oliveira. Lisboa: Instituto Nacional de investigação Científica, 1984.), são referidas romarias à Senhora do Cabo, já o aparecimento da imagem de N. Senhora do Cabo é atribuído ao reinado de D. João I (1385-1433). Duas datas são apresentadas para tal acontecimento: 1384-85 e 1410-11 (SANTOS, Francisco Ildfonso dos - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889, cópia de 1843, p. 43 e 95).

³ Aparecimento da «Imagem Milagrossa» de Nossa Senhora do Cabo.



PERCURSOS

- Percuso de romaria —
- Percuso de penitência —
- Percuso marítimo —

ROMARIAS

MARGEM NORTE DO TEJO - 30 Freguesias

- 26 Freguesias participantes ■
- 4 Freguesias que abandonaram ■
- 1 Freguesia que Participou uma única vez ■

MARGEM SUL DO TEJO

- Freguesias que ainda participam ■
- Freguesias que abandonaram ■



Figura 8 | Percursos e lugares

II. IV. O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO ESPICHEL

O Santuário do Cabo Espichel é um dos mais interessantes conjuntos arquitetónicos portugueses.

A quem decide dirigir-se e acolher-se neste Santuário, passando a povoação da Azóia, observa-se uma paisagem desabitada, pontuada por construções espontâneas.

Apercebemo-nos do aqueduto, que encaminha-nos em direção ao promontório. Ao longe, avista-se o Santuário da Nossa Senhora do Cabo, assente sobre o grande planalto, de forma estratégica e respeito entre homem e a paisagem.

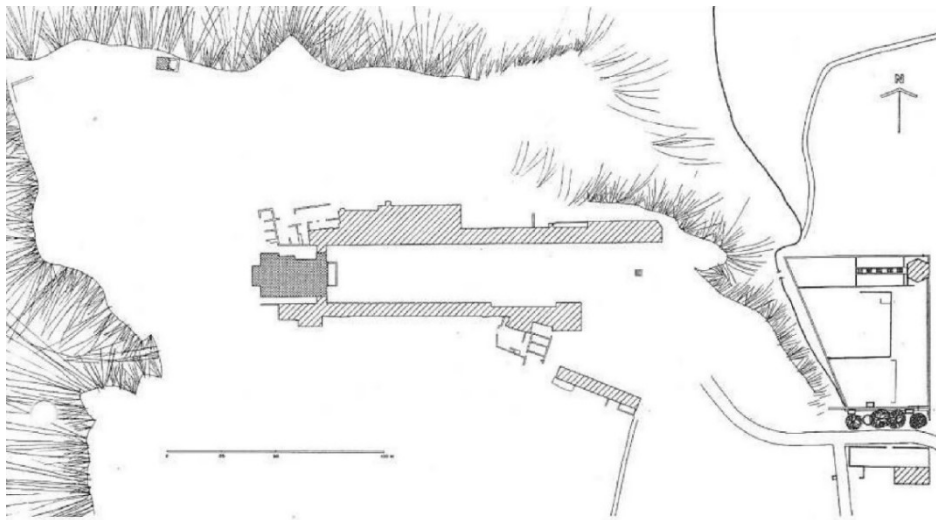


Figura 9 - Disposição dos espaços, Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, Fonte: Francisco Keil do Amaral, et al, 1964.

Orientado este-oeste, em forma de U e de planta ortogonal (anexo I,II e III) e de topografia quase plana, o romeiro *“dirige-se então em frente e não para cima, e a altura desse olhar é traçada preciosamente pelo ponto de fuga da longa sucessão das arcadas térreas que enquadram e realçam o templo, antecedendo-o quase a jeito de galilé”*. (Pato, 2008:265) As alas das hospedarias paralelas entre si e a colocação central da igreja a oeste, criam um espaço central comunitário, onde realizavam-se as mais diversas atividades, nas quais se destacam as procissões, missas, feiras, jogos tradicionais, cavalhadas, e até mesmo touradas. Era no arraial que chegava a berlinda da Senhora, vinda de Lisboa, contendo no seu interior a imagem da Senhora do Cabo.

A forma das hospedarias orienta o romeiro para um ponto focal, a Igreja. No terreiro o ambiente é protegido, pelo posicionamento das hospedarias, dos fortes ventos que se fazem sentir.

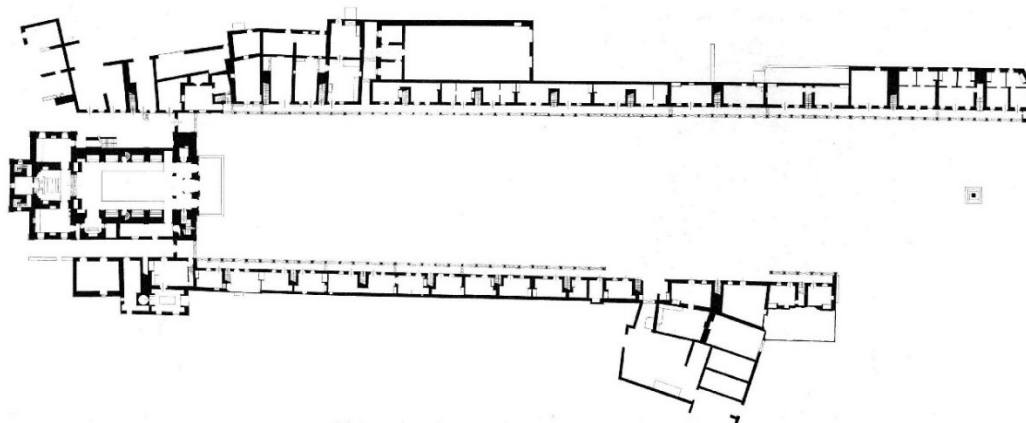


Figura 10 | Conjunto das hospedarias e Igreja, piso térreo, Fonte: IHRU, 1961.

Heitor Pato descreve que este se assume como *“um lugar público em que a arquitetura, obedecendo a um programa urbanístico rigorosamente planeado, serve antes do mais de enquadramento para um palco cénico no qual o povo livremente se manifesta na sua natural exuberância áulicas do poder régio e/ou religioso; já não uma ágora em que o povo livremente se manifesta na sua natural exuberância, mas o fórum racionalizado que tenta ordenar a natural desordem da espontaneidade”* (Pato, 2008:264). Os arquitetos Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias, coautores de *Arquitetura Popular em Portugal*, afirmam que a *“sequência do desenho dos arcos marcados pelo escuro do paramento recolhido, aliam-se numa escala que se adivinha coletiva, mas não exclui a presença do indivíduo e fazem do largo, um dos mais belos conjuntos da região, só com paralelo, já duma conceção erudita, no Terreiro do Paço, em Lisboa”*. (Ordem dos Arquitetos, 2004: 157).

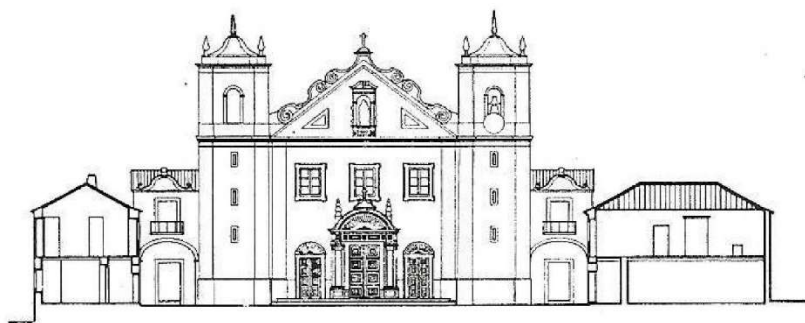
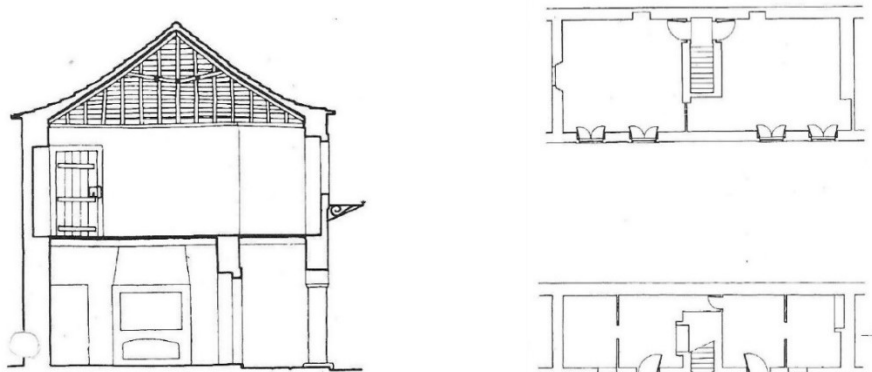


Figura 11 | Corte pelas hospedarias mostrando a fachada principal da igreja, Fonte: Francisco Keil do Amaral, et. al., Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.

A Igreja central a oeste formando um grande terreiro ou arraial, torna-se uma peça central (anexo V e VI), coroando a grandiosa praça pública. No interior é utilizada a pedra da Arrábida, cor branca e negra, o teto é decorado com o tema de Nossa Senhora da Assunção, obra de Lourenço da Cunha. De cada lado da Igreja, erguem-se as torres, arrematas por um pináculo.



Figuras 12 e 13 | Desenhos dos módulos das hospedarias, corte e plantas do módulo de lojas e sobrados, Fonte: Francisco Keil do Amaral, et. al., Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.

As hospedarias encontram-se construídas em dois níveis, o primeiro com uma arcaria. Todo o conjunto transpõe uma sensação de acolhimento, conforto oferecida pela escala utilizada. Perpendiculares à Igreja, construídas através do emparelhamento de pedra irregular e de pequena dimensão, compostas por módulos de dois pisos de planta retangular. (anexo II e III).

Com suas arcadas baixas, abrigam o acesso as lojas (anexo V e VI), de menor dimensão que os sobrados, que dispõem de uma cozinha rudimentar “com duas fornalhas, uma grande mesa, dois bancos corridos e um cabide”. (Amaral, 1964:35) O acesso aos sobrados é feito por uma escada comum a cada dois módulos.

Todo o conjunto é baseado no mesmo esquema modular, com a exceção das primeiras e últimas quatro hospedarias da ala Norte e das primeiras três hospedarias da ala sul.

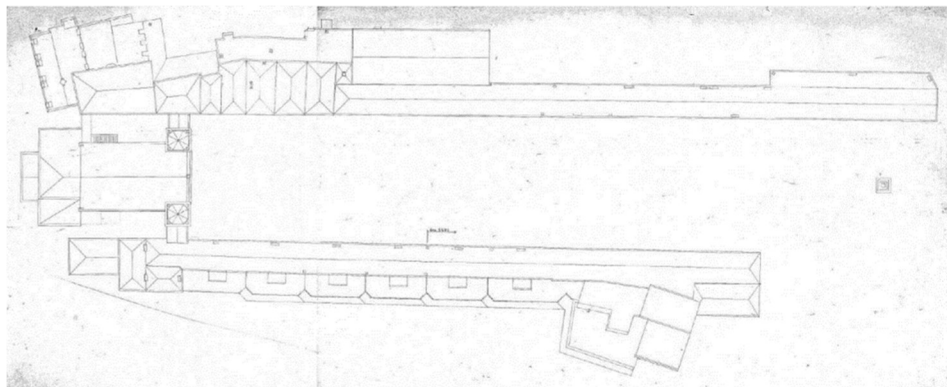
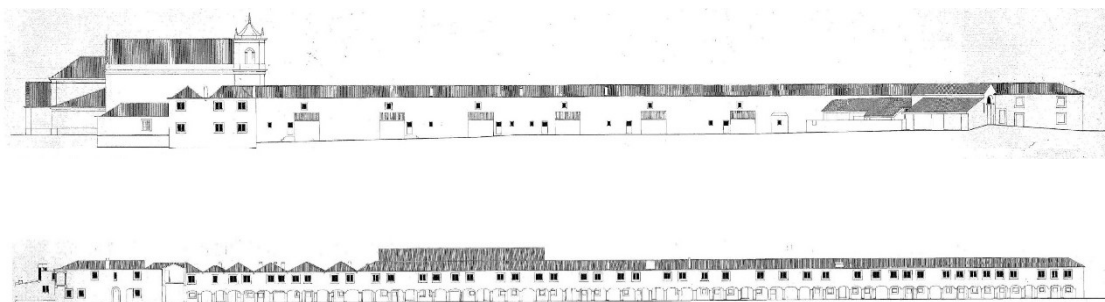


Figura 14 | Conjunto das hospedarias e Igreja, planta de cobertura, presença das coberturas em quatro águas no extremo Oeste da ala Norte, projeto de recuperação do Santuário de N^a. S^a. do Cabo , Fonte: IHRU | 1996.

Julga-se que a cobertura das hospedarias tenha sido múltipla e de quatro águas⁴, à semelhança do que acontece no início da ala norte e próximo da Igreja, desta forma seria mais fácil o acrescentar de novos módulos. (anexo I)

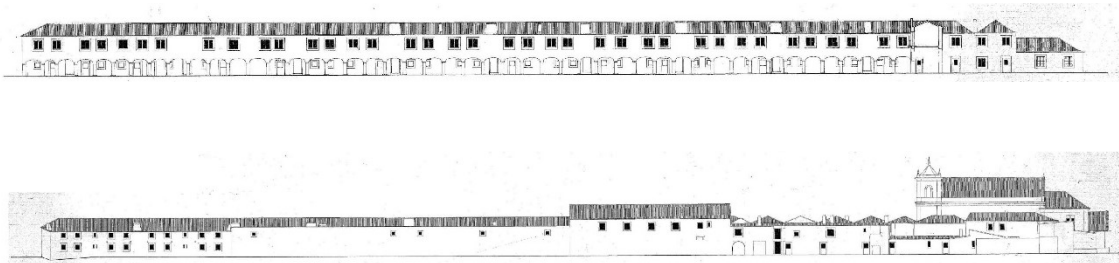


Figuras 15 e 16 | Alçados da ala Sul, Projeto de recuperação do Santuário de N^a. S^a. do Cabo, Fonte: IHRU, 1996.

Conforme é descrito pelos autores de O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, demonstra-se, de forma clara, o emprego das técnica de construção popular, saloia, *“Não existem, neste país, muitos conjuntos aquitectónicos tão acentuadamente de cá, em que a marca de uma região se imponha com aquela sóbria e sábia evidência. Há em Portugal, é claro, edificações de outro vulto, de outra riqueza, de*

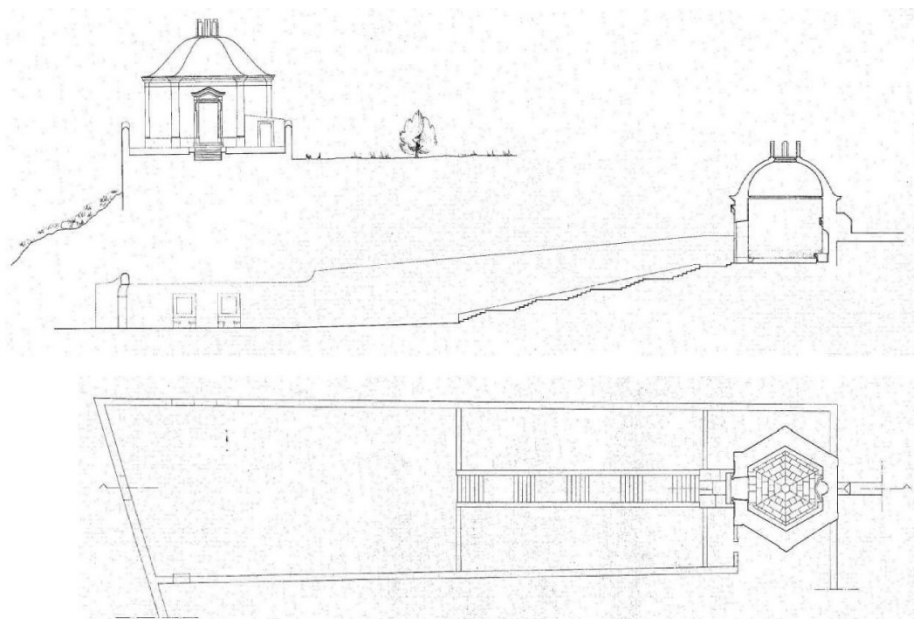
⁴ Os telhados eram assentes num forro de madeira, sustentado por uma asna.

outra erudição estilística. Mas não são tão nossas, tão enraizadas nas realidades físicas e espirituais inerentes a uma região, à gente que nela vive e que no seu contacto diário se afeiçoou, dando-lhe feição”. (Amaral, 1964:6)



Figuras 17 e 18 | Alçados da ala Norte, projeto de recuperação do Santuário de N.ª. S.ª. do Cabo, Fonte: IHRU, 1996.

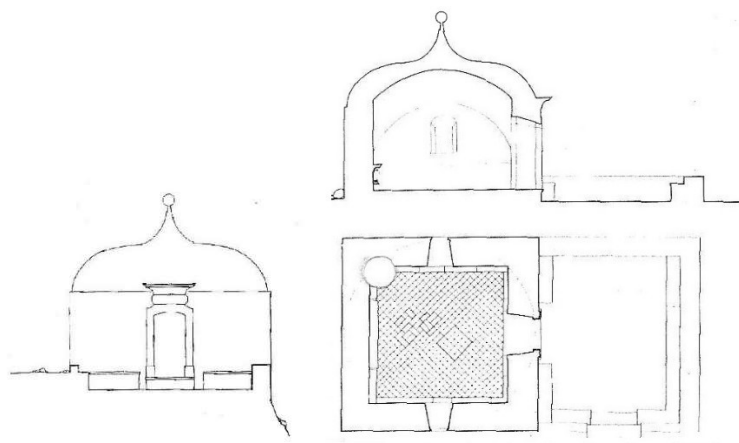
Junto à ala Norte das hospedarias e acedida por uma passagem em túnel, que liga o terreiro com o exterior a norte, encontra-se a estrutura que em tempos terá sido designada de Casa da Ópera.⁵



Figuras 19 e 20 | Casa da Água, corte transversal pelo acesso e corte longitudinal e planta, Fonte: IHRU

⁵ O jornal *Diário de Notícias* de 27 de Setembro de 1905, e o mesmo jornal passados vinte anos, dá a conhecer as atuações por parte de «um grupo de rapazes» neste velho teatro.

Arrematando todo o conjunto a este, no prolongamento do eixo da Igreja e do cruzeiro, e limitando visualmente o arraial, ergue-se sobre uma acentuada depressão do terreno, a Casa da Água, envolvida por um muro que é interrompida a norte por dois pequenos vãos, proporcionando uma visão do mar. Com uma escadaria de cinco lances, e no topo de planta hexagonal, paredes espessas e cobertura em cúpula, rematada por um lanternim de seis janelas. *“casa de fresco tão tradicionais na arquitetura palaciana e conventual dos séculos XVI e XVIII”*. (Pato, 2008:272) O seu interior possui bancos corridos, revestida por azulejos, com cenas de lazer ou refentes aos romeiros. Ao fundo encontramos uma fonte em forma de nicho. A água, era conduzida pelo aqueduto e repartida em hortas e tanques. A horta era composta por três plataformas: a mais elevada encontra-se orientada a poente; a intermédia, orientada a norte e protegida dos ventos; de cota inferior a plataforma central é totalmente protegida dos ventos, o terreno é húmido e de fácil irrigação.



Figuras 21 e 22 | Ermida da Memória, Francisco Keil do Amaral, et al, O santuário da Senhora do Cabo no Espichel, Fonte: IHRU

No limite do promontório, e renegada de toda a axialidade do conjunto, situa-se a Ermida da Memória ou Ermida de Santa Maria da Pedra da Mua, de forma cúbica e de planta quadrangular, coroada por um pináculo em bola. O seu interior é decorado por painéis de azulejos que descrevem a lenda e a construção do Santuário.

Existem vestígios do antigo Forte de Nossa Senhora do Cabo a oeste da Ermida da Memória, a poente no promontório.

II. V. EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA



Figura 23 | Painel azulejo no interior da Ermida da Memória que simboliza o início da sua construção, Fonte: Luís Marques, O paraíso no “fim do mundo”.

A edificação neste lugar, dá-se após o ponto de partida para o início do culto à Nossa Senhora, com a construção de uma cabana e um pequeno altar, no externo norte do Cabo Espichel, no mesmo local onde posteriormente em 1410-14 é construída a Ermida da Memória.



Figuras 24, 25 e 26 | Painéis azulejo no interior da Ermida da Memória que simbolizam o início da construção da antiga Igreja, Fonte: Luís Marques, O paraíso no “fim do mundo”.

Em 1439, inicia-se a constituição da Confraria de Nossa senhora do Cabo.

Em 1495, com o aumento da afluência de peregrinação, dá-se o início de construção da antiga Igreja, situada junto à Ermida da Memória. Neste mesmo ano, com a necessidade de abastecimento de água, é construída uma cisterna, junto ao lado norte da Igreja.

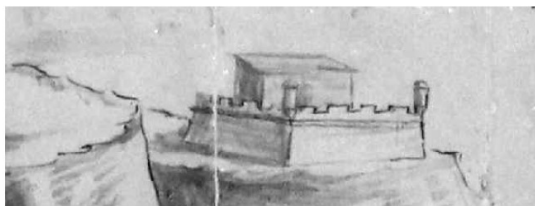


Figura 27 | Painel azulejo no interior da Ermida da Memória onde se pode ver o Forte de Nossa Senhora do Cabo, Fonte: Luís Marques, O paraíso no “fim do mundo”.

Em 1550, a Igreja deveria encontrar-se rodeada de hospedarias, “*que em circulo formávão hum arraial quase fechado*” (Santos, 2007:112)

Em 1672, próximo da Ermida da Memória, foi mandado construir o Forte de Nossa Senhora do Cabo, de forma a garantir a necessidade de proteger a costa marítima, a propósito das guerras da restauração, que viria a desaparecer nos séculos seguintes.

Em 1701 é ordenada por D. Pedro II, a construção da nova Igreja que corresponde à que se encontra hoje no Santuário.

A construção das hospedarias, no estado em que hoje encontramos, inicia-se em 1715, segundo princípios previamente definidos, configurando o novo arraial.

No ano de 1740, é construída e oferecida pela família real, uma berlinda à Nossa Senhora do Cabo, atualmente encontra-se exposta no Museu dos Coches em Lisboa.

Em 1744 indica-se as construções na ala sul, com a Casa dos Festeiros.

Com a necessidade de albergar um maior número de peregrinos em 1745 dá-se a sua ampliação das hospedarias.

Após o terramoto de 1755, parte parcial do conjunto edificado foi danificada e em 1770, o santuário sofre obras de restauro por ordem de D. José, bem como a construção da Casa d'Água, ladeada por uma horta. De forma a fazer chegar a água a este espaço, foi mandado construir um aqueduto com aproximadamente 2,5km. Neste mesmo ano, a pedido dos círios, sabe-se que foi mandada contruir a Casa da Ópera.

Em 1784 a rainha a D. Maria I desloca-se ao santuário.

Em 1790, a sul do Santuário foi construído o Farol do Cabo, por ordem do Marquês de Pombal.

Em 1794, o Santuário adquiriu a configuração atual, com o prolongamento da ala norte das hospedarias.

Entre o séc. XIX e XX dá-se um decréscimo na peregrinação, e após a queda da monarquia, o culto à Nossa Senhora vai perdendo o relevo, provavelmente devido ao facto que os mecenas deste culto eram os reis. O que vai contribuir para que todo o complexo fique ao abandono e comece rapidamente a degradar-se.

Em 1950 foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo decreto n.º 37728, de 5 de janeiro de 1950.

Em 1964, a Fundação Calouste Gulbenkian contrata um estudo do conjunto a vários arquitetos, com objetivo de intervir no conjunto, salientando a importância deste e não deixando cair no desaparecimento.

Entre 1964 e 1974, são realizadas obras de consolidação nas fachadas e telhados, a cargo da DGEMN (Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais). No ano seguinte, as hospedarias foram ocupadas ilegalmente, por famílias desfavorecidas, para servirem de habitação permanente.

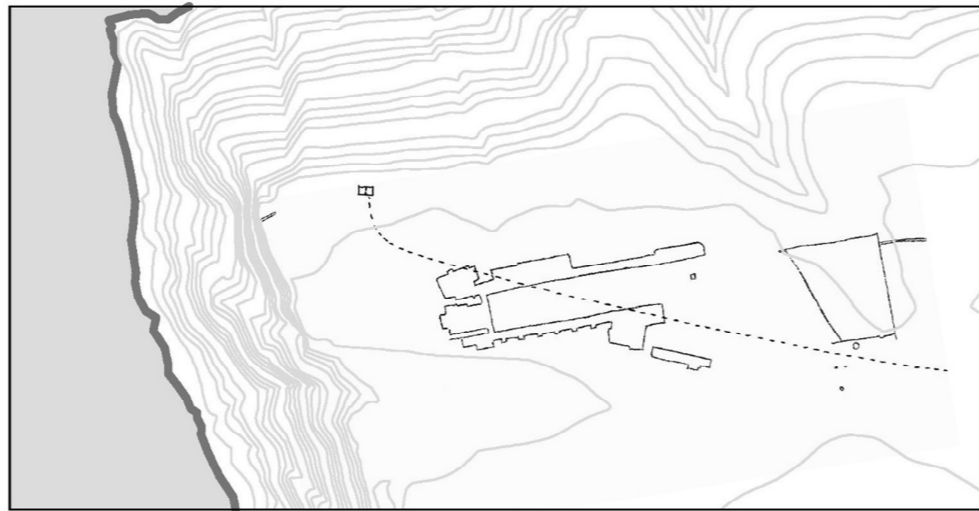
Em 1995 dá-se ordem para o seu despejo. Para que tal ato não se repetisse, as janelas e as portas do conjunto, excetuando da igreja e da Casa d'Água, foram emparedadas.

Em 1995, é criado um projeto do Ministério das Obras Públicas para a salvaguarda, reabilitação e preservação do Santuário. Este pretendia recuperar e reconverter a área envolvente para fins turísticos e culturais (a ala norte seria uma pousada, a casa da ópera um auditório; e após as obras da DGEMN, a ala sul e a igreja seriam devolvidas à confraria, para o culto). O projeto nunca se realizou, tal como outros com os mesmos enunciados que foram surgindo nos anos seguintes.

Entre 1997 e 2001, foram realizadas obras de recuperação e restauro na Igreja, que se encontra atualmente aberta ao público, sendo o local em melhor condição arquitetónica.

A partir de 2008, dá-se uma recuperação significativa do Santuário e da zona envolvente pela Câmara Municipal de Sesimbra, com a posterior reabilitação da Casa da Água em 2016. Neste mesmo ano a Autarquia local, adquire a ala norte das hospedarias ao Estado e sabe-se que vai ser posteriormente reabilitada.

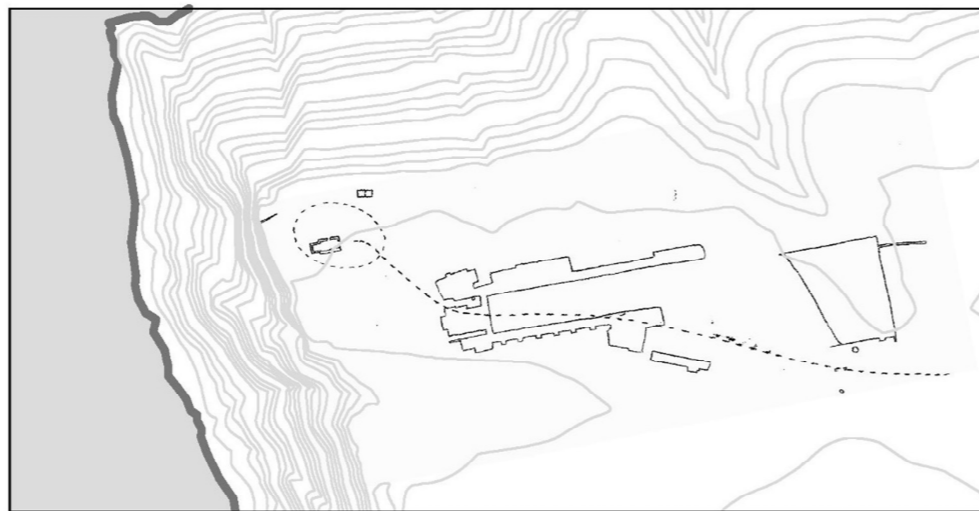
1414



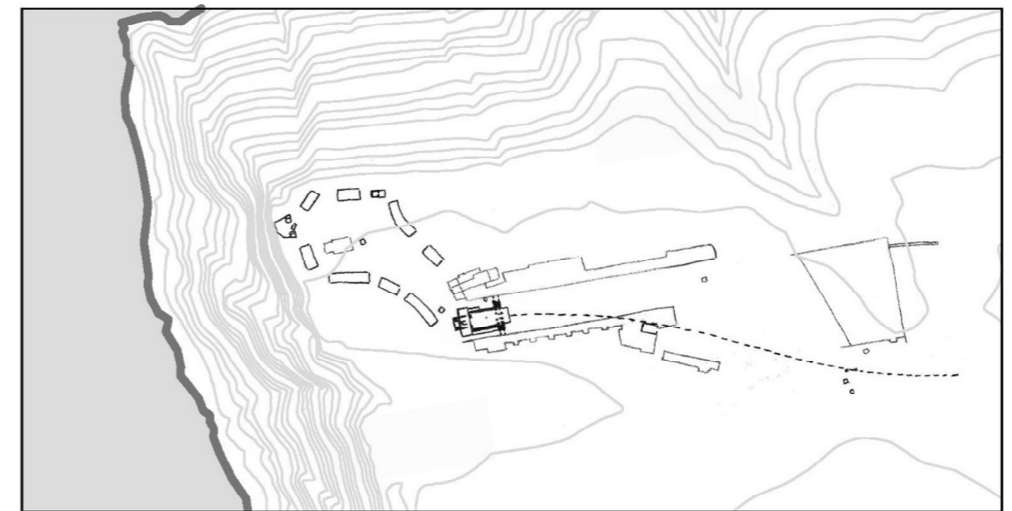
1700



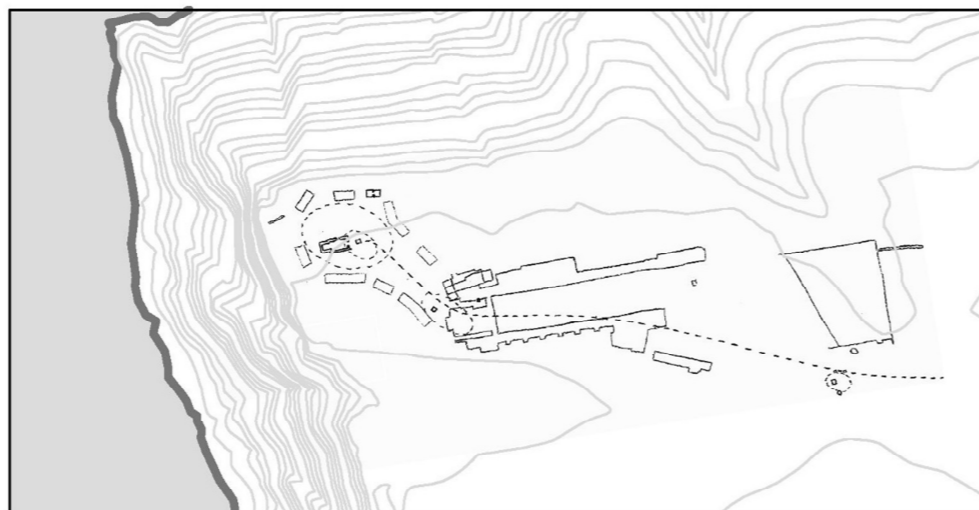
1495



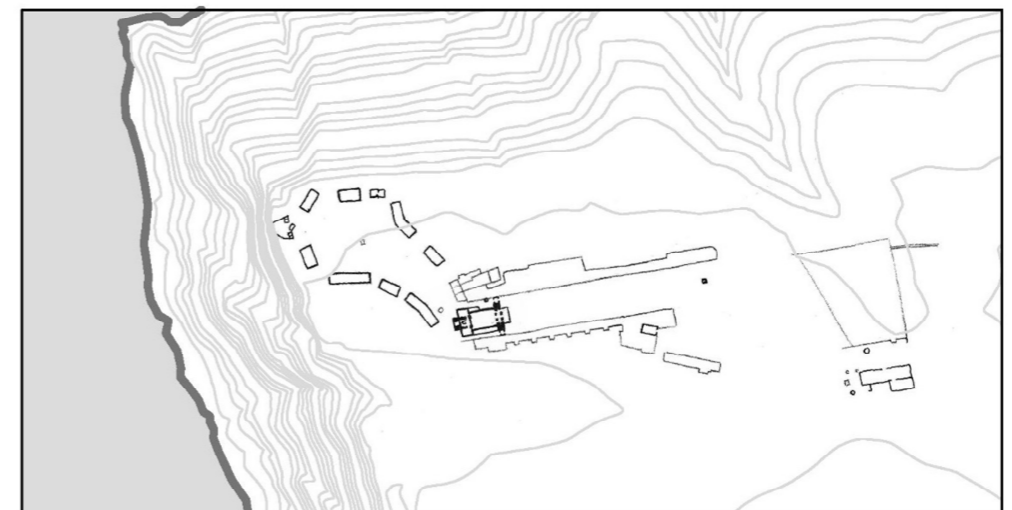
1707



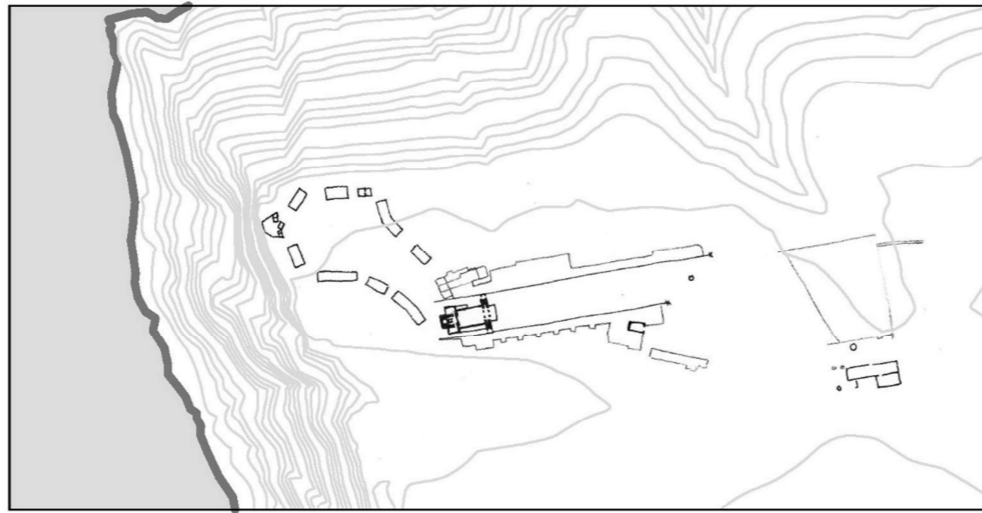
1550



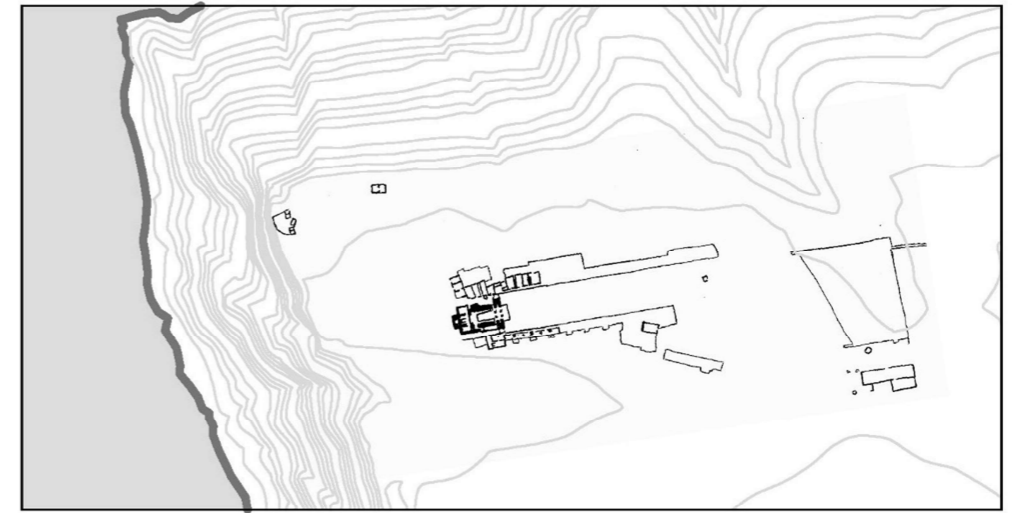
1710



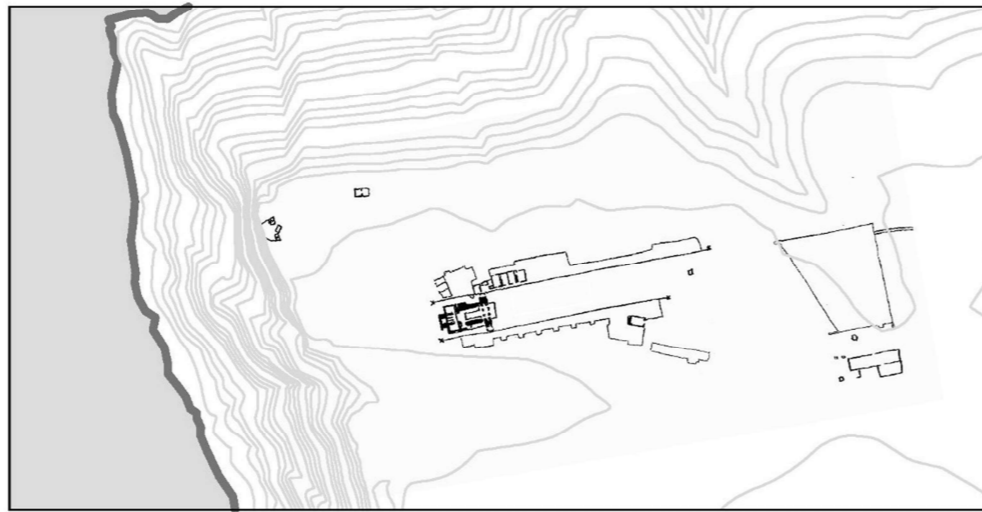
1715



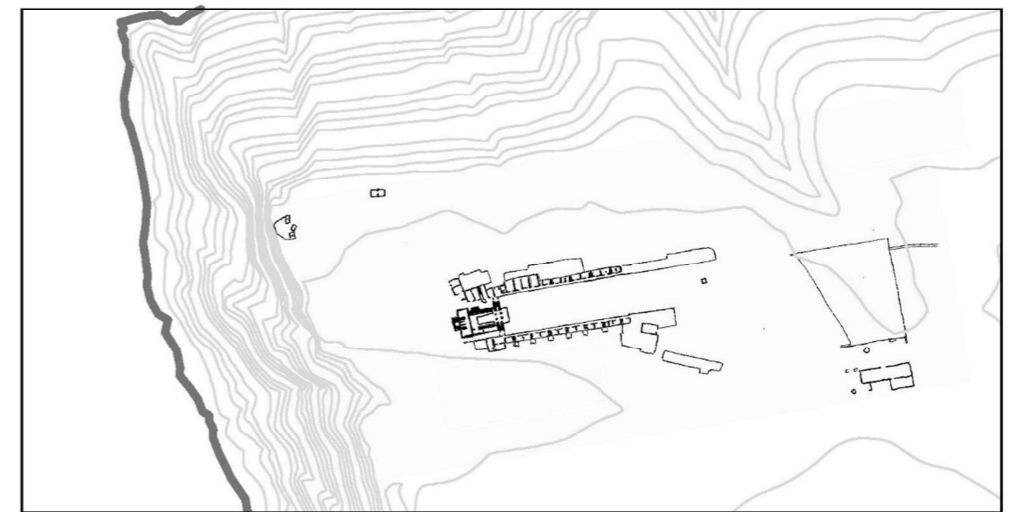
1760



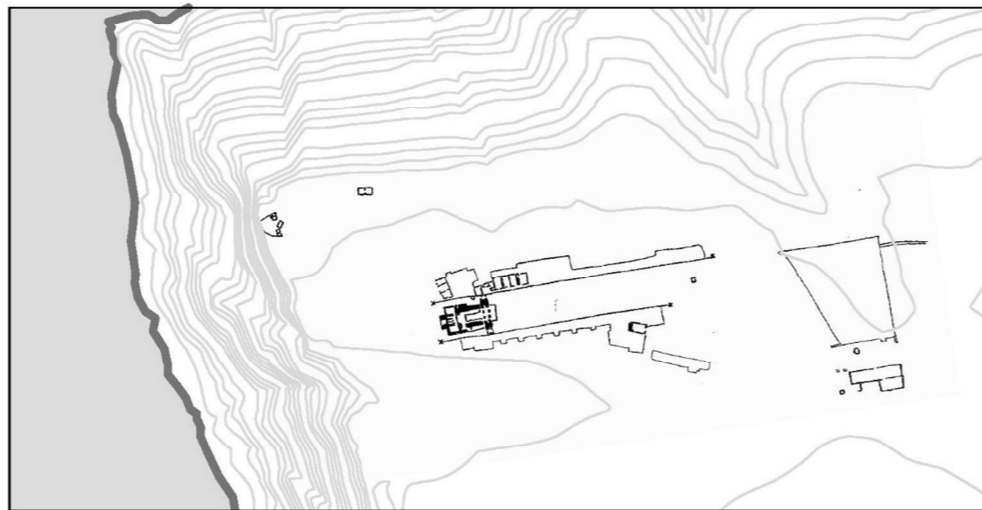
1718



1765



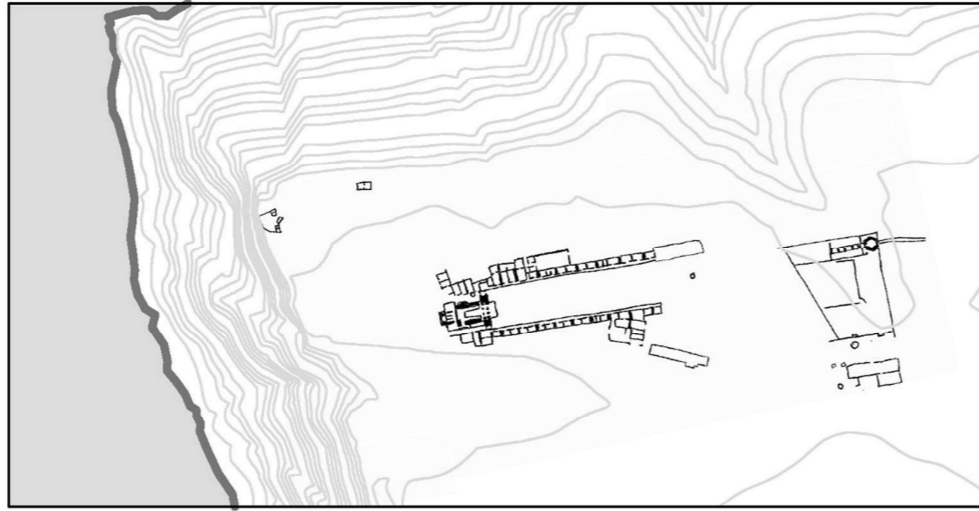
1744



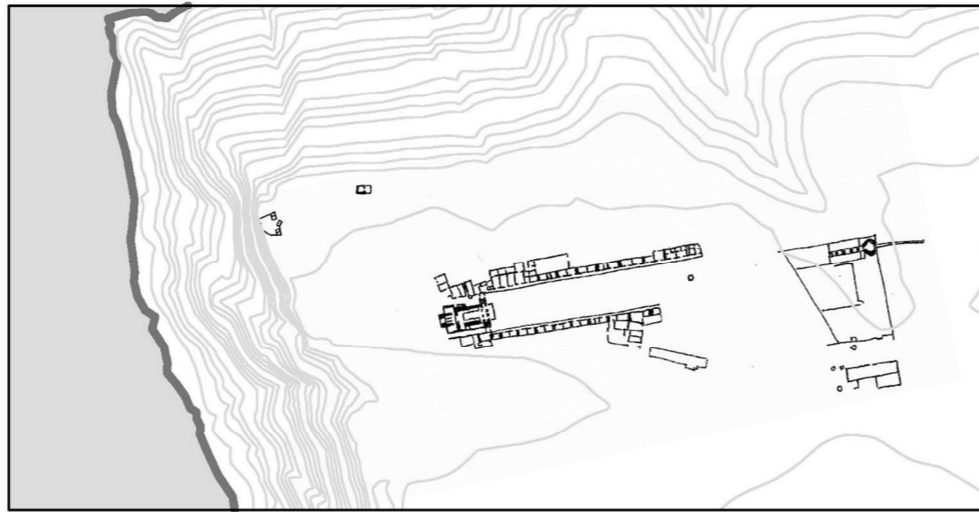
1770



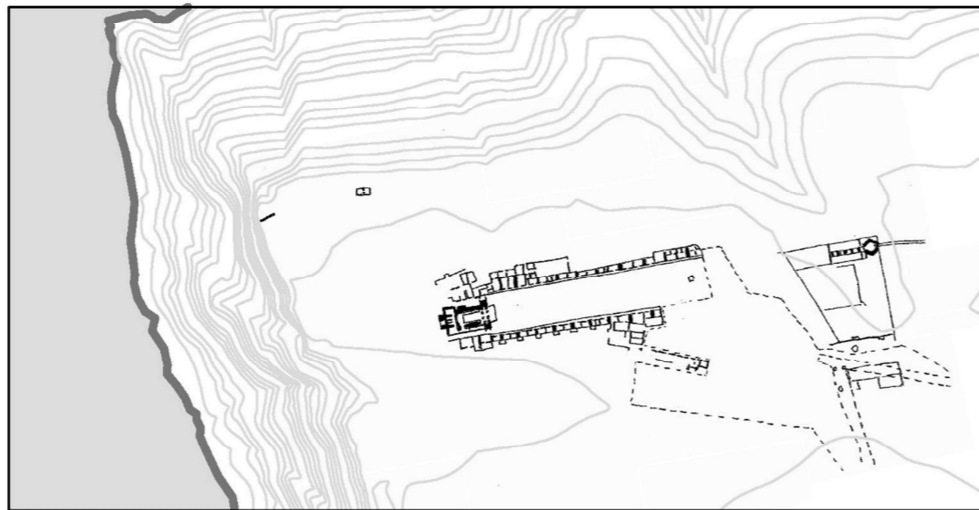
1794



2013



2016



CAPÍTULO III

O GENIUS-LOCI

A abordagem a este projeto, parte de uma leitura do sentido fenomenológico do espaço proposto por Christian Norberg-Schulz.

O carácter único de um lugar manifesta-se através capacidade de gerar entre si e quem a presencia uma interdependência. No Santuário, esse vínculo entre forma e sujeito é por demais evidente, não só pela sua própria função de culminar de peregrinação, como pelas suas características inerentes.

Trata-se de uma insubstituibilidade emocional e não somente física. Não é permissível colocar ali outro elemento construtivo que conceba um conjunto de sensações e sentimentos, e o acolhimento que o Santuário no seu todo proporciona.

A envolvente e a marcação do lugar resultante das hospedarias, conferiu-lhe um valor singular.

A analogia entre o Santuário poderá ser como de um progenitor. Um progenitor que vê e abraça e observa.

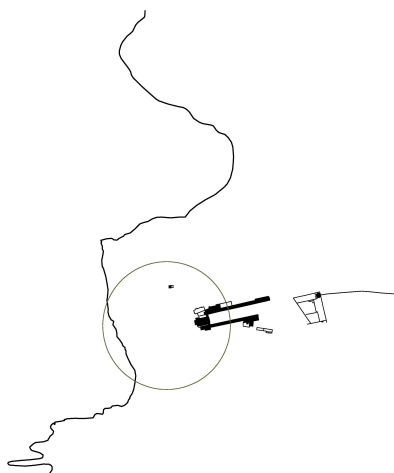


Figura 43 | O Promontório

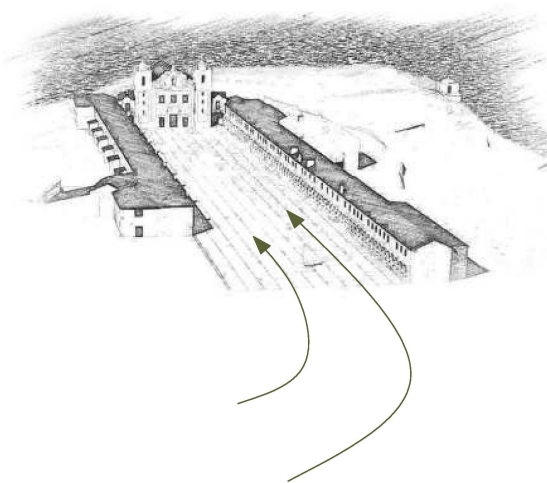


Figura 44 | Movimento de entrada no Santuário

O movimento de entrada faz-se sentir através da forma de implantação do edificado, negando a envolvente, virando costas ao mar; o modo como abraça quem chega, direcionado o visitante para o seu interior, limitando o campo de visão, da costa, do mar, através do ligeiro prolongamento da ala norte das hospedarias.

O Santuário tem um modo próprio de impor agradavelmente aos visitantes a sua acolhedora presença permitindo estabelecer uma relação entre ambos. Lugar que se apresenta como se estivesse a proteger o visitante da ravina e das suas intempéries, oferecendo uma privacidade absoluta pelo evidente isolamento que se faz sentir.

A luz que invade o Santuário ao longo do dia é desigual, um jogo de luz e sombra que se vai desenvolvendo, dá vida a toda a pedra ali existente e ao seu ritmo contínuo, porém imperfeito, de aspeto tosco, singelo, regrado e natural. No final do dia, o Santuário ganha um brilho diferente e especial, uma transformação acontece, é a luz que é diferente que irradia outro brilho.

O sentido da obra, Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel, a sua forte presença e o seu carácter basilar e único, que pode transmitir um sentido de esperança. De uma forma desmedida ou até mesmo resultante de um devaneio, onde o eu é levado pela imensidão do lugar, pelo movimento e direção do olhar, perpendiculares à linha de costa e guiados pelo horizonte, conduzindo rumo ao sol poente e ao oceano, o desconhecido, ao infinito que faz com que cada pessoa sinta que está perante uma presença grandíssima da natureza, algo maior que si mesmo.

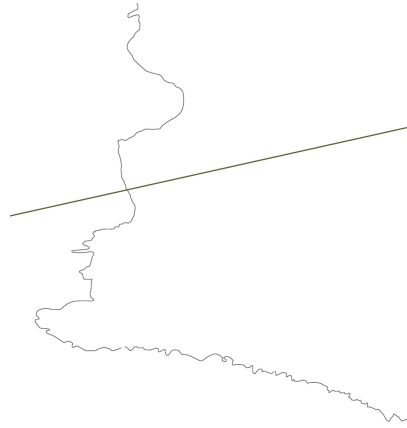


Figura 45 | Eixo este-oeste, projeção axial

É precisamente este movimento horizontal e linear que confere ao Cabo Espichel um sentido distintivo, marcante de quem o procura ou visita.

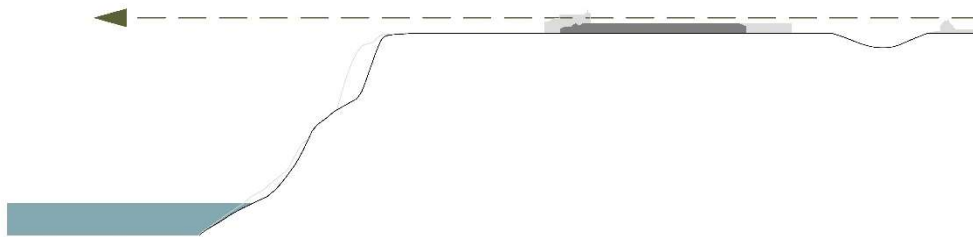


Figura 46 | Horizontalidade

E é esta relação com o horizonte, que remete para o infinito e transmite uma sensação de total liberdade. O que realmente acontece é que, quem visita o promontório, independentemente do motivo, algo transcendental acontece, invoca o íntimo de cada um, conduzindo à introspeção. Um sentimento de proteção invade o Homem, como se o abraçasse, consolasse e aconchegasse, concedendo a este espaço um carácter distinto.

Este sentido distintivo nasce na ligação entre sujeito e objeto. O estudo do gesto surge então para sua percepção, que conduz o Homem numa jornada, uma vez que este é a expressão do que a obra arquitetónica cria no sujeito. Este é um lugar de extrema importância para a religião, um lugar com um significado singular, pois, segundo reza a história, foi no Cabo Espichel que se sentiu o nascimento de Cristo.

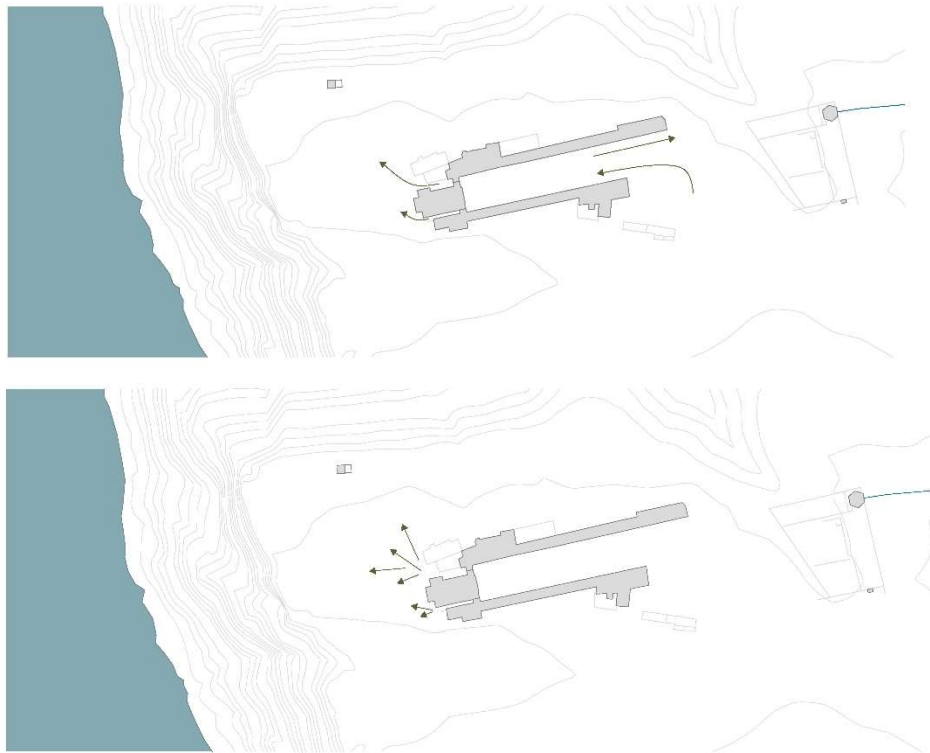


Figuras 47 e 48 | Composição axial do conjunto

A possível devoção que se pode viver no recinto criado pelo Santuário, poderá ir de encontro às carências vividas no dia-a-dia, a igreja que se afirma hierarquicamente, ambos funcionam em conjunto e poderão proporcionar conforto e acolhimento, unindo imperiosamente a cosmificação da praça, poderão despertar em o anseio de querer permanecer naquele lugar, de querer vivê-lo, de querer contemplá-lo tranquilamente, de querer disfrutá-lo, a sós ou acompanhado.

O Sentido do Cabo Espichel propiciar conforto, onde os sujeitos são levados pela imensidão do lugar, contrariamente ao que acontece no claustro dos Jerónimos, a direção do olhar é na horizontalidade e não na verticalidade, determina declaradamente o movimento, para infinito, para o por do sol, para o oceano, o desconhecido.

“Após a análise de lugares de relação peculiar e privilegiada com o mar, lugares que se encontram na mesma categoria de lugares que o Cabo Espichel, descobre-se os sítios da Nazaré e de Sagres, onde as experiências vivenciadas são do mesmo género das que acontecem no Cabo Espichel, na medida em que dali se obtém uma perspectiva sobranceira sobre a costa e uma ampla panorâmica do horizonte marítimo, com as concomitantes ressonâncias existenciais e metafísicas. No Cabo Espichel sente-se uma proteção, que se vira completamente de costas para o mar e apresenta o horizonte infinito, algo que não se experiencia nos sítios da Nazaré e de Sagres.” (Abreu: 2007)



Figuras 49 e 50 | Momento de saída para o exterior

Percorrendo o Santuário e chegando ao promontório, é junto à Ermita que se escolhe um local para permanecer e contemplar.

Ao estabelecer contacto visual com o lugar, brota uma pura contemplação, sossegada, tranquila e segura, sente-se como se houvesse uma viagem no tempo, que induz o gesto. E é esse mesmo gesto que se movimenta intuitivamente e que produz a sua própria melodia, difundido o seu sentido.

É muito importante referir, que a arquitetura, o seu sentido e, a sua relação com o Homem, redescobre a sua dimensão interior. A presença do Santuário faz-se sentir, sendo a sua presença a garantia de algum amparo e proteção aquando do confronto. Esta segurança promete algum equilíbrio ao diálogo com as forças naturais, que sem a presença do edificado seria demasiado desigual e perante o qual o ser humano se sentiria diminuído, não sendo capaz de o apreender, também como aquilo que ele concede sua interioridade.

O Cabo Espichel atua numa busca por algo que supere o Homem, enche-o respostas de uma forma diferente, como se algo celestial e misterioso o guiasse. A imensidão do mar e das arribas fazem qualquer um se sentir diminuto perante a paisagem.

CAPÍTULO IV

DESENHAR NO LIMITE: CASOS DE ESTUDO

“O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência”. (Heidegger, 2001:134)

O tema do limite tornou-se pertinente para a realização deste trabalho, na medida em que, após o conhecimento do local, o significado de limite está-lhe implícito, a existência de uma extensa superfície em que é delimitada por uma “linha”, que termina ali.

Os limites poderão ser, temporais, representativos, os visuais e físicos

Para este trabalho destacam-se os limites físicos, topografia, a falésia, as escarpas, o oceano, são barreira onde não é possível prosseguir caminho.

Neste sentido, tornou-se imperativo realizar uma análise a quatro casos de estudo, nomeadamente as Piscinas de Leça da Palmeira, a Casa das Mudas, o Museu do Fôz Côa e o Museu Judaico. Com esta análise, pretendeu-se compreender a sua localização e a sua forma de implantação, de encaixe no terreno, como é feito o acesso e de que forma a materialidade se relaciona com a paisagem, como determinado edifício ou estrutura constrói um pensamento crítico sobre o local onde se implanta, nomeadamente junto de um limite físico.

PISCINAS DE LEÇA DA PALMEIRA | ÁLVARO SIZA

No projeto das Piscinas de Leça da Palmeira, Álvaro Siza pode-se observar duas formas de percurso, de lidar com o limite, a função e a contemplação, seguindo em conjunto, numa espécie de jogo de “esconder e revelar”.

Localização | Na Praia de Leça na Freguesia de Leça da Palmeira. O conjunto de piscinas de água salgada está localizado no litoral de Matosinhos, entre o acesso a costa e o mar.

Implantação | Este complexo passa despercebido devido a forma que se encontra implantado. Tem uma ligação entre as piscinas e as infraestruturas que proporcionam uma ligação / envolvimento.

Acessos | O acesso ao edificado é paralelo à estrada e faz-se através de uma suave rampa em betão. Percorrendo o corredor temos acesso aos balneários, entrando-se numa série de plataformas depois de sair destes.

Textura e Materialidade | Construído em betão e pedra natural, de tons ligeiramente diferentes marcando o que é construído e natural. As paredes de betão tem uma textura áspera, semelhante ao natural.

Relação entre interiores/exteriores | Sem vistas, o oceano torna-se apenas audível dentro do edifício. O modo como foi projetada a piscina projeta esta sobre o mar, Essa indefinição intencional confunde a compreensão real do limite criado, e assim, aumenta visualmente a extensão do espaço. Virando-se para o mar, a água torna-se novamente a visão dominante e as piscinas aparecem entre o vasto oceano e o complexo.

CASA DAS MUDAS | PAULO DAVID

Pela análise à Casa das Mudanças é perceptível que o arquiteto Paulo David procurou recriar a topografia de socacos existente na região onde o edifício se insere na topografia.

Localização | O Centro das Artes localiza-se na Calheta, na ilha da Madeira. O edifício que pontua a paisagem, colocando-se na linha de fecho em que o limite é o oceano.

Implantação | O edifício molda-se a topografia como um conjunto de fragmentos onde a geometria de carácter abstrato destaca-se da intervenção, desenhado como um corpo singular para o lugar. O embasamento que acontece da adaptação à topografia, onde o arquiteto projetou uma grande plataforma que se contrapõe nos diferentes desníveis.

Acessos | Uma rampa conduz o sujeito ao acesso principal que o leva a um pátio-pivot quadrado a partir do qual todos os usos presentes no programa do centro se distribuem de forma independente à cota superior e com ligações possíveis à inferior. A disposição fracionada dos usos citados, possibilita uma gestão independente de cada módulo no complexo edificado, admitindo uma maior flexibilidade na sugestão dos percursos que se distribuem pelas zonas expositivas.

Textura e Materialidade | De forma a se aproximar à textura e cor da envolvente circundante, o arquiteto utilizou basalto.

Relação entre interiores/exteriores | O corpo desenvolve-se ao longo de um eixo longitudinal, orientado sensivelmente na direção norte/sul. O corpo edificado escavado e esculpido, propõe uma experiência subterrânea. Os espaços exteriores subtraídos ao corpo conceptual original.

MUSEU DO FÔZ CÔA | TIAGO E CAMILO REBELO

Edifício que se projeta para além do limite, o Museu de Foz Côa, foi projetado pelos arquitetos Tiago Pimentel e Camilo Rebelo.

Localização | O Museu está localizado em Vila Nova de Foz Côa. Encaixado entre o Vale de José Esteves e o Vale do Forno, corpo edificado assome-se em geometria triangular.

Implantação | A topografia acentuada impôs-se de certa forma nas opções, pois dificultava a relação entre a porta do museu e o respetivo interior.

Acessos | A cobertura é percorível e dá-nos acesso ao átrio de entrada do museu. Deste modo a entrada para o Museu é feita através do acesso principal, que nos guia e direciona. Construído em quatro pisos, organizados por um sistema de circulações verticais e horizontais.

Textura e Materialidade | O projeto dos dois arquitetos assenta num enorme monólito de betão com uma textura semelhante á do xisto local, betão com inertes e pigmentos de xisto, procuraram dar continuidade cromática da paisagem.

Relação entre interiores/exteriores | É de forma natural que a relação do corpo do Museu se relaciona com a topografia. A plataforma assume como nível, a cota de chegada, enquanto espalha, naturalmente, a condição do terreno ao longo do edifício, mostrando-o totalmente no extremo.

MUSEU JUDAICO DE BERLIM | DANIEL LIBESKIND

O Museu Judaico de Berlim projetado pelo arquiteto Daniel Libeskind. Trata-se de uma obra repleta de simbolismos, conetando-se à sua arquitetura com o tema do museu, a história dos judeus na Alemanha, a perseguição e o holocausto. Para Daniel Libeskind, este projeto são duas linhas de pensamento, a organização e o relacionamento.

Localização O Museu Judaico de Berlim está localizado em Berlim, alinhado com o *Kollegienhaus*, um antigo tribunal.

Implantação De um lado encontra-se implantado o edifício antigo, do outro, uma construção moderna e arrojada em zigue-zague. Uma é uma linha reta, mas quebrada em muitos pedaços, a outra, é uma linha sinuosa.

Acessos O Museu Municipal de Berlim, é o acesso principal e único para o Museu Judaico, conectando-se somente internamente por uma longa e escura escada que se encaminha para o subsolo. Uma passagem subterrânea liga diretamente à junção dos três eixos principais, que assinalam as três hipóteses trilhadas pelos judeus alemães: Os eixos do holocausto, do exílio e da continuidade.

Textura e Materialidade Com um aspeto monolítico em metal, apresentando fenestrações, que não são perceptíveis, que rasgam o duro revestimento de zinco.

Relação entre interiores/exteriores No subsolo, os três eixos principais, ligam-se a outros espaços “vazios” desligados do corpo principal, originando corredores estreitos e que apresentam ângulos, sendo que, o teto vai estreitando e ficando cada vez mais baixo. Os eixos se cruzam e entrelaçam, formando um espaço que não deixa muita certeza sobre onde se encontra e sobre o que está no exterior. As aberturas do museu são pequenos rasgos.

CAPÍTULO V

**O PROJETO:
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA LENDA,
DA HISTÓRIA E DO CULTO
DE NOSSA SENHORA DO CABO**

V. I. NECESSIDADES / EXPETATIVAS

Para equacionar uma intervenção no Santuário da Nossa Senhora do Cabo Espichel, é necessário compreender quais os aspetos que contribuem para a sua singularidade e identidade, de forma a poder dar respostas às necessidades dos nossos dias, sejam estas necessidades de conforto, iluminação, barreiras de proteção, etc.

O conjunto edificado tem vindo a sofrer pequenas intervenções, criando um novo paradigma na relação com o património e no modo como se pretende que este esteja disponível e acessível. O que aos poucos tem vindo a provocar uma modificação significativa mas muito intrusiva em todo o conjunto, originando uma manipulação do seu significado.

A intervenção da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, ao encerrar todos os vãos das hospedarias, o que evitou o uso inapropriado das suas instalações, mas também, condiciona a possibilidade da sua utilização, levando a um maior estado de degradação e precisando que esses espaços sejam requalificados urgentemente. Com a impossibilidade de pernoitar e o entaipamento das hospedarias, originou a ocupação dos espaços envolventes ao Santuário com barracas montadas de forma espontânea.

A Casa da Ópera, as construções que ladeiam a Igreja a norte e as construções que existem à entrada do Santuário, encontram-se num estado avançado de ruína, necessitando urgentemente de intervenção.

À entrada do Santuário foi colocado um contentor de energia elétrica, junto ao caminho de acesso ao Farol do Cabo Espichel e a Bateria Militar, deverá ser repensada a forma como este espaço deve abastecido de iluminação.

No arraial, numa tentativa de evitar o estacionamento abusivo, a Câmara Municipal limitou o seu perímetro com picaretas a este e a sul; posteriormente levou à sua pavimentação com gravilha. O arraial ganhou novos limites, artificiais, e a sua sonoridade mudou drasticamente. Desta forma, o movimento natural na direção da falésia altera-se, bem como a solenidade do espaço, o silêncio é essencial para este, a aura de interioridade perde-se, não só pelo som perturbador mas sobretudo pela dificuldade de movimentos provocado pelo piso.

Com base nas necessidades e expectativas, que se pretende que, a intervenção no Santuário possa ser lida como um modelo alternativo, cuja metodologia, com as devidas adaptações, poderia eventualmente, ser aplicada em casos similares.

Pretende-se com a realização deste trabalho, não só restabelecer a vocação primordial de Santuário de peregrinação, como também, propiciar uma nova experiência a qualquer visitante. Conjugando o sentido sagrado, vincado pelo culto que ainda hoje se mantém, com o sentido profano, razão pela qual se constituiu neste promontório um grande terreiro. Deste modo, pretende-se que o projeto de arquitetura de recuperação do conjunto possa reabilitar os espaços existente, de modo torná-los úteis, as vivências do lugar, bem como a criação de espaços complementares como o Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo. Desta forma, estabelecer uma continuidade em relação ao passado e um passo em direção ao futuro. Para tal, deseja-se que a sua condição de permanência temporária seja mantida ao longo de todo o ano, albergando não só os seus devotos, como também outros visitantes.

V. II. DESENHO DA PAISAGEM: DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA LENDA, DA HISTÓRIA E DO CULTO DE NOSSA SENHORA DO CABO

O programa é construído pelo lugar, integrando-o construtivamente na sua vivência. É um programa cultural, poético, de contemplação, de meditação e reflexão, pois incide sobre os seus princípios primordiais, o seu significado que não é diretamente visível mas que está ao alcance de todos. Assim, pretende-se potencializar o horizonte, a paisagem, as vivências, através dos percursos, transmitindo aos seus visitantes, sejam estes, peregrinos, turistas ou simples visitantes, um lugar de refúgio.

Assim sendo, julga-se que o Santuário de Nossa Senhora do Cabo poderá ser, em certa medida, um local propício a retiros religiosos ou espirituais. Em Portugal, existem vários sítios focados nesta ocupação, devido ao cariz das ocupações das peregrinações que possuem os lugares para as habitações, cozinhas, casas de banho e outros equipamentos comuns necessários, cujo exemplo pode ser seguido.

Também as grandes dimensões do lugar permitem que vários grupos possam conviver em conjunto, sem que no entanto se perturbem. Também as peregrinações fundacionais do culto não devem ser descuradas, a sua continuidade deve ser fomentada e facilitada. As práticas culturais e tradicionais que aqui ocorrem e ocorreram, o percurso dos círios até e neste lugar, as festas, as refeições, o teatro, as

pernoitas, têm de ser bem entendidos, para que possam ser incorporados no seu processo de revitalização.

O espaço proposto estará ligado ao ato de viajar, colecionar, documentar, conservar, investigar, expor, comunicar e interpretar. É um local de pesquisa e estudos, com espaços específicos, de entrada, espaço de exibição, de descanso, espaços de auditório, cafetaria e zonas administrativas e de arrumos. Desta forma o edifício deve ser conceptualizado de forma a se adequar à sua função.

Deste modo, o Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo, no Cabo Espichel, cuja localização no complexo foi cuidadosamente pensada para que se não torne impositivo nem passe despercebido e salvasse o património natural e imaterial, tem como princípio, contar ao longo dos tempos, as viagens neste e até este, através de mitos e lendas, de histórias de vida dos romeiros, bem como da respetiva documentação e dos seus testemunhos materiais e recuperação e integração museológica de elementos, tais como, a berlinda de transporte da imagem da Nossa Senhora, durante as cerimónias.

Deverá conter um espaço expositivo central de maior dimensão, onde se define, essencialmente, como um Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo. Um centro de investigação, documentação e conservação, com valências dedicadas quer à Paleontologia como à Geologia, quer à Antropologia e à História da Arte. E um espaço expositivo de menor dimensão dedicado à Arqueologia.

Estes vários espaços serão interligados por lugares de refúgio, de contemplação, de meditação e reflexão.

V. III. ESTRATÉGIA

“Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa, primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontra o seu lugar.” (Zumthor: 2009,9).

O projeto pretende incidir numa limite, o que é habitar um finisterra, um local excecional e especial da geomorfologia de costa, relacionando-se com a arquitetura existente, a paisagem, orientação e exposição solar, morfologia do terreno, enquadramentos visuais.

É essencial que o projeto tenha duas vertentes de intervenção. A primeira a nível territorial, onde se compreende a importância dos elementos existentes, naturais e construídos, fazendo uma proposta de vários momentos que exaltam ou ligam estes locais. Vertente de união entre território natural e construído, onde se ligam trilhos e edifícios ou criam espaços de estar e/ou observar. A segunda vertente, assenta no edifício colocado no limite do promontório, no local onde já anteriormente era feita a vigia e defesa da costa. Deste modo, pretende-se saber de que forma o edifício se vai relacionar com o terreno, a sua implantação, o seu encaixe, como é que a sua materialidade vai estabelecer relação com a paisagem.

Deverá ser mantida a forma de acesso mais usual ao promontório, habitualmente realizada pela passagem mais a norte da Igreja; a memória e presença do muro existente, no limite do promontório, que outrora tinha sido um dos limites do Forte da Nossa Senhora do Cabo; acompanhar, sempre que possível, a linha de frente com fenestrações que permitam o máximo de acesso solar e vista sobre o oceano e a paisagem.

Deste modo, a estratégia de desenhar o limite intervém no projeto através do afirmar da linha do horizonte, criando espaços de refúgio, reflexão, meditação contemplação, num percurso de revelações de momentos.

O edificado proposto, é um Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo, no limite e numa cota inferior ao promontório, serve de complemento a todo o conjunto edificado existente, de forma a valorização o património natural, imaterial, construído e descrever através da sua forma e percursos a lenda de Nossa Senhora da Pedra da Mua.

Situado numa falésia, não deixando quaisquer ambiguidades e equívocos quanto à sua localização. O sentido afirmativo do Centro Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora, do seu corpo, é importante, quer na leitura da sua relação com a paisagem, quer quanto à sua natureza tipológica, deve ser formalizada enquanto massa física.

CABO ESPICHEL

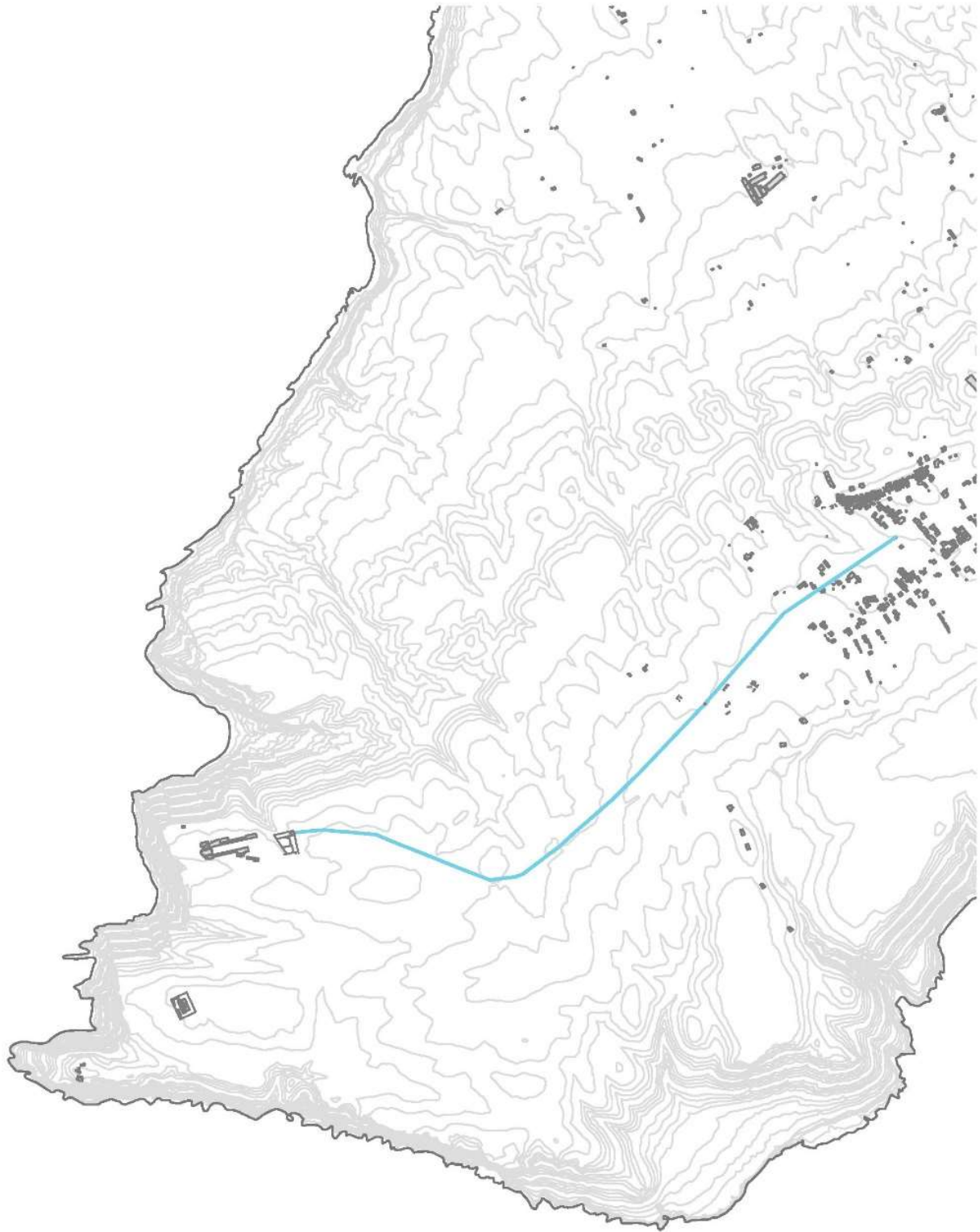


Figura 51 | Planta da zona envolvente ao Cabo Espichel
Estrutura Edificada 
Aqueduto 
Esc. 1/20000

CABO ESPICHEL

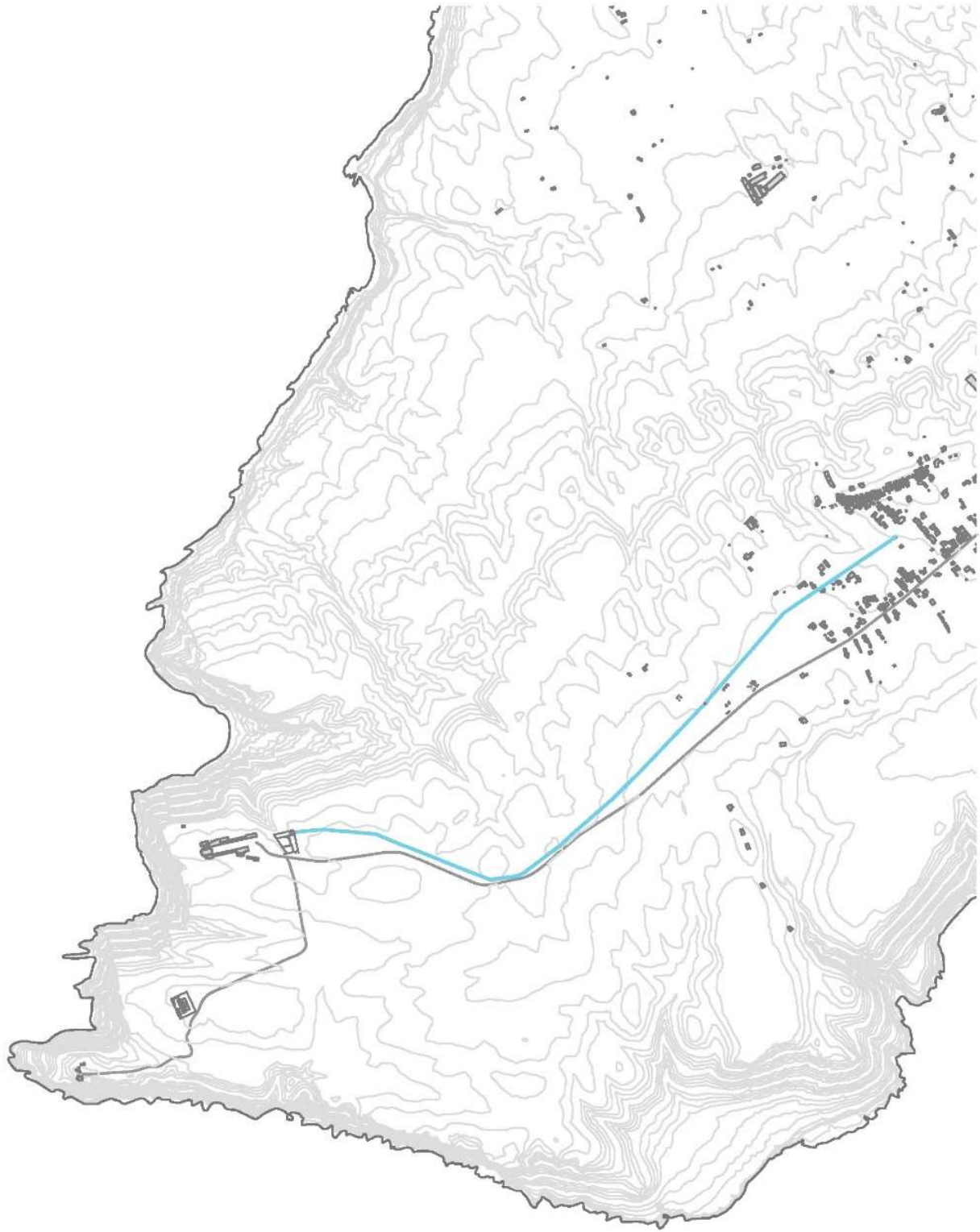
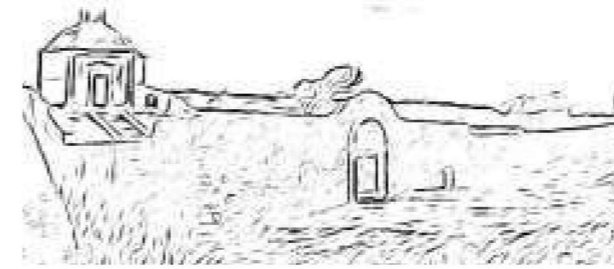


Figura 52 | Planta da zona envolvente ao Cabo Espichel
Chegada ao Cabo Espichel
Esc. 1/20000



1 A Casa da Água



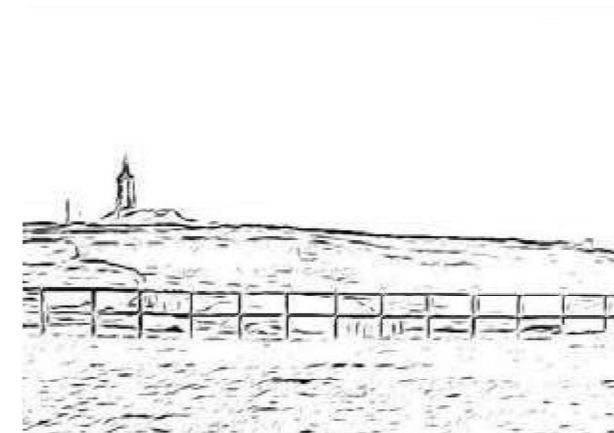
2 O Terreiro



3 A Ermida da Memória



4 A Igreja



5 Vista para o Farol



6 Vista para o Santuário



7 O Farol



8 A Bateria Militar



Figura 53 | Planta do Cabo Espichel - Vistas
Esc. 1/10000

V. IV. PRINCÍPIOS ARQUITETÓNICOS

A proposta de organização do espaço assenta nas seguintes linhas orientadoras, de acordo com a leitura do lugar.

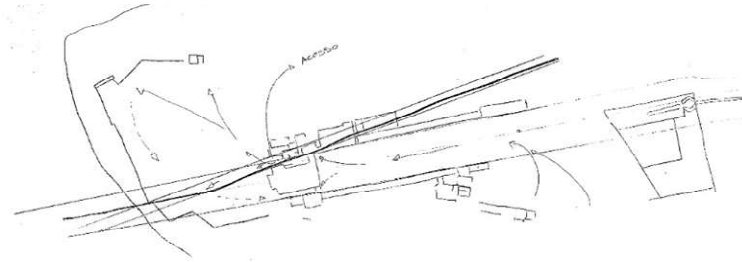


Figura 54 | Movimento de entrada e saída

O movimento de entrada no Santuário, faz-se sentir quando transpomos a Casa da Água e o olhar guia-nos para o arraial. Para o atravessamento do terreiro, poderá este movimento ser mais sentido neste lugar devido à forma das suas hospedarias, do ligeiro avanço da ala norte, em relação a ala sul, como que um braço mais comprido, que limita a visão a norte de quem entra no Santuário.

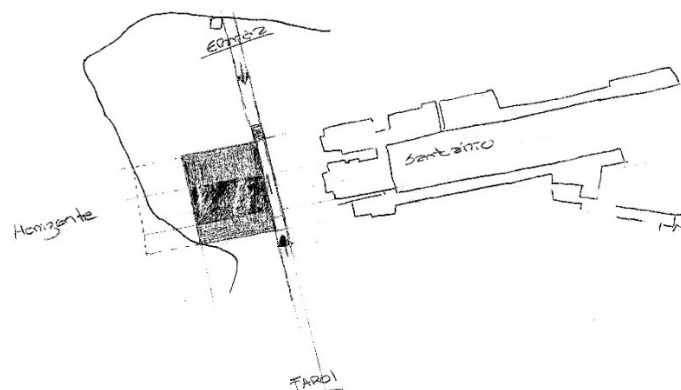


Figura 55 | Pontos relevantes e Orientações

Quem decide encaminhar-se a ente Cabo, move-se de este para oeste. Lugar de grande complexidade histórica, de vivências, composto por vários elementos edificados a Igreja, o Farol, a Ermida da Memória e pontos relevantes, tais como, a topografia que estende-se até ao oceano, e a sua forma recortada criando limites.

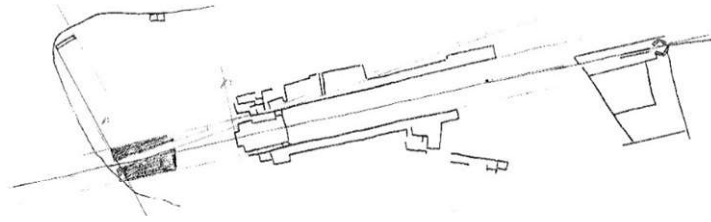


Figura 56 | Eixo este-oeste, axialidade do conjunto

O sentido este-oeste e a composição axial do Cabo, reafirmada com edificação do conjunto arquitetónico é uma característica excepcional deste lugar, desta forma considerou-se importante, ser pensada e desenhada como uma linha geradora de projeto.

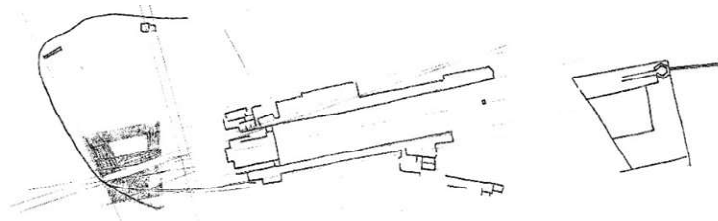


Figura 57 | Linhas de referência

A volumetria surge do limite do arraial, das linhas provenientes do prolongamento das hospedarias, cruzando-se com as linhas da antiga fortificação do Forte de Nossa Senhora do Cabo e da Ermida da Memória.

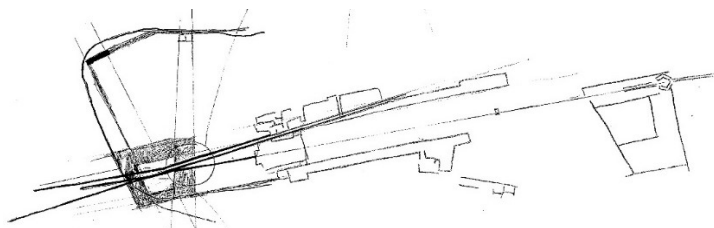


Figura 58 | Horizontalidade

A horizontalidade do espaço e a sua axialidade, dividem a massa volumetria em duas partes recriando um espaço central a semelhança do que acontece no Santuário.

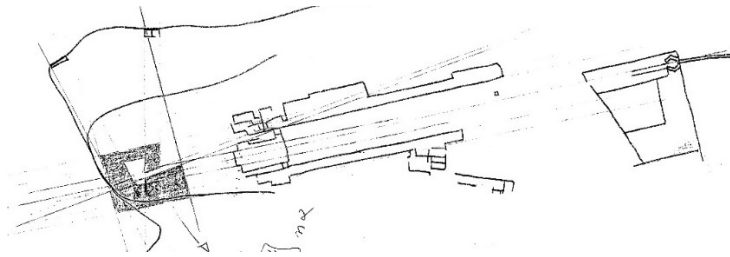


Figura 59 | Linhas geradoras

O forma desenhada parte do princípio de composição do Santuário, recriando na sua entrada um avanço, um prolongamento do lado norte.

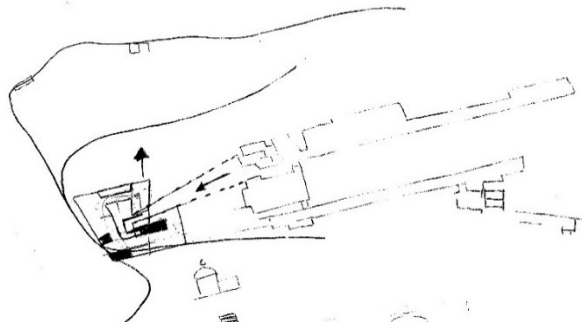
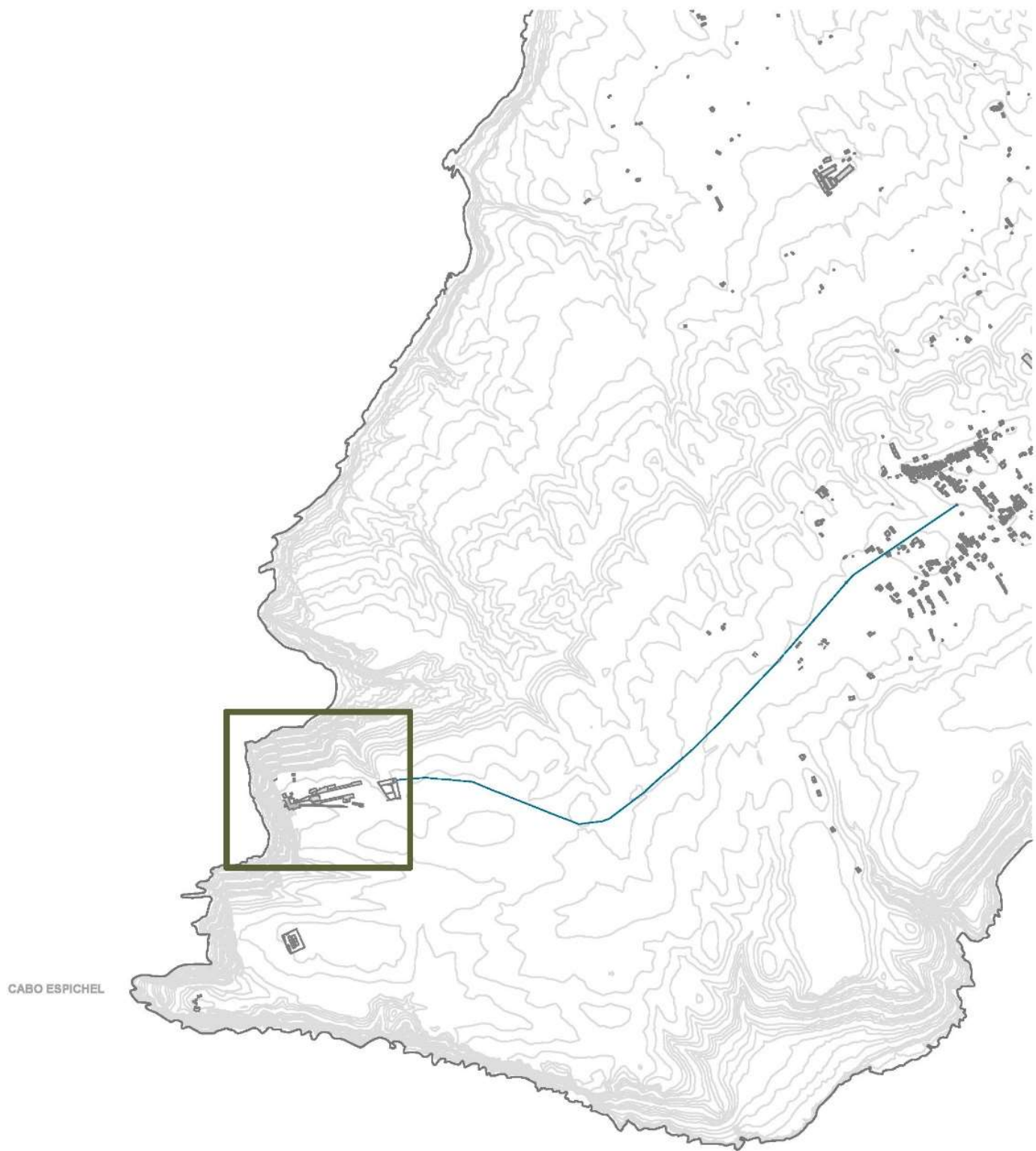


Figura 60 | Intenção de entrada e saída no edifício proposto

Com base na leitura da forma e do sentido deste lugar, anteriormente analisados, considerou-se relevante manter o percurso usual de quem o visita.

A forma do corpo do Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo é retangular e resulta dum processo de lapidação ditado pela geometrização abstrata da topografia e do edificado existente.



CABO ESPICHEL



Figura 61 | Planta do Cabo Espichel
Área de Intervenção
Esc. 1/20000



Local de Intervenção



Figura 62 | Ortofotomapa do Cabo Espichel, Local de Intervenção

Fonte: Câmara Municipal de Sesimbra

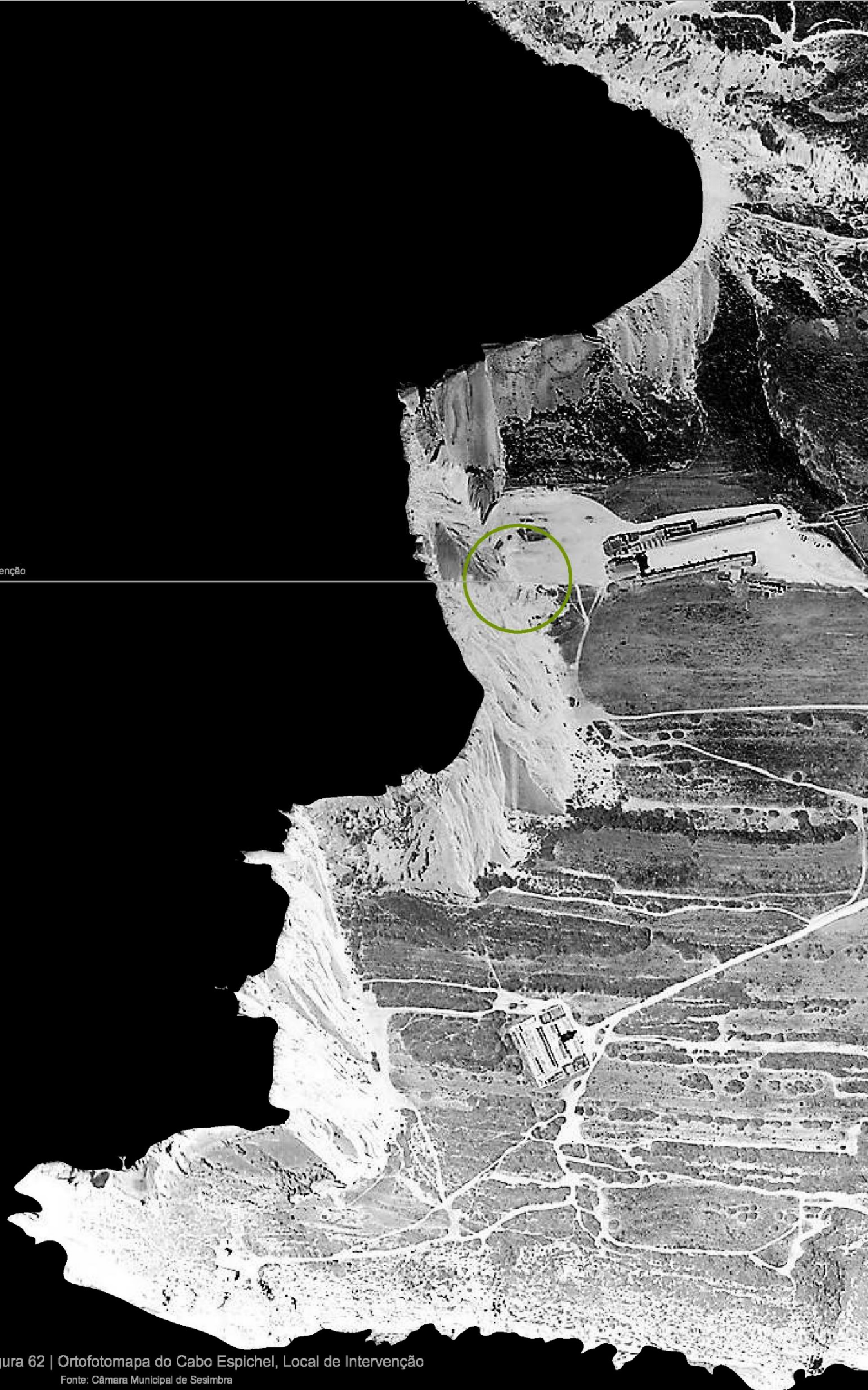




Figura 63 | Maquete do edificado existente – Vista de Oeste

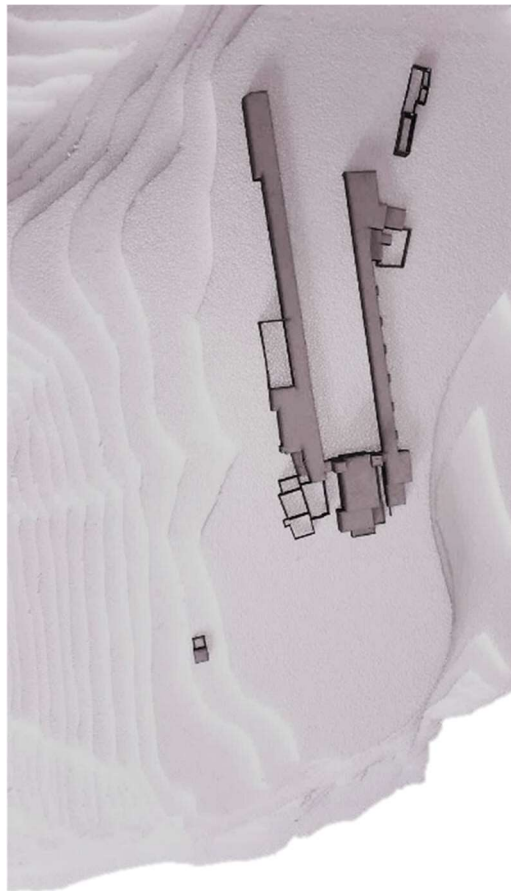


Figura 64 | Maquete do edificado existente – Vista Superior



Figura 65 | Maquete do edificado existente – Vista de Sul



Figura 66 | Maquete do edificado existente – Vista de Norte



Figura 67 | Estudo Tridimensional - Acesso à Entrada

O momento de chegada ao edifício (anexo VII, VIII e IX) acontece por um percurso em rampa que acompanha um muro, remetendo por analogia, ao aqueduto na entrada do cabo, que guia o visitante à medida que desce suavemente até um pátio central de acesso à entrada.



Figura 68 e 69 | Estudo Tridimensional, Vistas do Promontório

A cobertura (anexo X e XI) do edifício é percorrível e funde-se com o promontório nos seus limites, criando uma plataforma cujo cenário é a esmagadora paisagem. Assim, pretende-se potencializar e enfatizar a imponente amplitude de vistas que caracteriza tão fortemente o lugar.

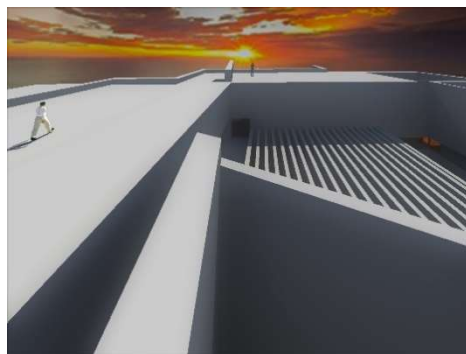


Figura 70 | Estudo Tridimensional, Vistas do Promontório

Um edifício que permite ver o espaço de forma estruturada e de trabalhar as suas ambiências para criar sensações, agindo diretamente no íntimo do utilizador daquele espaço. Construção de ambientes que serão vividos e que abrigarão relações pessoais no seu interior. Conduz à possibilidade de um edifício dinâmico, que se fecha, abrigando-se e criando várias formas de vivência do seu espaço, quer interior, quer exterior. O Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo defende-se, protege-se e relaciona-se de forma única, com a rocha e a terra (anexo VII).



Figura 71 e 72 | Estudo Tridimensional, Entrada Principal e Receção

A entrada é um momento de transição entre o exterior e o interior, neste caso, esse momento afirma-se com a noção que o visitante irá entrar no interior da terra, dentro do promontório. O movimento de entrada no edifício é semelhante ao que acontece no terreno.

Ao transpor a entrada (anexo XII e XIII), encontra-se na receção, com um espaço de atendimento e controle de visitas e panfletos explicativos dos percursos e obras, este é o primeiro espaço a ser visualizado pelo utilizador e, é o que vai defini-lo como agradável e convidativo. É um espaço de grande importância para a sua estruturação. A zona de espera, onde é possível sentar e, ao mesmo tempo, contemplar a paisagem através de um enorme vão, como se de um quadro se tratasse, que orienta a visão, centrada no farol.



Figura 73 | Estudo Tridimensional, Espaço de Estar



Figura 74 | Estudo Tridimensional, Acessos

À medida que o interior deste edifício espiral é percorrido, começa-se a ganhar a percepção de que se está a entrar para o interior do promontório. Os espaços internos organizam-se através de um único corredor com uma suave inclinação, em rampa, composto por patamares intermédios, que dão acesso a vários espaços.

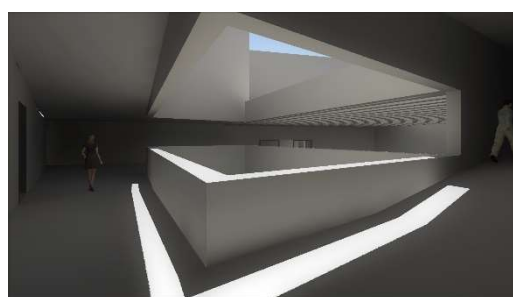


Figura 75 e 76 | Estudo Tridimensional, Acessos ao Espaço de Exposição Permanente

Ao longo do percurso composto por várias galerias, os corredores vão ficando cada vez mais estreitos, dando a sensação de entrada numa gruta, terminando no seu expoente máximo, o centro de exposição, interpretação da lenda, da história e do culto. Deste modo, os visitantes perdem a percepção do mundo exterior à medida que caminham.

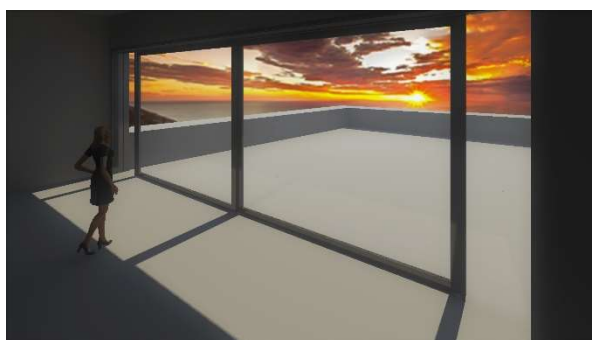


Figura 77 | Estudo Tridimensional, Vista do Espaço de Exposição de Arqueologia

A primeira sala de exposição temporária é um lugar destinado à arqueologia, aos seus componentes fósseis. Esta abre-se sobre um pequeno miradouro onde podemos procurar um lugar para “estar” e deslumbrar com a vista de sul a oeste, de escarpas e o oceano.



Figura 78 | Estudo Tridimensional, Vista do Espaço de Contemplação

Continuando o percurso, o visitante depara-se num ponto crucial de todo o projeto, um espaço onde tem a possibilidade de escolher se quer estar num lugar mais refugiado e isolado, um espaço de reflexão muito contido, onde a presença da luz é feita de modo genial e composto por planos verticais que se estendem no olhar, onde o céu é o limite, ou num espaço de contemplação do limite, da imensidão do oceano, que desvenda o horizonte e que se acede, contornando um dos painéis e o leva ao terraço.

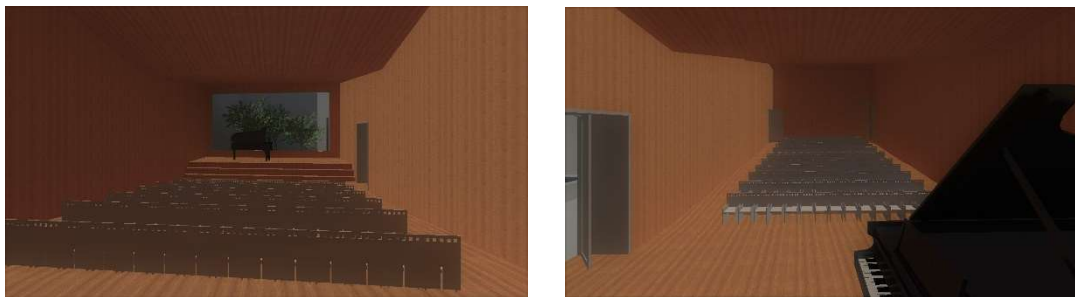


Figura 79 e 80 | Estudo Tridimensional, Auditório

O auditório é equipado com materiais multimédia para possíveis apresentações e reuniões, podendo-se assim promover atividades culturais, cursos, apresentações artísticas entre outros. Este tem como plano de fundo um pátio que pode ser servido para criar diferentes cenários.



Figura 81 | Estudo Tridimensional, Cafeteria

A cafeteria é um espaço com mesas e um balcão, que disponibiliza pequenas refeições e café, destinado a quem visita a exposição, ou vai a alguma conferência ou *workshop*.



Figura 82 | Estudo Tridimensional, Centro de Investigação e Documentação

O centro de investigação, documentação e conservação, permite o desenvolvimento de atividades de pesquisa e estudo, este é contemplado por um espaço adjacente reservado à leitura.



Figura 83 e 84 | Estudo Tridimensional, Espaço de Exposição Permanente

À medida que o visitante se aproxima do espaço central do projeto (anexo XIV e XV), contorna um pátio que o orienta para a entrada da zona principal de exposições, espaço amplo composto por vigas e vãos sequenciais (anexo XXI).



Figura 85 | Estudo Tridimensional, Espaço de Meditação

Contornando o seu interior, encontra-se um espaço de meditação, um Local que oferece harmonia e equilíbrio interior. Lugar de ascensão onde o utente poderá se sentar e observar a incidência da luz num espelho de água, que projeta nas paredes e no chão, se espalhado de modo suave e natural, mantendo a harmonia e a concentração no espaço. Este foi pensado para dar início e fim ao projeto. Fim do espaço interior e início do caminho que nos guia por entre muros, na descoberta do que se vê, lá ao fundo do túnel. Este percurso termina na presença da pequena Ermida da Memória.



Figura 86 e 87 | Estudo Tridimensional, Saída para o Exterior do Edifício

Para além dos espaços mencionados, o edificado é também composto por uma entrada secundária e escadas de serviço que faz a ligação entre a cota mais baixa e os espaços complementares de apoio administrativo. Os espaços administrativos englobam todas as atividades relacionadas com a administração do museu, composto por uma sala para a diretoria e outra para secretaria. Este espaço contempla ainda uma sala para os responsáveis por pesquisas e investigações, artistas, historiadores e outros técnicos especializados (anexos XIX e XX).



Figura 88 | Maquete da Proposta de Intervenção - Vista de Oeste

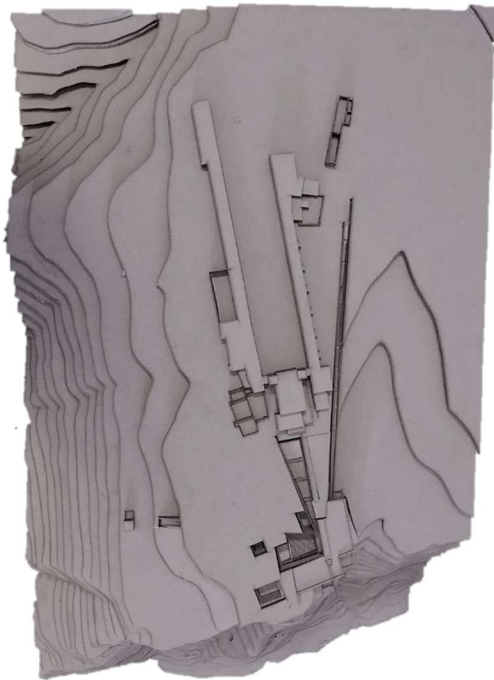


Figura 89 | Maquete da Proposta de Intervenção - Vista Superior

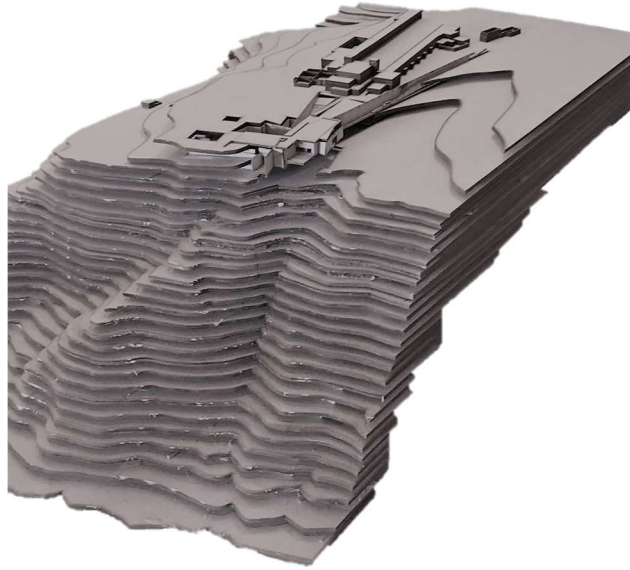


Figura 90 | Maquete da Proposta de Intervenção - Vista de Sudoeste

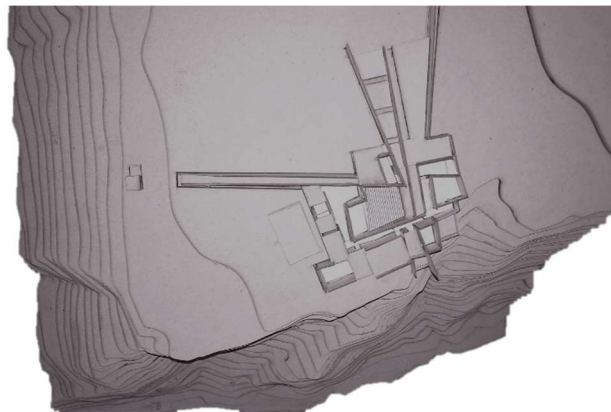


Figura 91 | Maquete da Proposta de Intervenção - Vista Superior



Figura 92| Maquete da Proposta de Intervenção – Vista de Nordeste

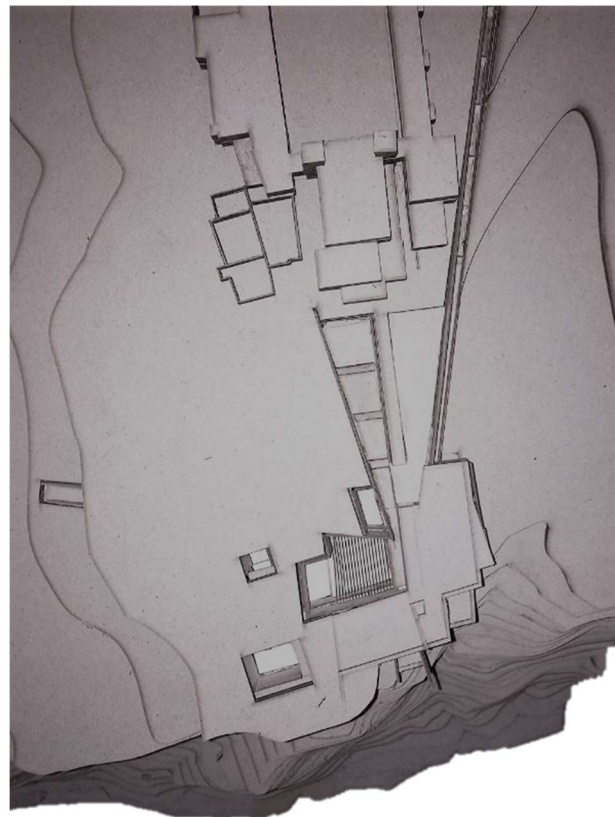


Figura 93 | Maquete da Proposta de Intervenção - Vista Superior

V. V. MATERIALIDADES, TEXTURA E COR

“Para a plasticidade da matéria do corpo interessa considerar a massa, a textura e a sua cor.”

“O processo evolutivo da estrutura geométrica associada à expressão plástica, e a um valor de uso reclamará uma materialidade e adequação técnica apropriada em que o edifício se deverá virtualmente construir.”

“No enquadramento e continuidade histórica da sua presença na imagem urbano-arquitetónica do local, a pedra calcária, é a materialidade escolhida, conjuntamente com o betão pelas suas características plásticas e tectónicas. A pedra entendida como material estrutural e revestimento, de natureza tectónica, ligada à estereotomias das paredes e as estereometrias dos pavimentos.” (Cruz Pinto: 2010/2011) Deste modo, a proposta resulta numa massa híbrida, betão com textura e pigmentos de calcário. Para a interação pretendida interessa um corpo feito à medida do território, cujo volume e escala é concebido de fora para dentro e pela topografia. A intervenção procura estabelecer um diálogo com a encosta onde se insere, conferindo-lhe uma nova e artificial silhueta que não a desvirtue mas antes complemente. Os pavimentos das zonas de circulação e espaços de exposição são em pedra calcária, enquanto que, os pavimentos das áreas administrativas, auditório e centro de investigação, documentação e leitura, são em soalho de madeira de pinho natural. Os pavimentos exteriores são em pedra calcária. Toda a estereotomia desenhada, acompanha o sentido de maior vão de cada espaço, transmitindo um efeito de perspetiva e profundidade.

A Pedra, a água e a luz serão os principais materiais de definição e construção do espaço e dos ambientes, num apelo estimulante à perceção dos sentidos.

Todas as áreas públicas, à exceção das instalações sanitárias, usufruem de luz natural, sejam estas através de vão ou de pátios que oferecem algum controlo na luz direta. Para controlo da intensidade de luz recorre-se a lâminas reguláveis. Para a iluminação artificial é aplicada na mesma direção da luz natural para que ambas tenham a mesma direção.

A sala de exposição principal é iluminada a partir de um pátio e de um vão, intervalados por vigas que marcam um ritmo de entrada de luz ao longo do dia. A sua perceção é fundida pela paisagem, consequência da sua materialidade, sendo a sua observação possível de sul e oeste.

A sua malha estrutural do edificado é ortogonal e composta por pilares e vigas (anexo XVI e XVII).

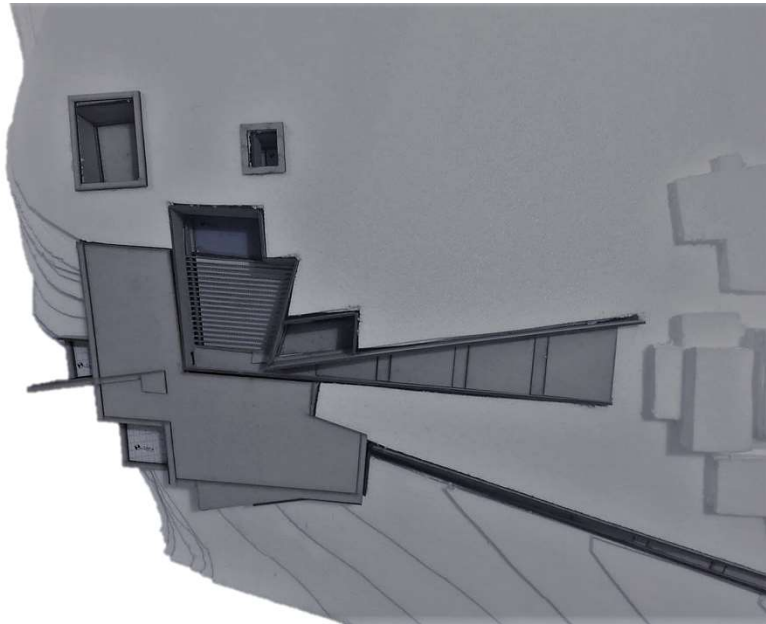


Figura 94 | Maquete do Edificado Proposto - Vista Superior



Figura 95 | Maquete do Edificado Proposto - Vista Superior

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

O trabalho final de mestrado que agora concluímos trata de um espaço de grande singularidade espacial, topográfica e efetiva. O seu significado e sentido resultam fundamentalmente da particularidade do seu ambiente, da sua atmosfera, transmitido pela forma e percebido pelo gesto induzido. O próprio lugar é que delimita explicitamente o alinhamento e o movimento do nosso olhar, perpendicular à linha da costa, lançando-nos para o sol poente, para o mar, para o desconhecido. É a sensação particular de sermos lançados para o infinito que nos domina. São várias as forças que se observam e vivenciam neste Cabo. A escarpa, tão vertical quanto praticável, com linhas de sedimentação completamente definidas, quase que dissimuladas. São lugares como este que Christian Norberg-Schulz define como espaços de onde se pode passar de uma zona cósmica para outra, desde sempre considerados axismundi, locais propícios ao contacto com os “deuses” e que, por isso, ao serem vistos pelas populações como exceções, se tornaram centro orientador para o habitar do território envolvente.

A experimentação e análise às características da forma deste lugar e também a compreensão do seu sentido, possibilita qualquer intervenção que possa vir a acontecer, porém, deverá ser muito cuidada, de modo a que as vivências e o sentido que este lugar possui se mantenham.

A arquitetura é um instrumento ligado ao ato de habitar, têm a capacidade de adaptar os espaços as necessidades, o desenho é parte integrante do processo de aprendizagem do arquiteto. Deste modo, o arquiteto analisa, compreende e interpreta as potencialidades.

Através do ato de projetar refletiu-se sobre o desenhar no limite intervindo num lugar excepcional. As diferentes características do lugar influenciaram na volumetria e na forma.

Todos os casos estudados e analisados, procuram relacionar-se com a envolvente e a paisagem.

A proposta de projeto foi acompanhada com leitura do lugar, a partir da qual surgiram como hipóteses de intervenção reabilitar o edificado existente e criar espaços complementares com novos usos. Propôs-se assim, a criação de um edifício - Centro de Interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo - relacionado com a horizontalidade e axialidade existentes no lugar, surgiu um espaço em espiral que penetra na massa rochosa do promontório, criando espaços separados por planos verticais e horizontais de diferentes volumetrias para transmitir ao visitante sensações contrastantes de acolhimentos/expulsão e de proximidade/distância.

Foi possível compreender com a experiência do exercício que através de uma solução arquitetónica, adequada à problemática em causa se pode trabalhar numa

lógica de continuidade e respeito pelos valores existentes, admitindo expressões de inovação e transformação do lugar.

Deste modo todo o trabalho desenvolvido não só contribui para o conhecimento da estrutura arquitetônica do Santuário, mas também para a enumeração de possíveis metodologias de intervenção em lugares semelhantes.

Este trabalho final de mestrado, faz uma união entre a busca pelo saber, imaginar e projetar.

CAPÍTULO VII

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E MONOGRAFIAS

- ABREU, Pedro Marques – *Os palácios da memória – Percorso crítico sobre o restauro da arquitetura*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 1996.
- ABREU, Pedro Marques – *Palácios da memória II – A revelação da arquitetura*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura – Universidade Técnica de Lisboa, 2007.
- AMARAL, Francisco Keil do – *O Santuário da Nossa Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- ARSÉNIO, José – *Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 2008.
- BACHELARD, Gaston – *A Poética do Espaço*. Martins Fontes, 2008.
- COSTA, Diogo Francisco da Piedade e – *A luz de Portugal: História de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa. 1899.
- GOMES, Padre Agostinho – *Santuário Nossa Senhora do Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 2009.
- GRANDA, Manuel J. – *Cirio de Nossa Senhora do Cabo Espichel – Aspectos mítico-simbólicos*. São Martinho: Comissão das Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2004.
- GUIMARÃES, J. Ribeiro – *Summario de vária história*. Vol. 1. Rolland&Semiond. Lisboa:1872.
- HOLLIS, Edward – *La vida secreta de los edificios – Del partenón a Las Vegas entrece histórias*. 1ª ed. Ediciones Siruela, 2012.
- JORGE, Virgolino Ferreira – *Cultura e Património*. 1ª ed. Lisboa: Edições Colibri / C. M. de Portel, 2005.
- LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Vol.9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1873-1890.
- LINO, Raul. *Casas Portuguesas*. Cotovia: 1998.
- MADEIRA, José; ARSÉNIO, José – *Imagens de fé – Gentes do Concelho de Sesimbra*. Sesimbra: José Arsénio, 2005.
- MARQUES, Luís – *O Paraíso no «fim do mundo» - O culto de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Sextante, 2007.
- MARTINS, Maria Fernanda Catarino – *Roteiro monográfico dos cirios a Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: 2007.
- MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere – *Casa Collage – Um ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Editorial Gustavo Gili, Sa. Barcelona: 2001
- MUSEU NACIONAL DOS COCHES – *Museu Nacional dos Coches: Berlinda Processional*. Lisboa: Santa Maria de Belém.

NESKE, G. – “*Construir, Habitar, Pensar.*” *Segunda Reunião de Darmstad*. Pfullingen: VortägeAufsätze. 1951.

NIETZSCHE, Friedrich - *Origem da Tragédia*, Lisboa: Guimarães Editores, 1978.

NORBERG-SCHULZ, Christian – *GeniusLoci: Paesaggio, Ambiente, Architettura*. Milano: Electa, 1998.

NUNES, Abreu - *Romaria a Nossa Senhora do Cabo*. Ed. Junta de Turismo de Cascais. Lisboa, 1952.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 5ªed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

Orlando, Ribeiro – *Geografia de Portugal II – A posição geográfica e o território*. Edições João Sá da Costa.

Orlando, Ribeiro – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Livraria Sá da Costa Editora, 2ª Edição, 1963.

ORLANDO, Ribeiro – *A Arrábida – Espaço Geográfico (1937)*. Fundação Oriente e Câmara Municipal de Sesimbra. Lisboa, 2004.

RIBEIRO, Orlando – *Portugal – O Mediterrâneo e o Atlântico*. Sá da Costa. Lisboa 1987

ORDEM DOS ARQUITECTOS – *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

PATO, Heitor Baptista – *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Argusnauta. Lisboa: 2008.

PEREIRA, Paulo – *Lugares Mágicos de Portugal – Arquitectura Sagrada*. Volume 2, Circulo de Leitores. Lisboa, 2005.

PEREIRA, Paulo – *Lugares Mágicos de Portugal – Cabos do Mundo e Finisterras*. Volume 5. Círculo de Leitores. Lisboa, 2005.

PEREIRA, Paulo; Benito, Paula – *Convento da Arrábida – A Porta do Céu*. Fundação Oriente, 2006.

PEDADE, Diogo; Costa, Francisco – *História de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa, 1899.

PORTOCARRERO, Gustavo – *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Colibri. Lisboa, 2003.

PROENÇA, António – *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel*. Câmara Municipal de Sesimbra, Sesimbra.

SANTOS, Ana Isabel Palma – *O Giro de Nossa Senhora do Cabo e as Berlindas Processionais*. Instituto de Museus e Conservação. Lisboa, 2007.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vitor – *Sesimbra Monumental e Artística*. Câmara Municipal de Sesimbra, Sesimbra, 1984.

ZUMTHOR, Peter – *Pensar a arquitectura*. Gustavo Gili: 2ª Edição ampliada. Barcelona: 2009.

CARTOGRAFIA CEDIDA POR

Câmara Municipal de Sesimbra – Levantamento de 1997

PERIÓDICOS

JUNQUEIRA 220 - «Igreja do Cabo Espichel: recuperação de um interior», in *Munimentos*. N.º16. Lisboa: Março de 2002.

Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro ; 3º Anno, Vol. 3, N.º 58 e 59. Lisboa: 1880.

MARTIN, John H. - «The Sanctuary of our Lady of the Cape», in: *Portuguese studies review*. Vol. 3, N.º 1. New Hampshire: International Conference Group on Portugal, 1993.

FREITAS, António – Arquitectura, «O Conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». N.º 70; Lisboa: Março 1961.

MANUSCRITOS

[SANTOS, Francisco Ildfonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Colecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

DOCUMENTOS ONLINE

PATO, Heitor Baptista - *O Culto dos Promontórios em Portugal*. Celtiberia.net, 2007, disponível em: <<http://celtiberia.net/articulo.asp?id=2938>>. Consultado em 23 de Novembro de 2014.

PEDROSA, Fernando Gomes - *A origem dos topónimos “Espichel” e “Sesimbra”*. Nautical-archaeology.com; Projecto. Consultado em 15 de Novembro de 2014

Tratados, Nomenclaturas Náuticas e Construções Navais Europeias - Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL. 2011. Disponível em <<http://nautical-archaeology.com>>, Consultado em 23 de Novembro de 2014

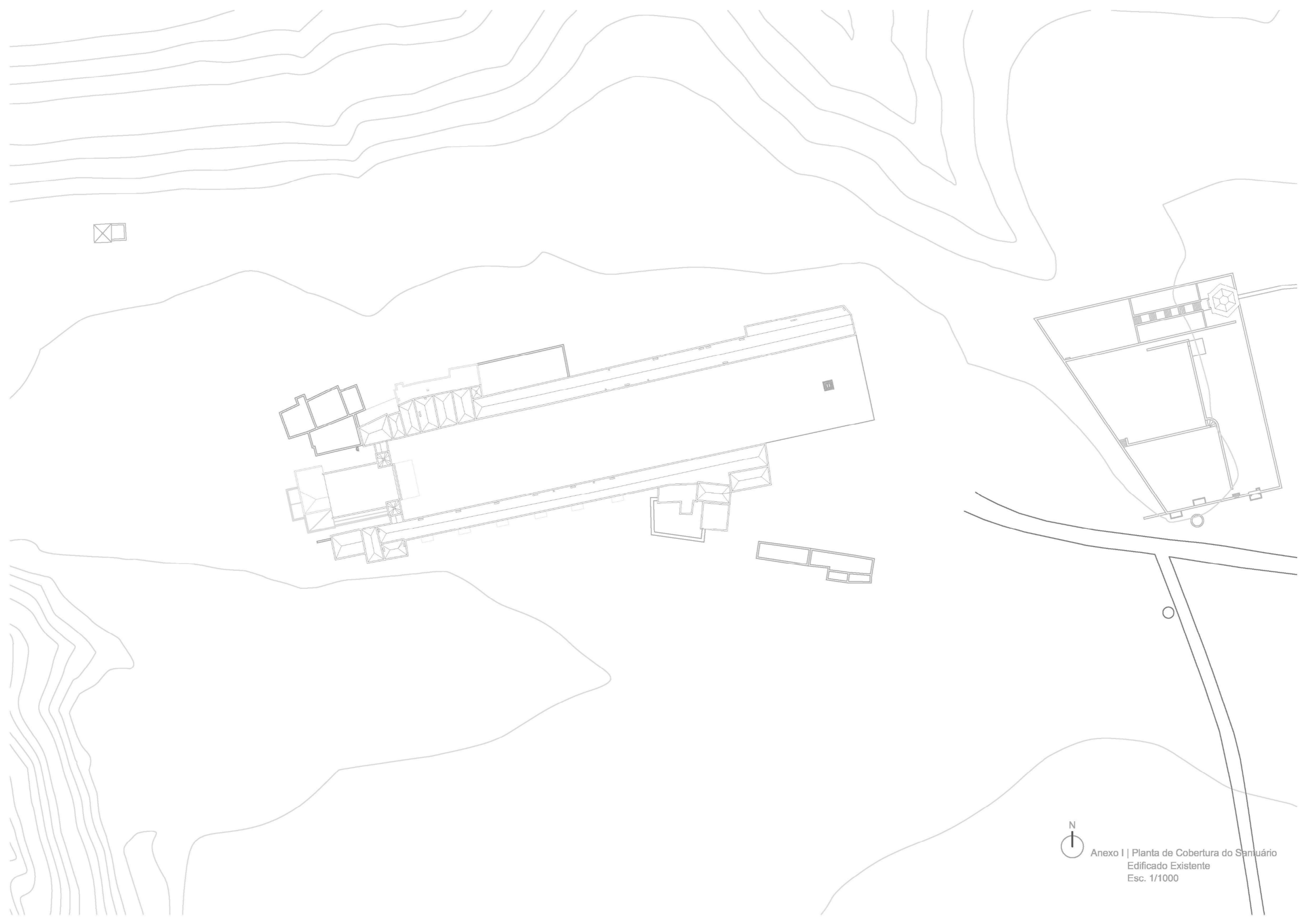
D. Filipa de Lencastre. Ininfopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013, disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$d.-filipa-de-lencastre](http://www.infopedia.pt/$d.-filipa-de-lencastre)>. Consultado em 15 de Novembro de 2014.

MARINHA - Direcção de Faróis. Direccaofarois.marinha.pt, 2012, disponível em: <<http://direccaofarois.marinha.pt/PT/historia1/Paginas/Historia.aspx>>. Consultado em 1 de Novembro de 2014

CAPÍTULO VIII

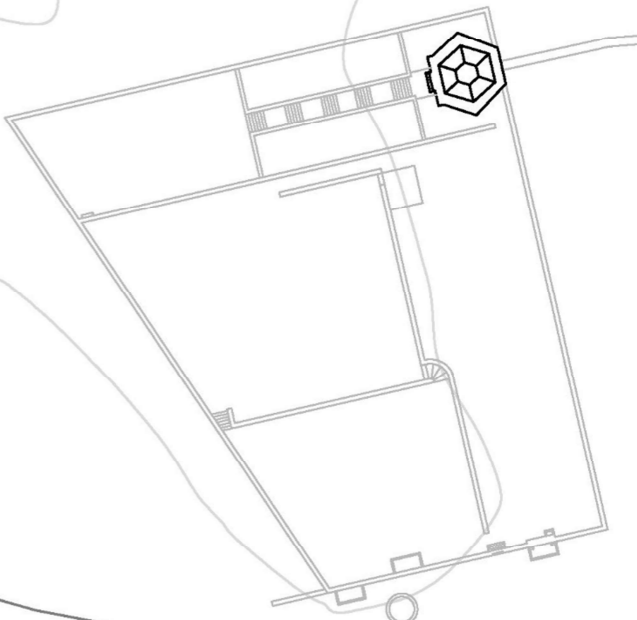
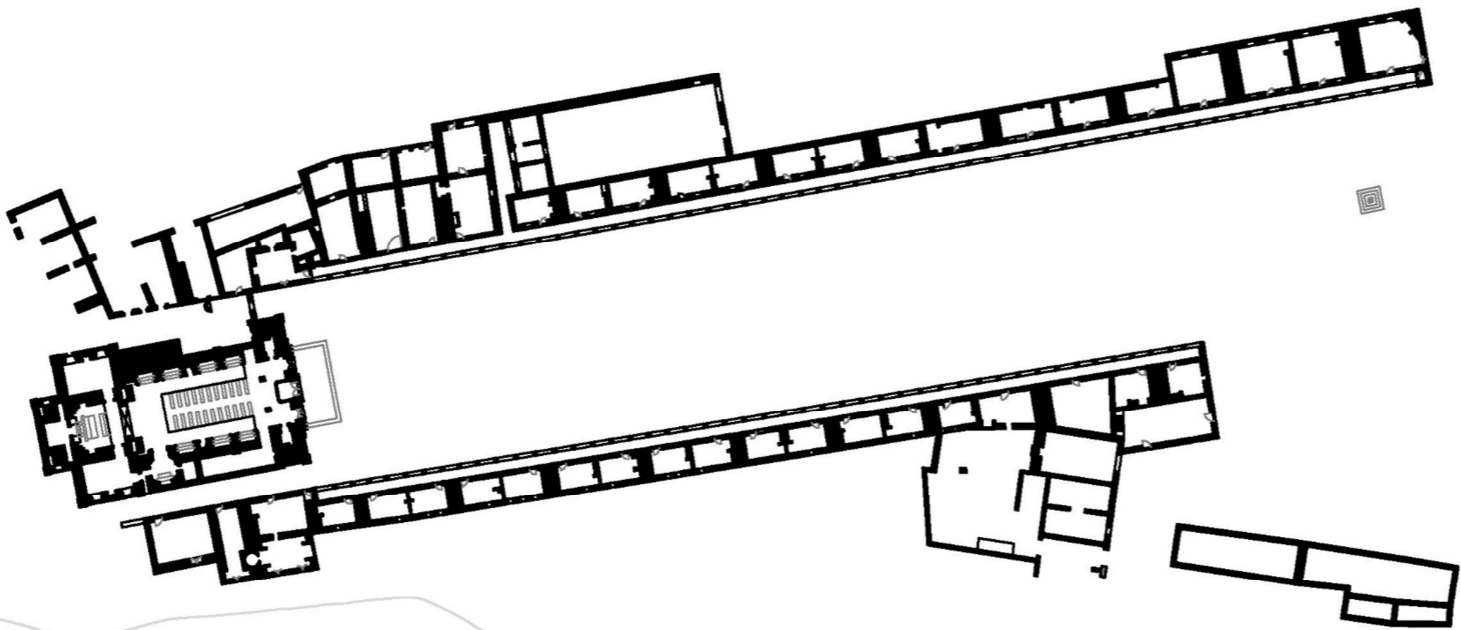
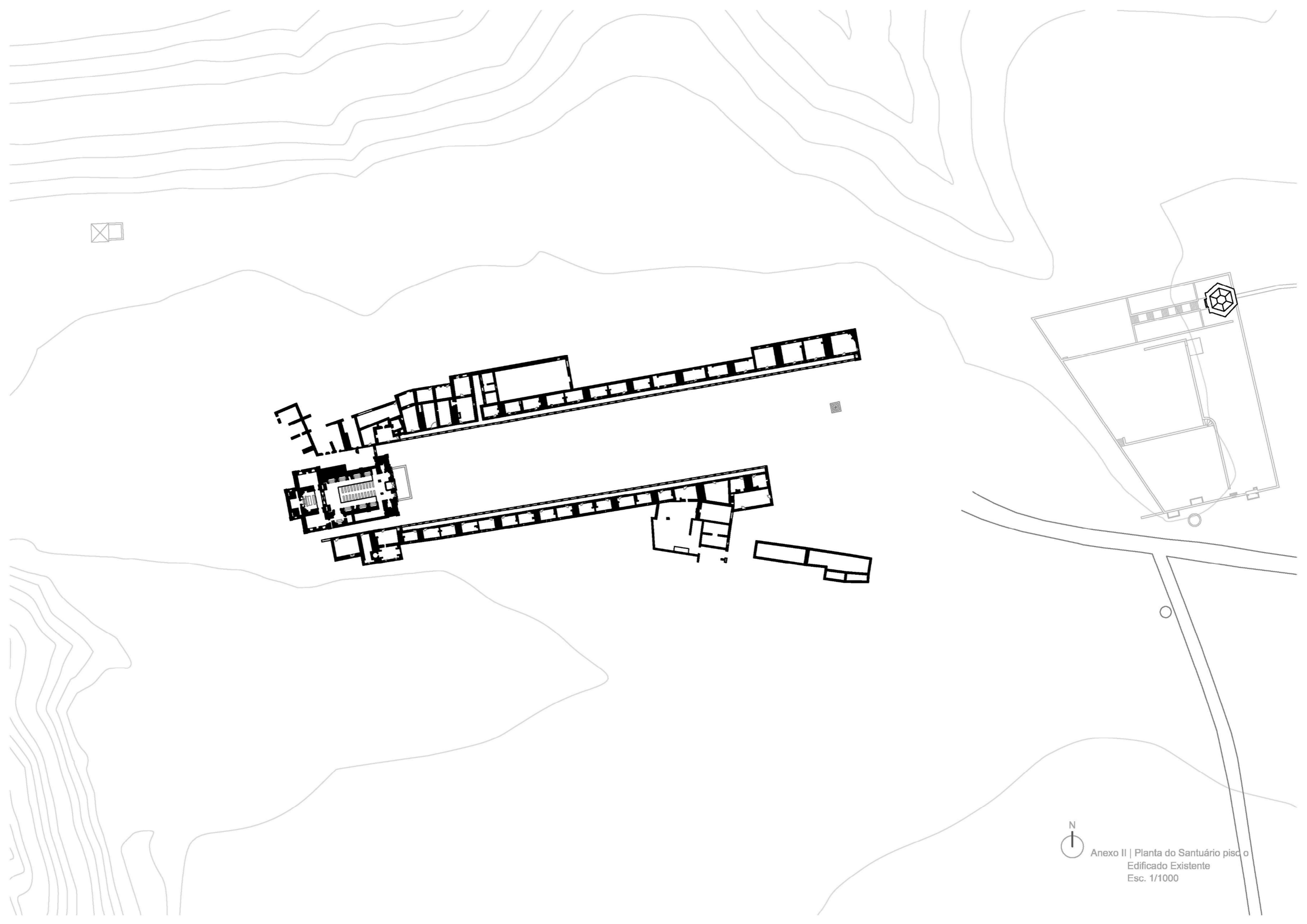
ANEXOS

ANEXO I



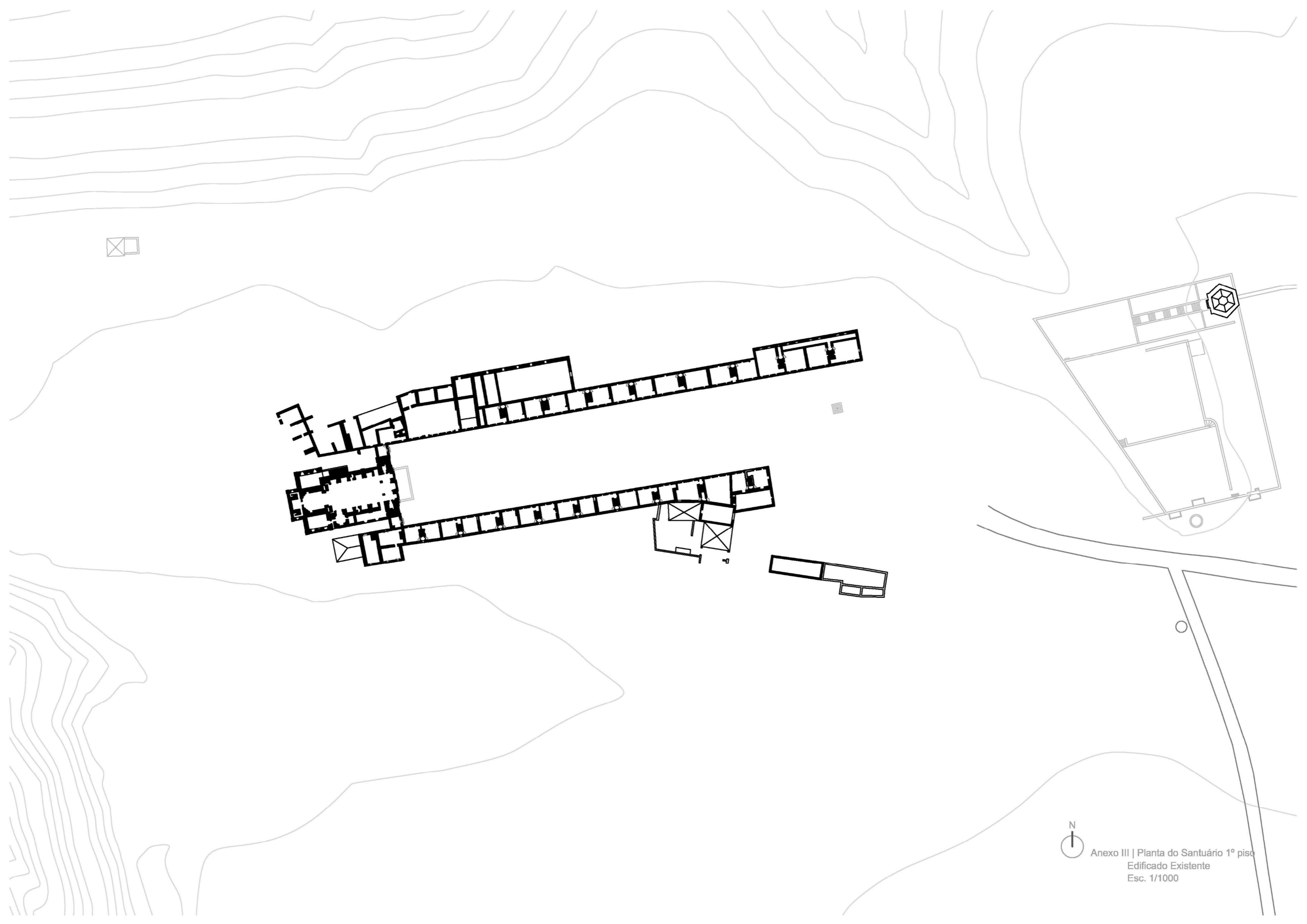
Anexo I | Planta de Cobertura do Santuário
Edificado Existente
Esc. 1/1000

ANEXO II



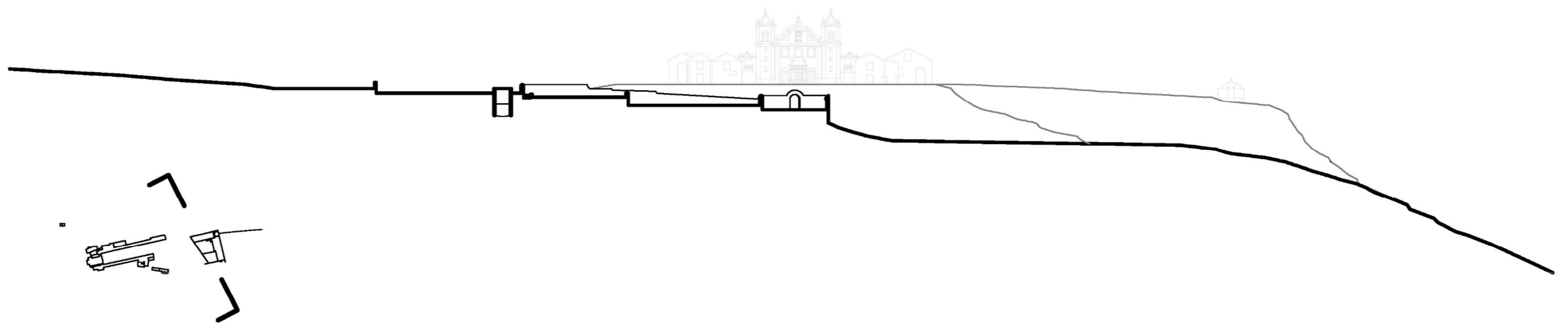
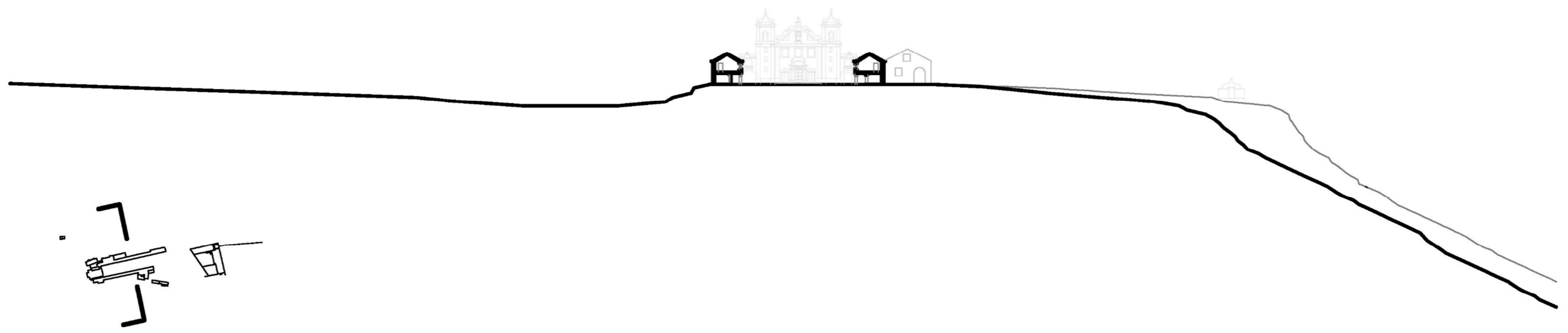
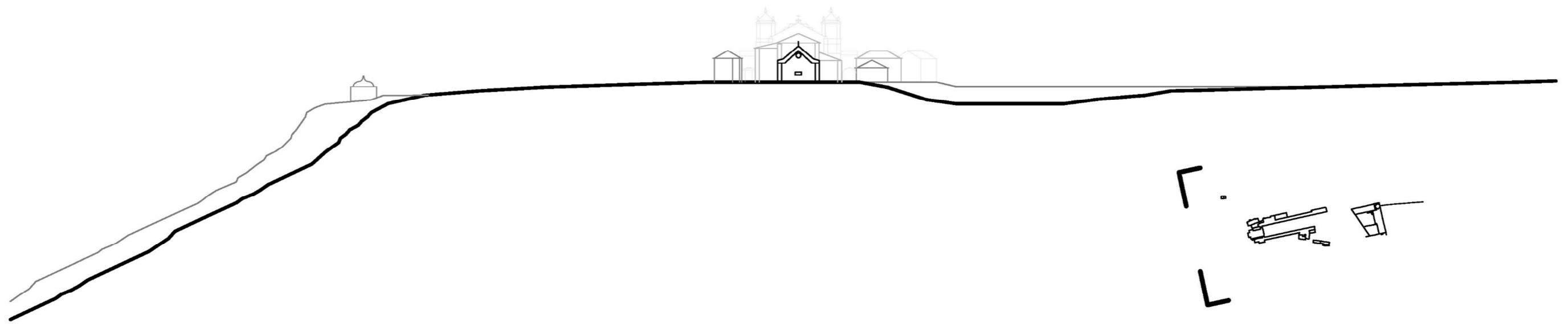
Anexo II | Planta do Santuário pisc o
Edificado Existente
Esc. 1/1000

ANEXO III

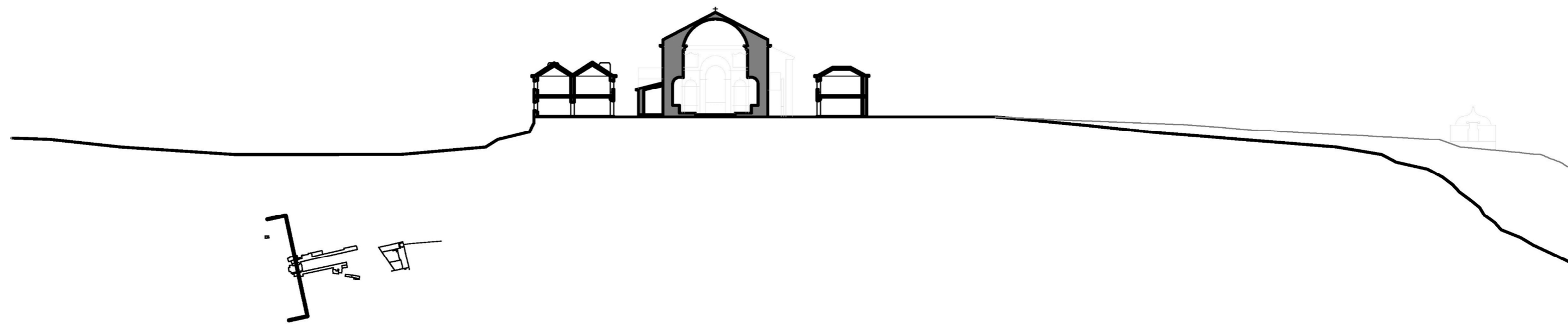
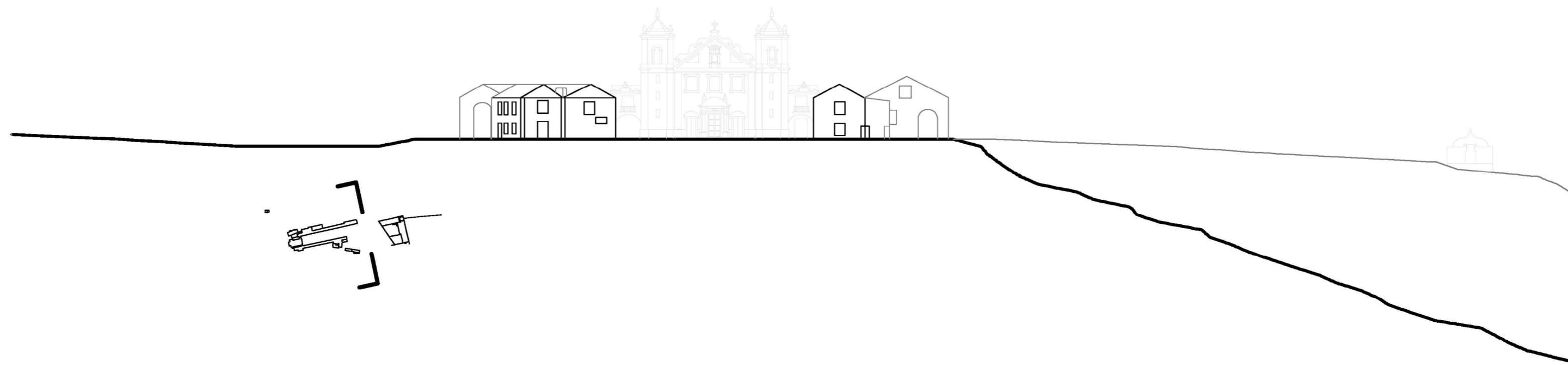


Anexo III | Planta do Santuário 1º piso
Edificado Existente
Esc. 1/1000

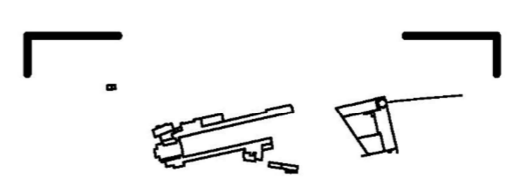
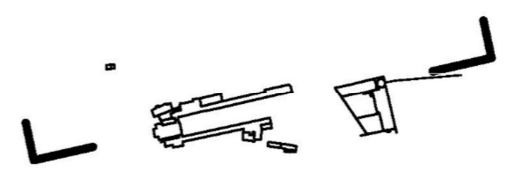
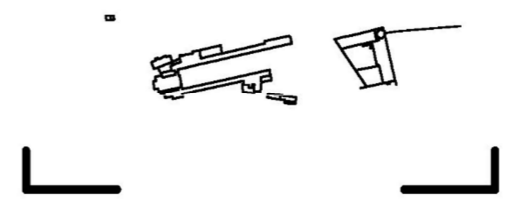
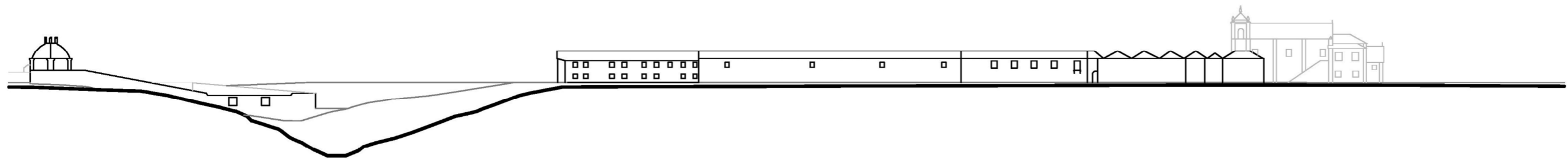
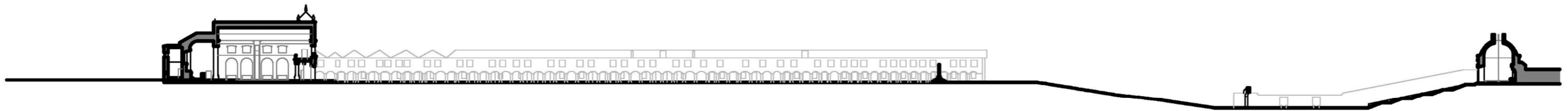
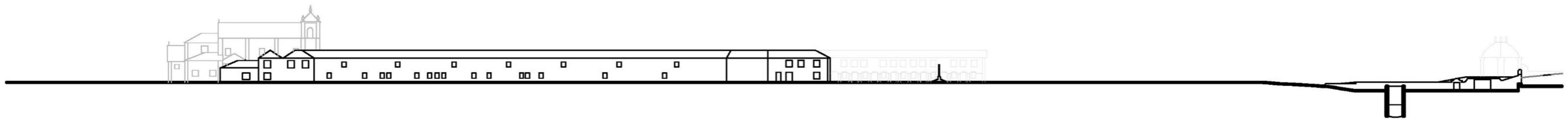
ANEXO IV



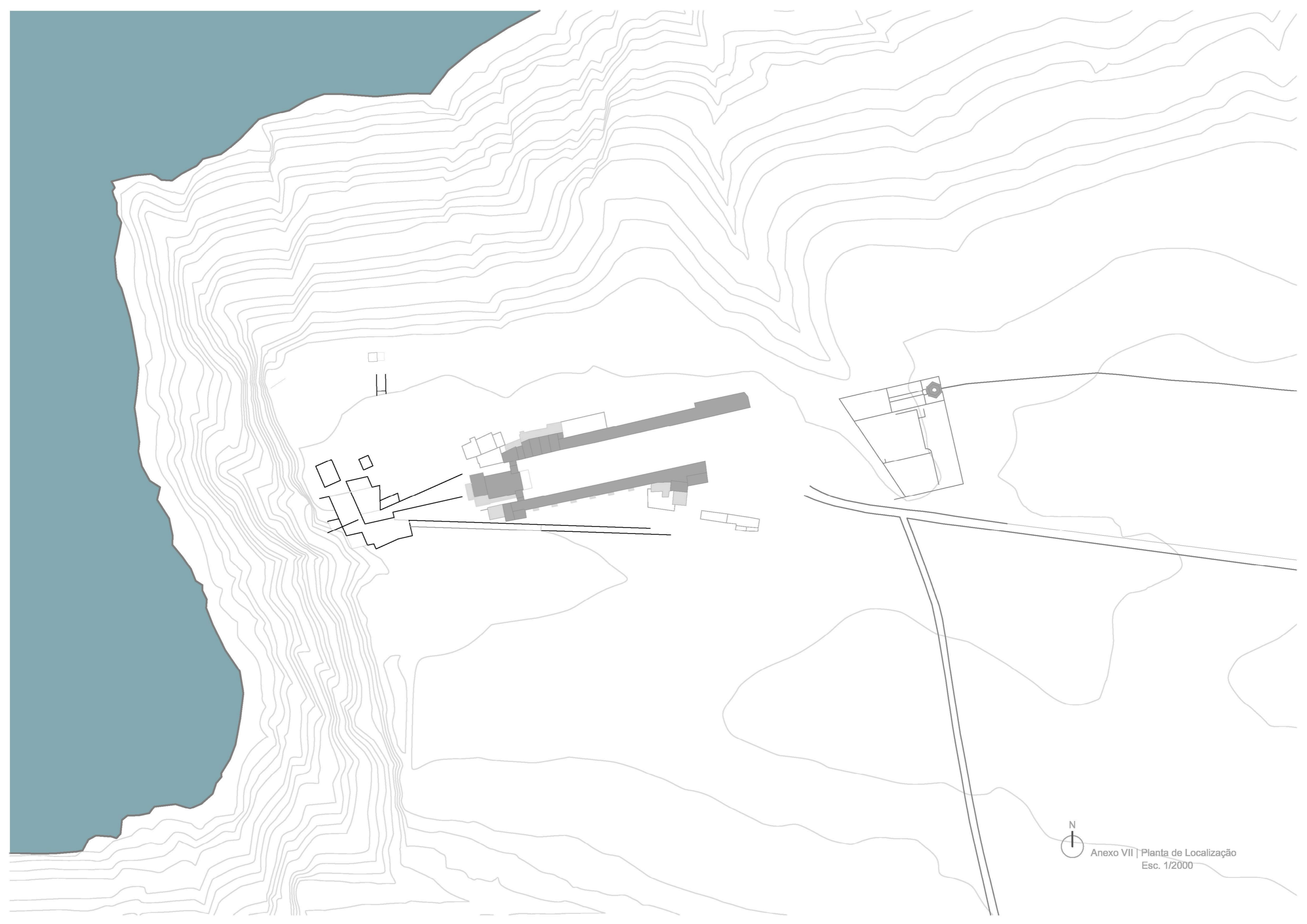
ANEXO V



ANEXO VI

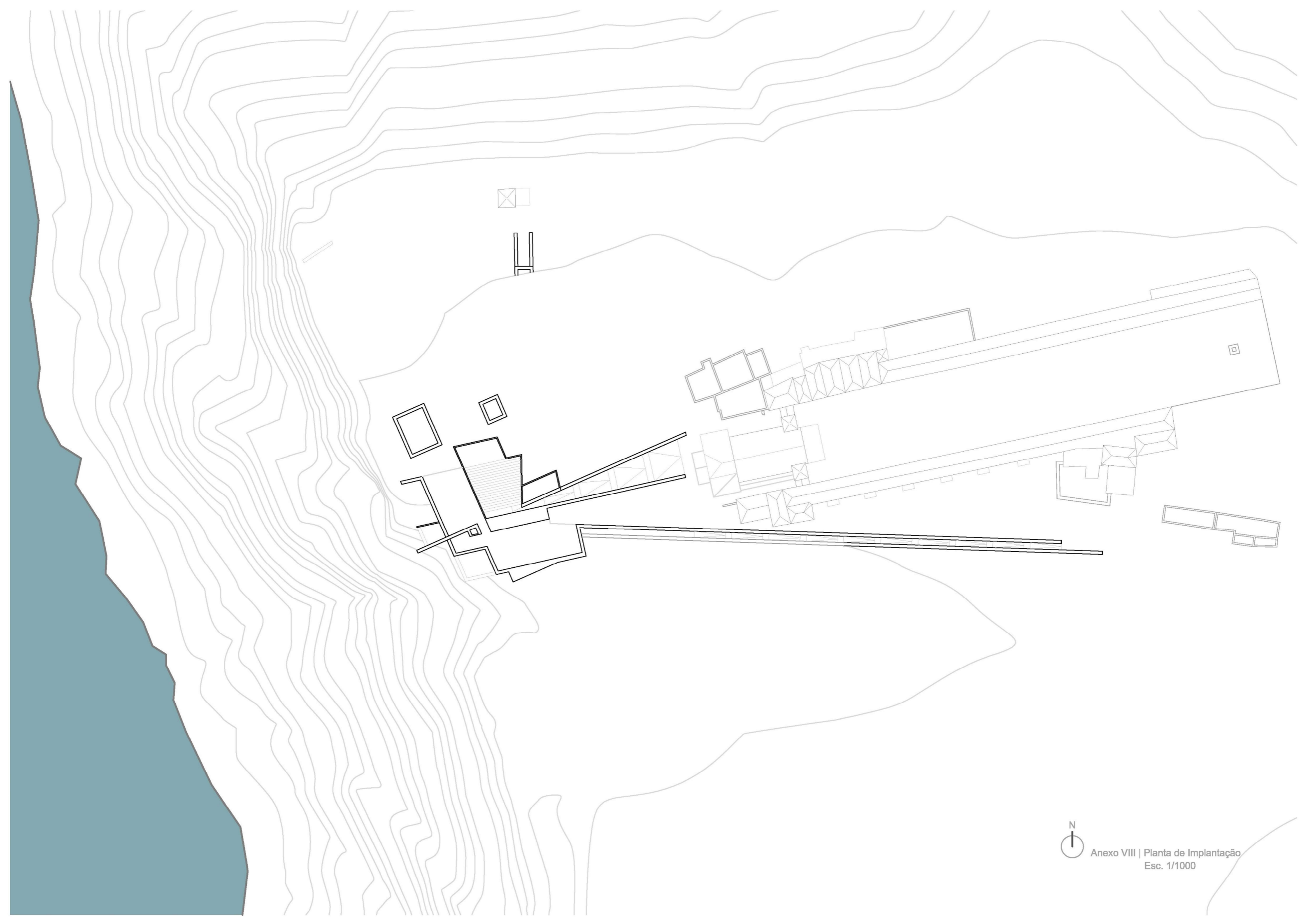


ANEXO VII



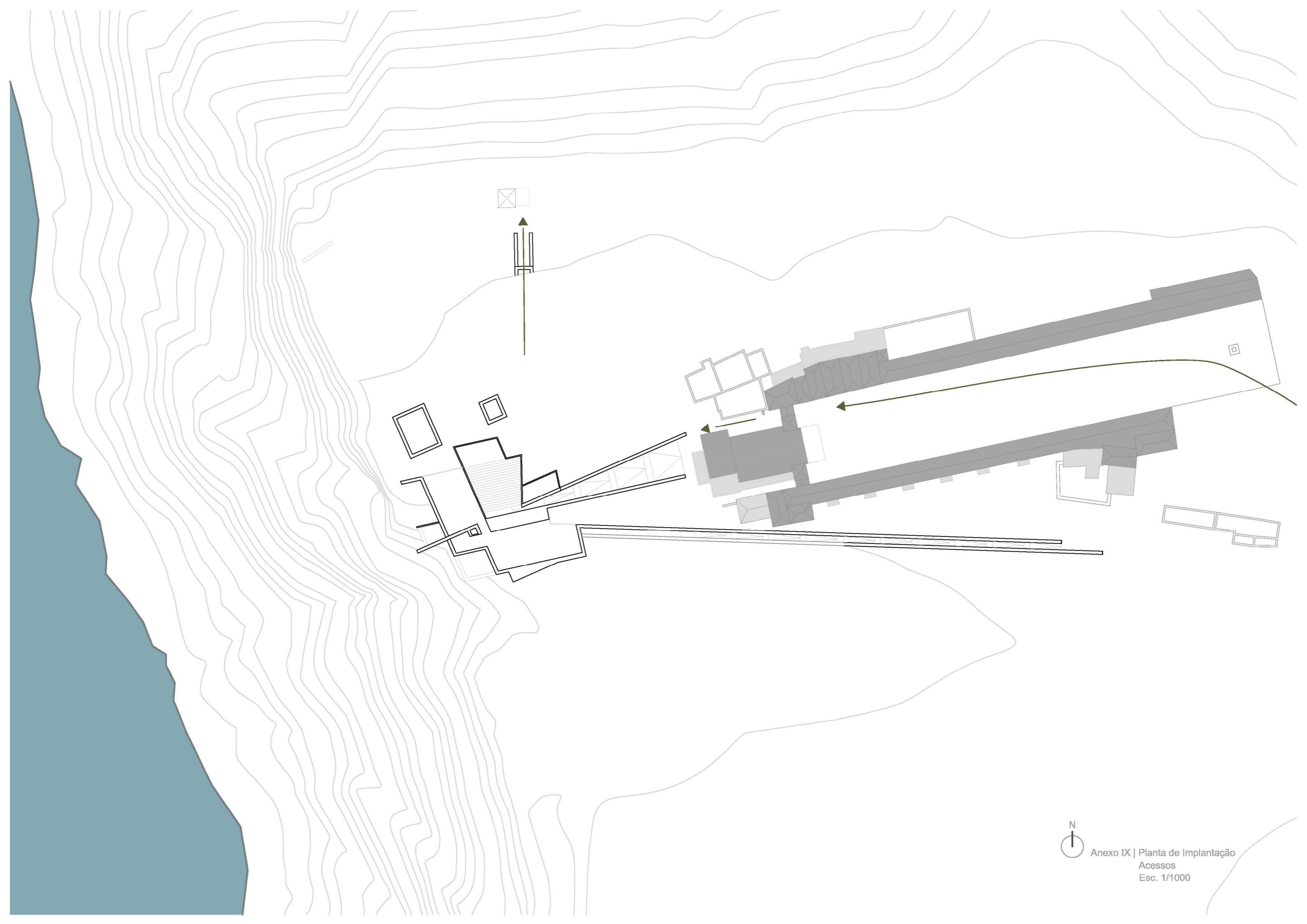
Anexo VII | Planta de Localização
Esc. 1/2000

ANEXO VIII



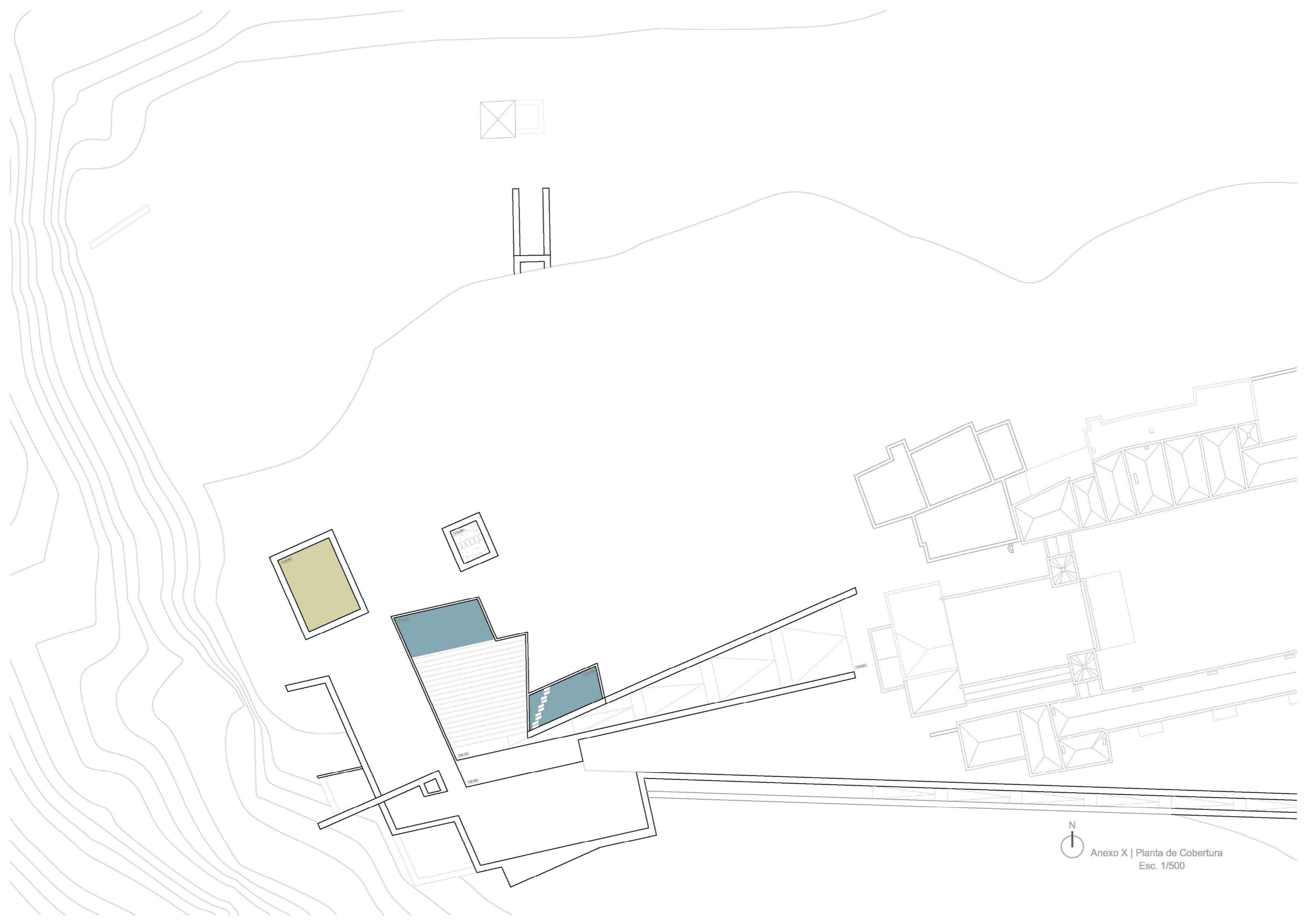
Anexo VIII | Planta de Implantação
Esc. 1/1000

ANEXO IX



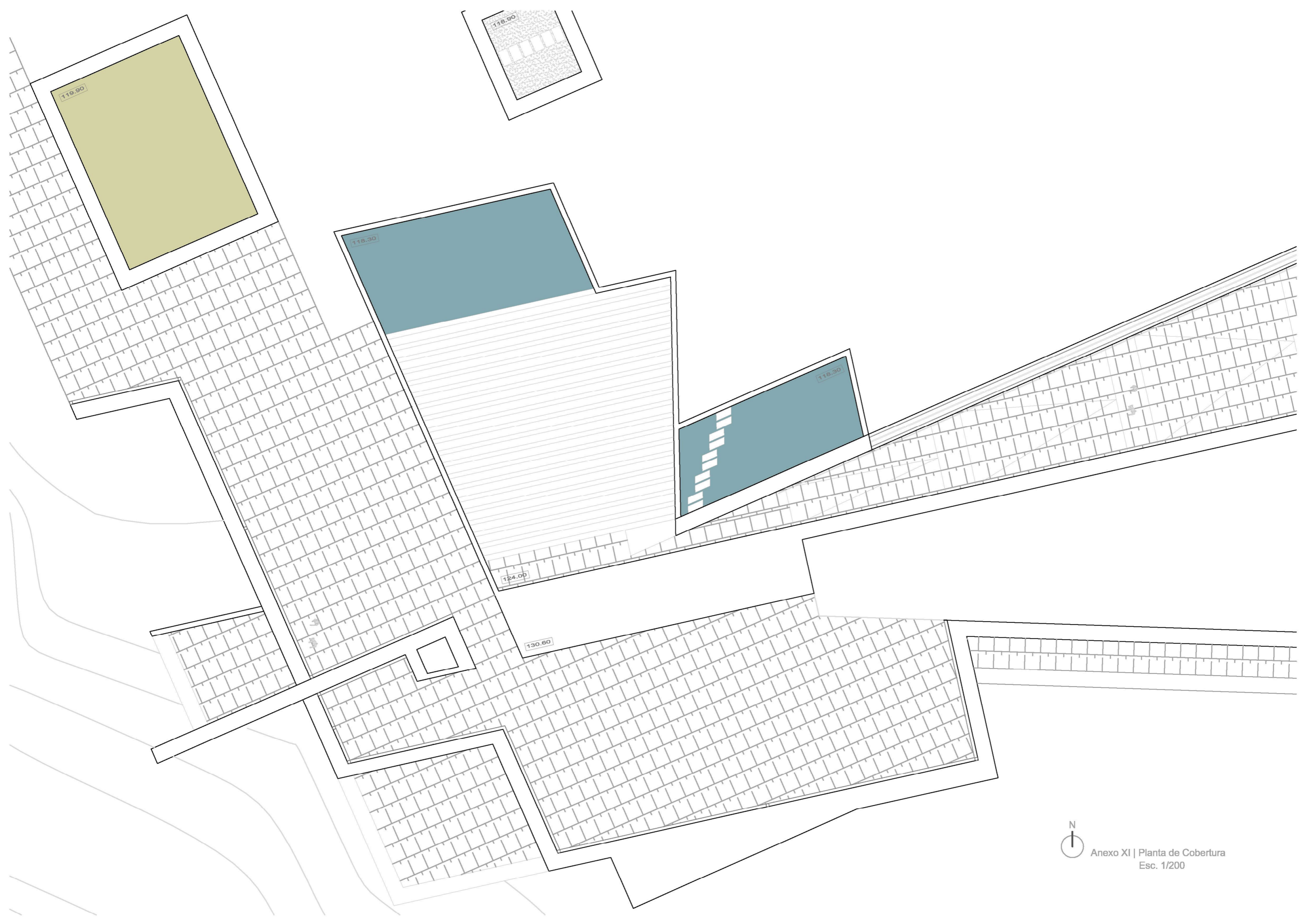
Anexo IX | Planta de Implantação
Acessos
Esc. 1/1000

ANEXO X



Anexo X | Planta de Cobertura
Esc. 1/500

Anexo XI



119.90

118.90

118.30

118.30

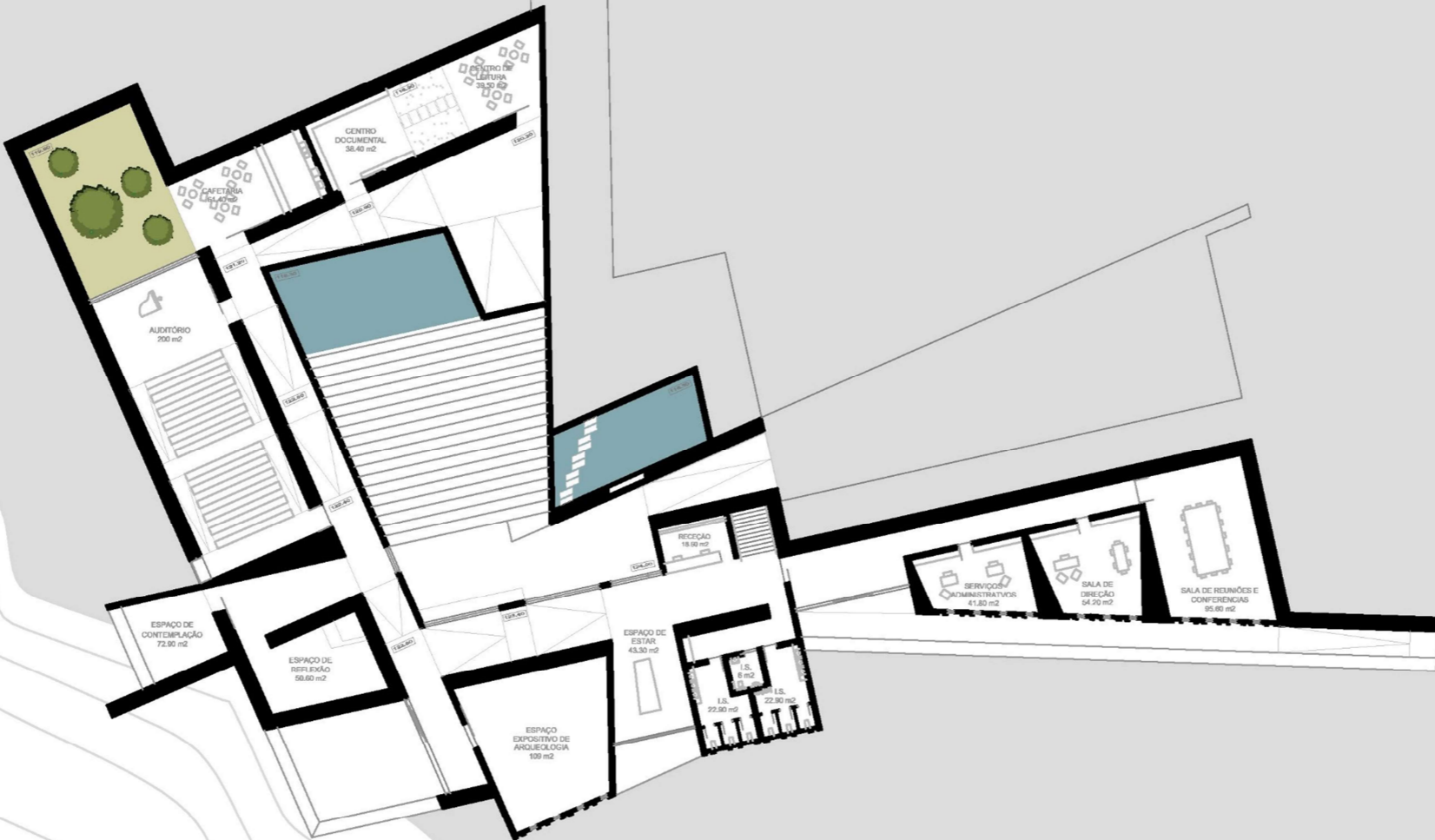
124.00

130.60



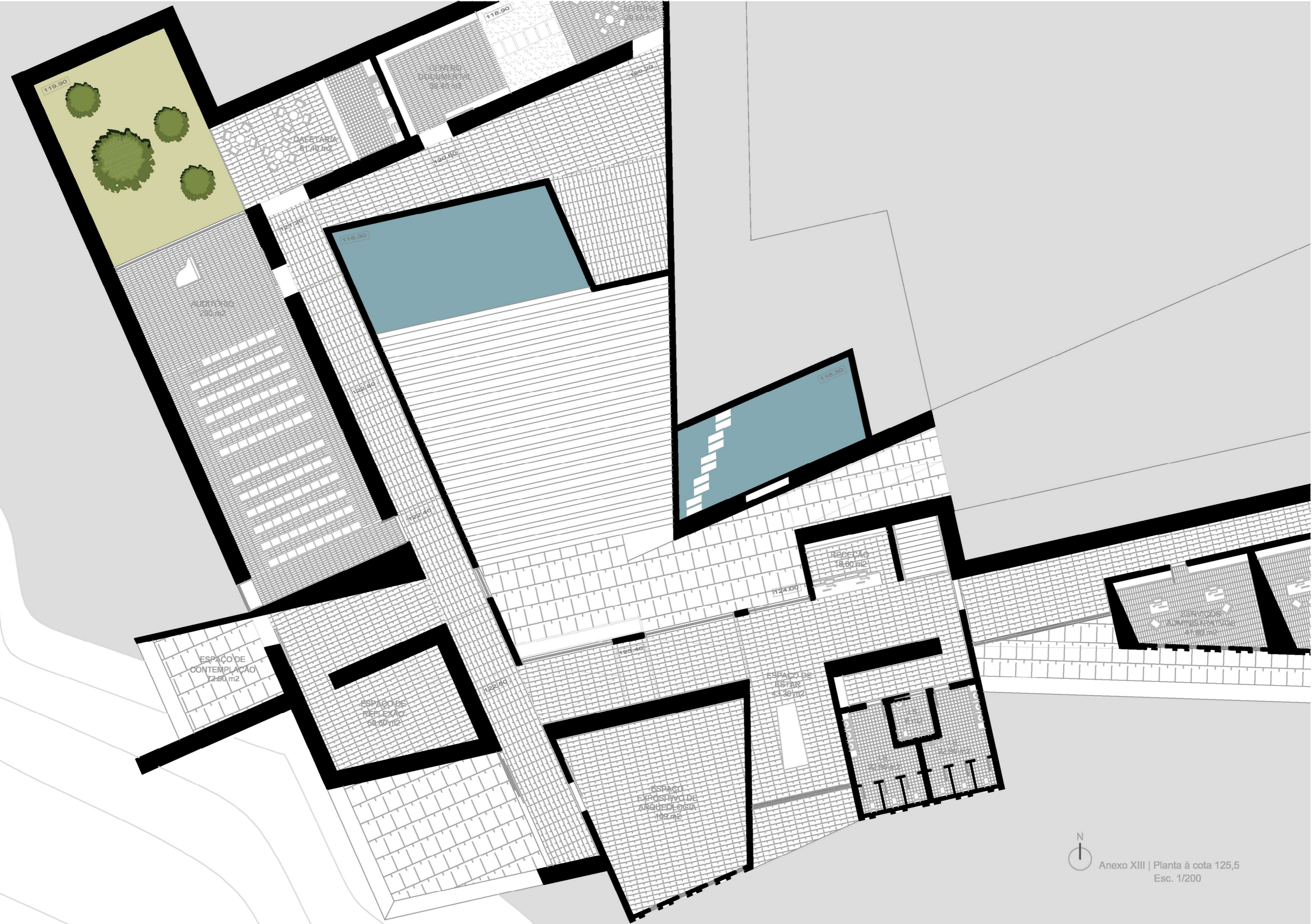
Anexo XI | Planta de Cobertura
Esc. 1/200

Anexo XII



Anexo XII | Planta à cota 125,5
Esc. 1/500

Anexo XIII



Anexo XIII | Planta à cota 125,5
Esc. 1/200

Anexo XIV



113.40

CENTRO DOCUMENTAL
38.40 m²

CENTRO DE ATIVIDADES
20.50 m²

113.40

SALA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE
227.60 m²

SALA DE EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
73.30 m²

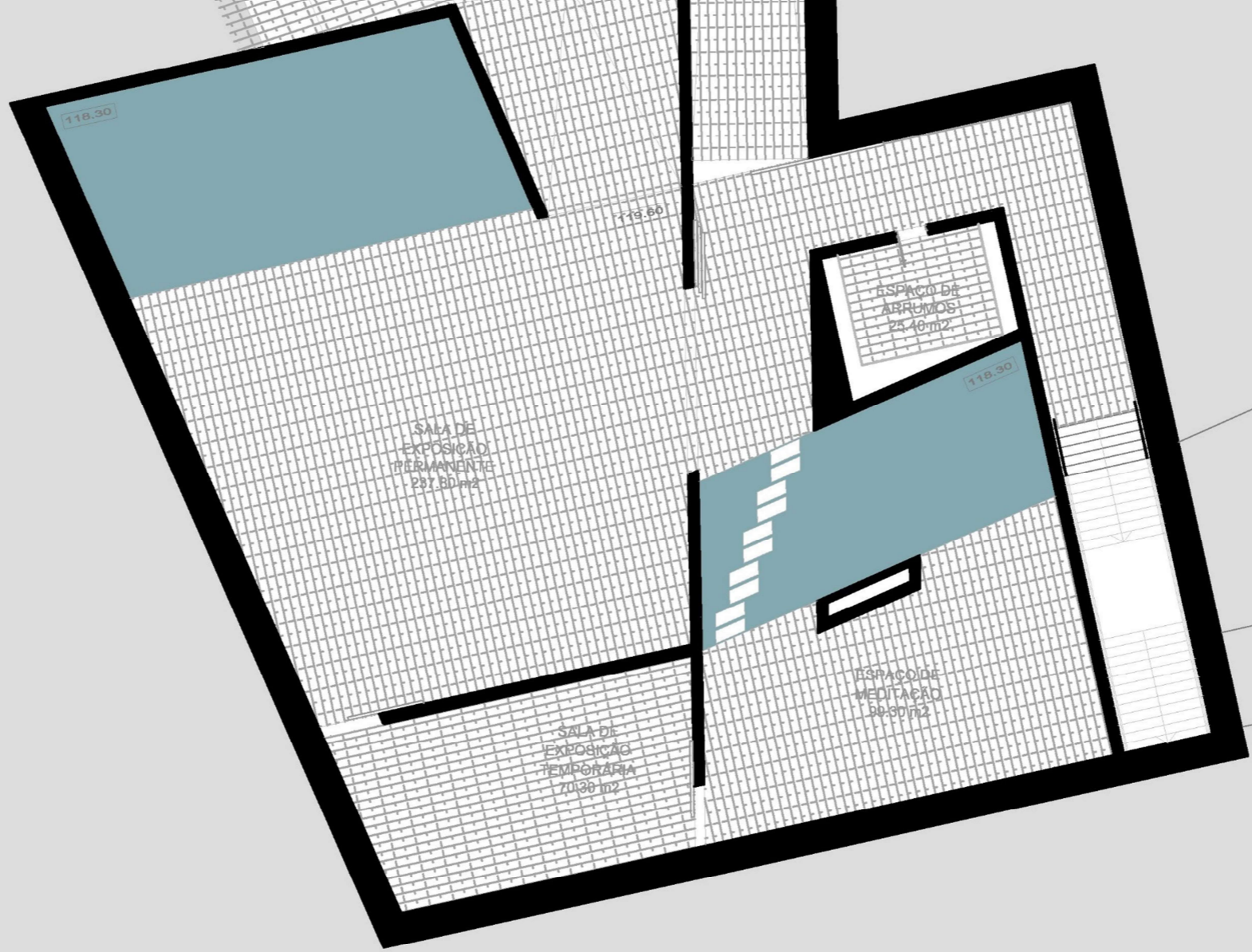
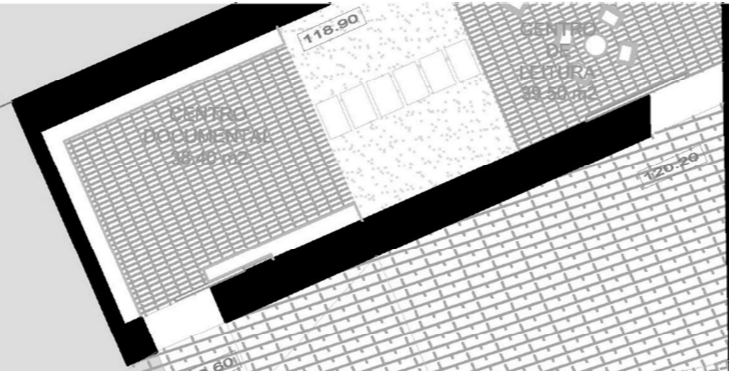
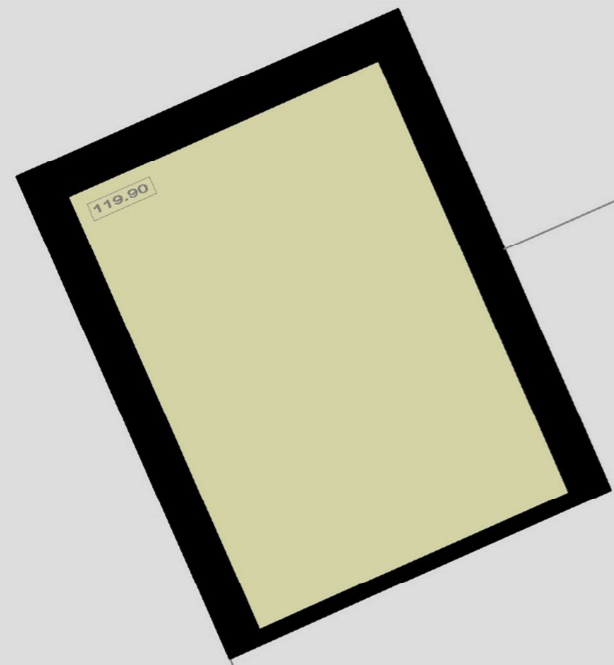
ESPAÇO DE ASSUNTO
25.40 m²

ESPAÇO DE MEDITAÇÃO
96.30 m²

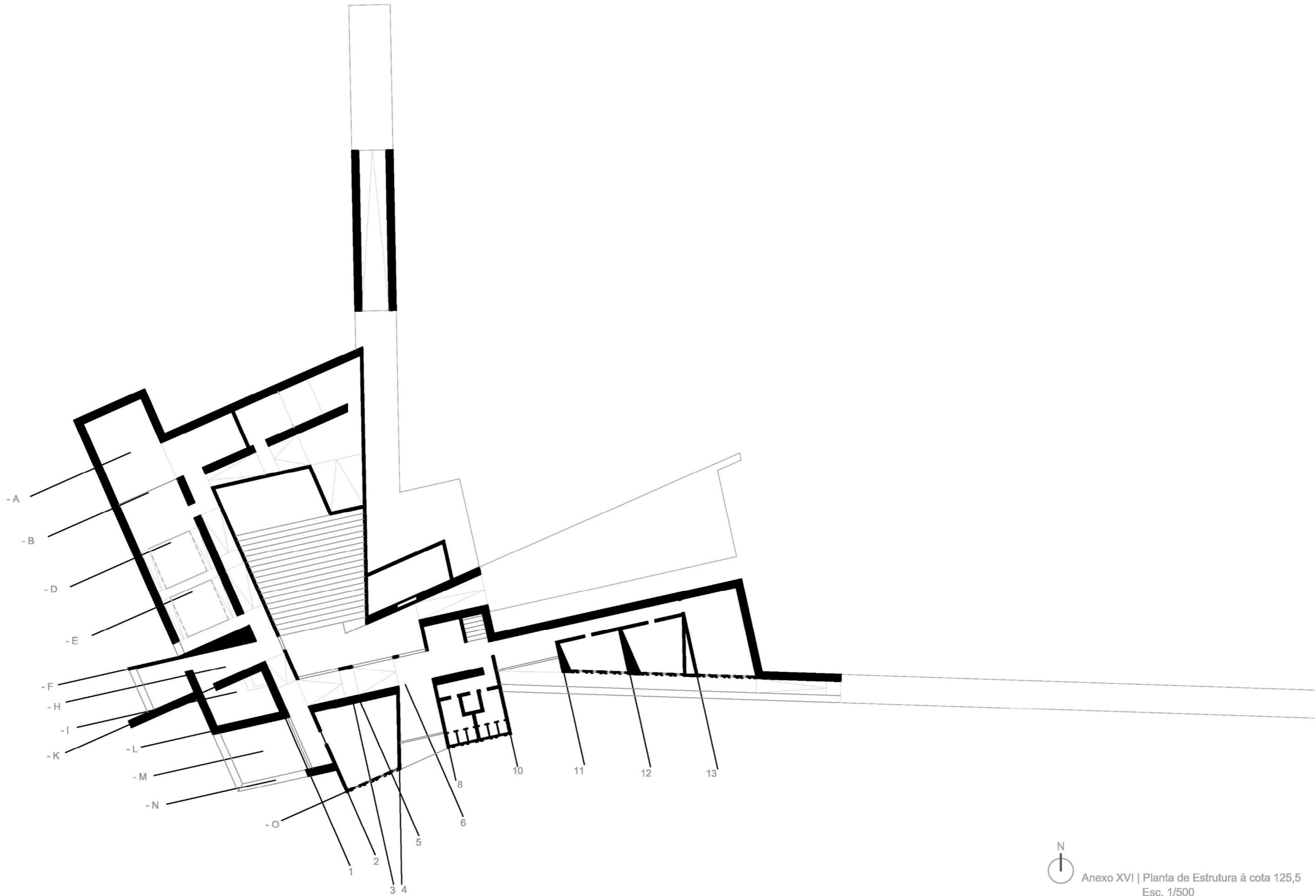


Anexo XIV | Planta à cota 121,5
Esc. 1/500

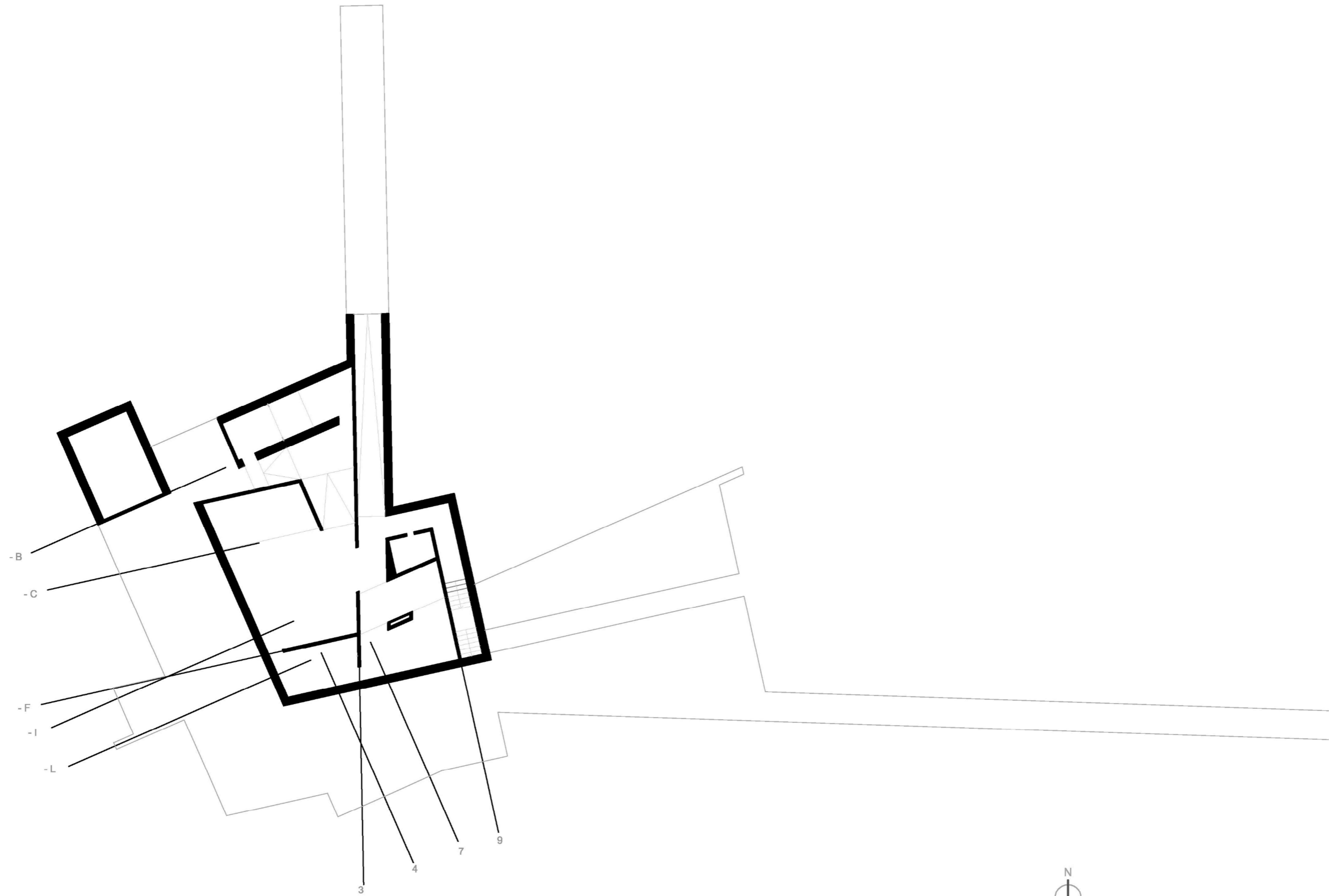
Anexo XV



Anexo XVI

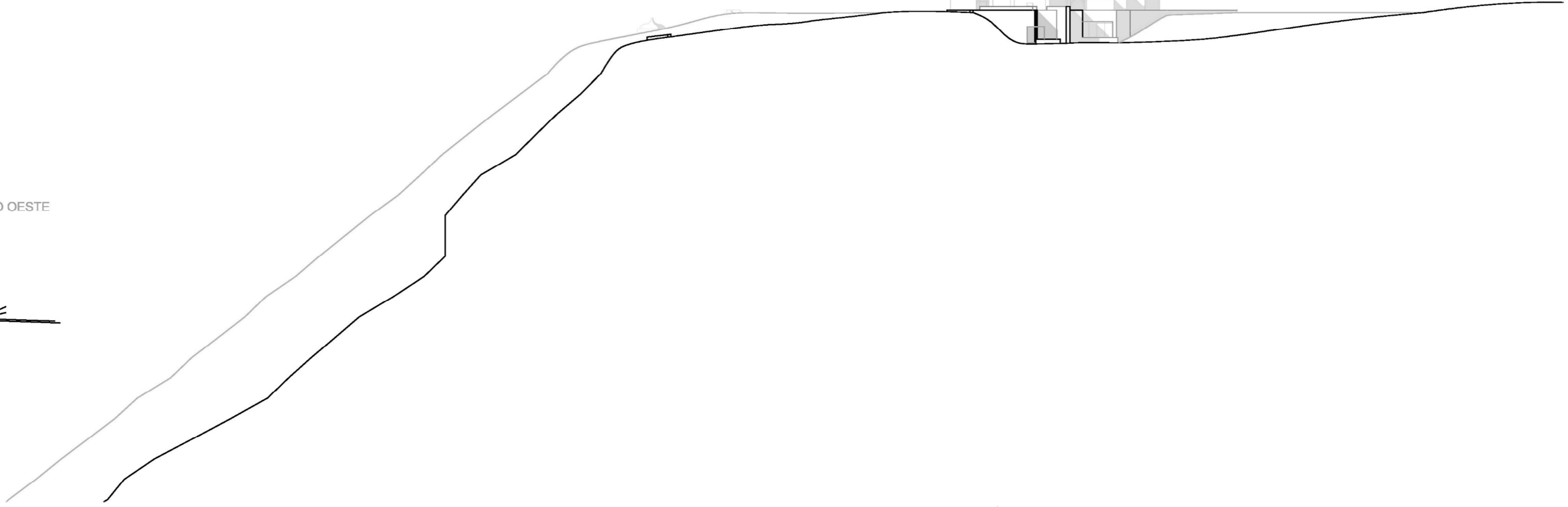
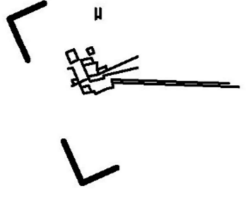


Anexo XVII

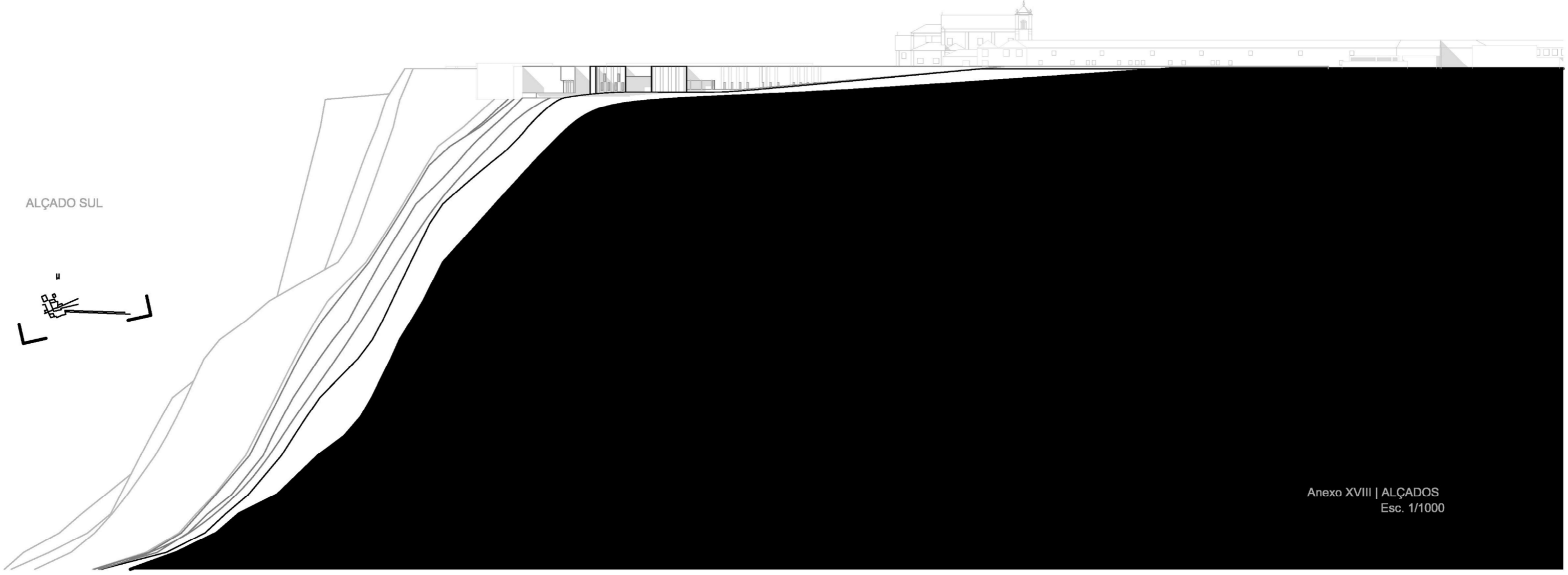
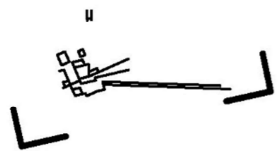


Anexo XVIII

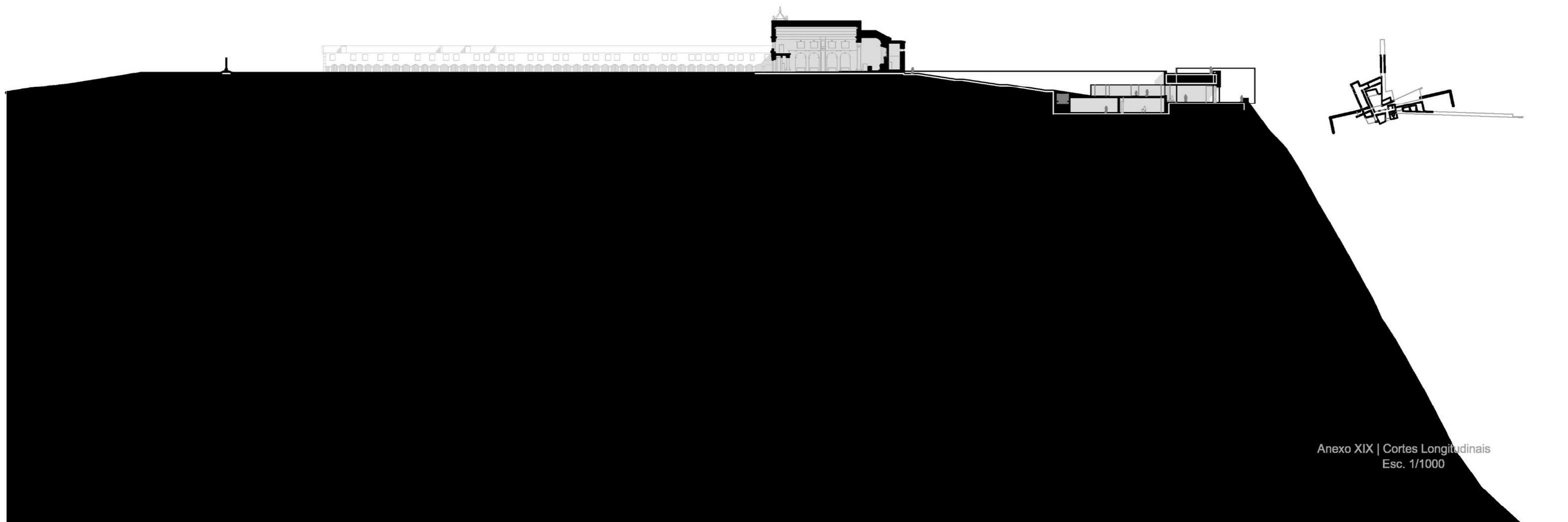
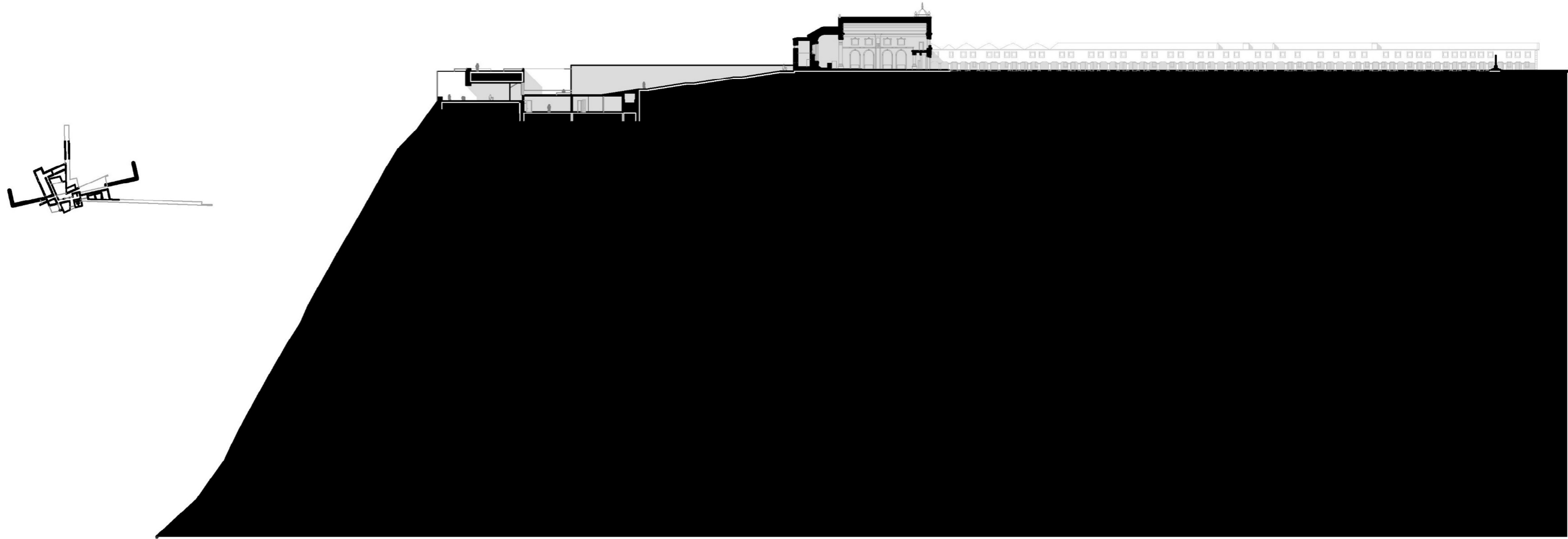
ALÇADO OESTE



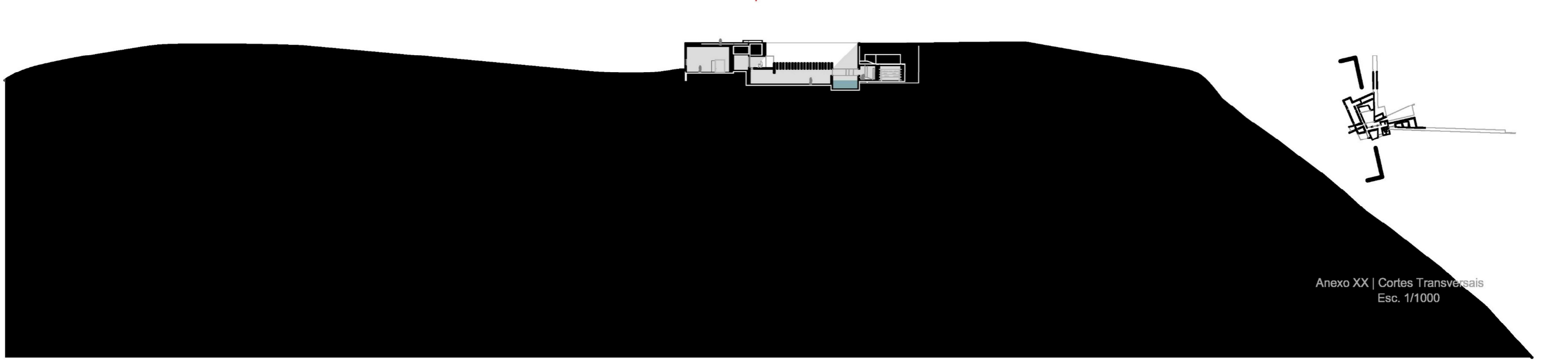
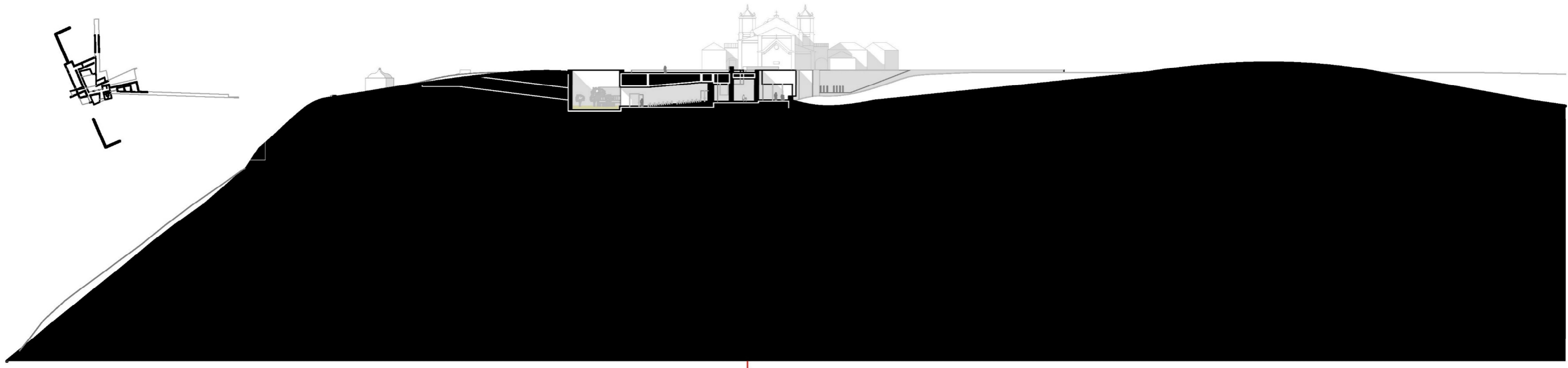
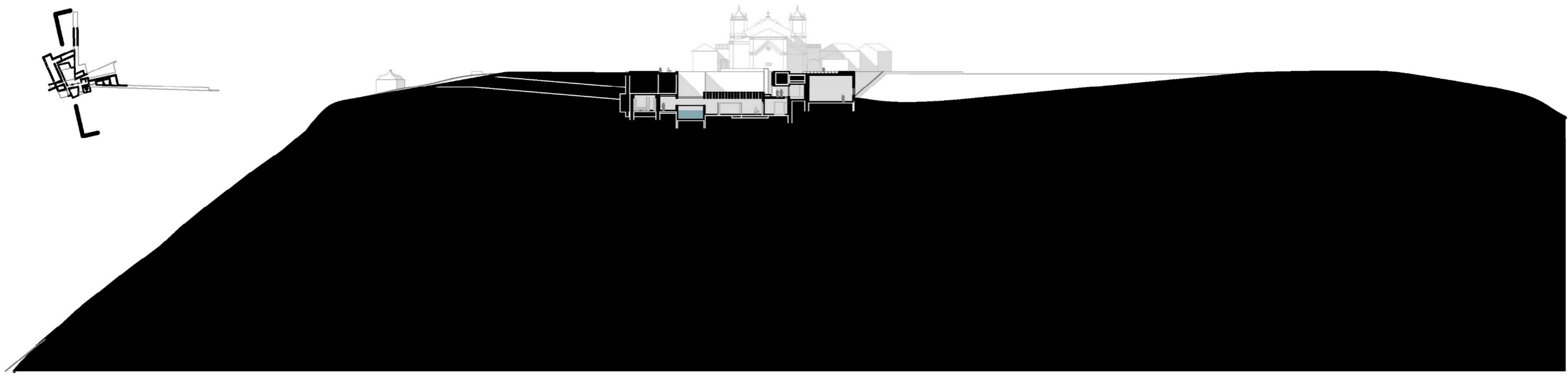
ALÇADO SUL



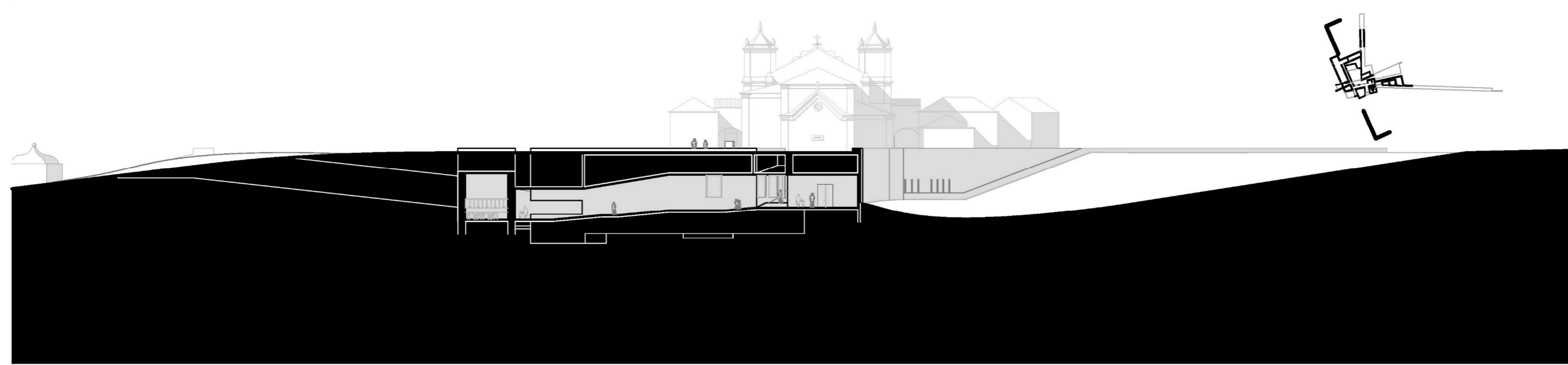
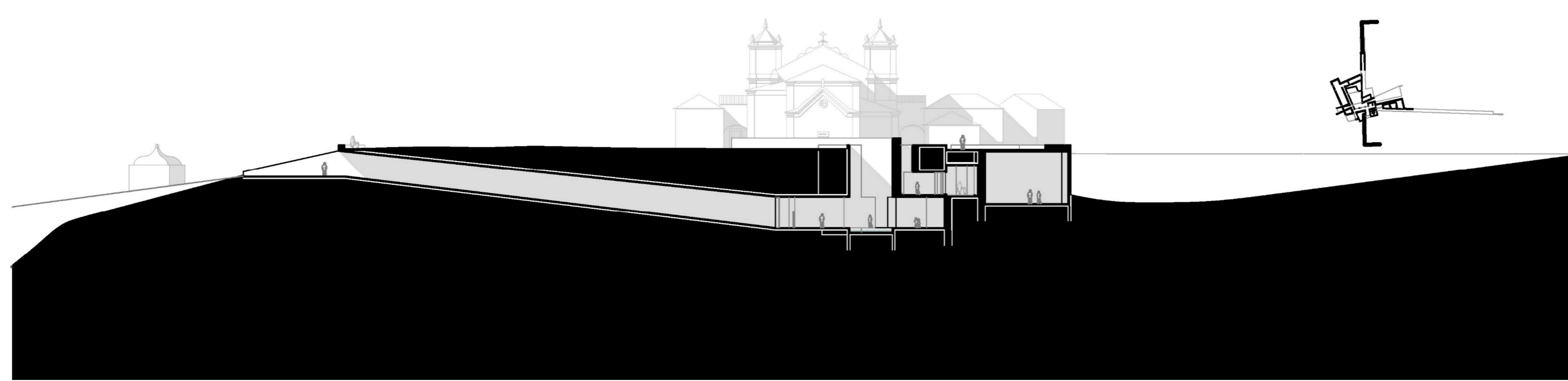
Anexo XIX



Anexo XX



Anexo XXI



CAPÍTULO IX

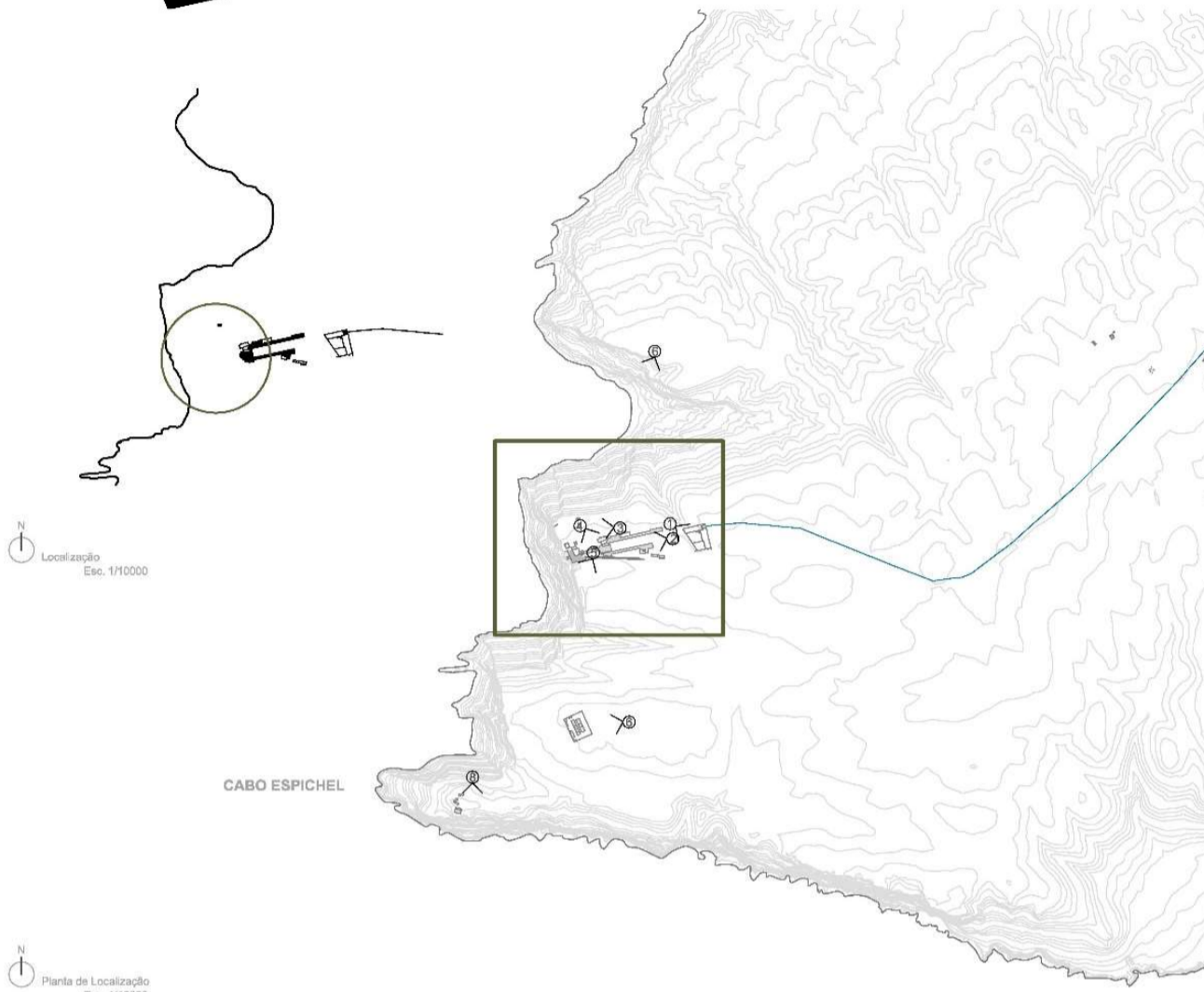
PAINÉIS

DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+ DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

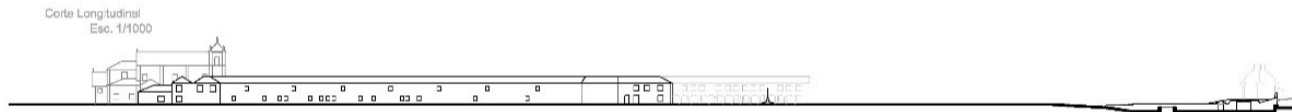
01

PAINEL SÍNTESE - ESCALA TERRITORIAL - LOCALIZAÇÃO E PRÉ-EXISTÊNCIAS

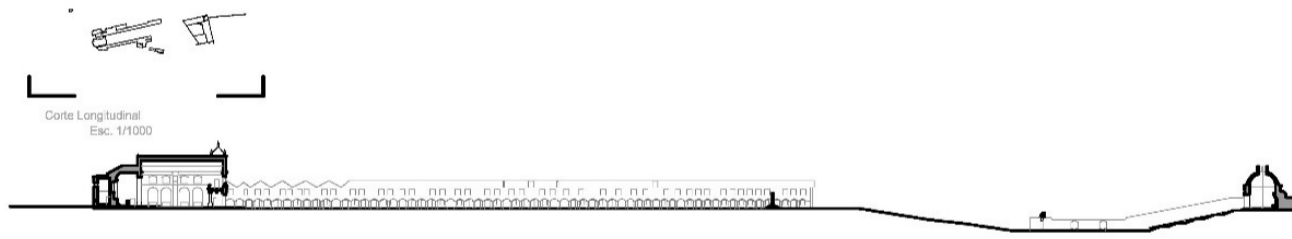


N
Localização
Esc. 1/10000

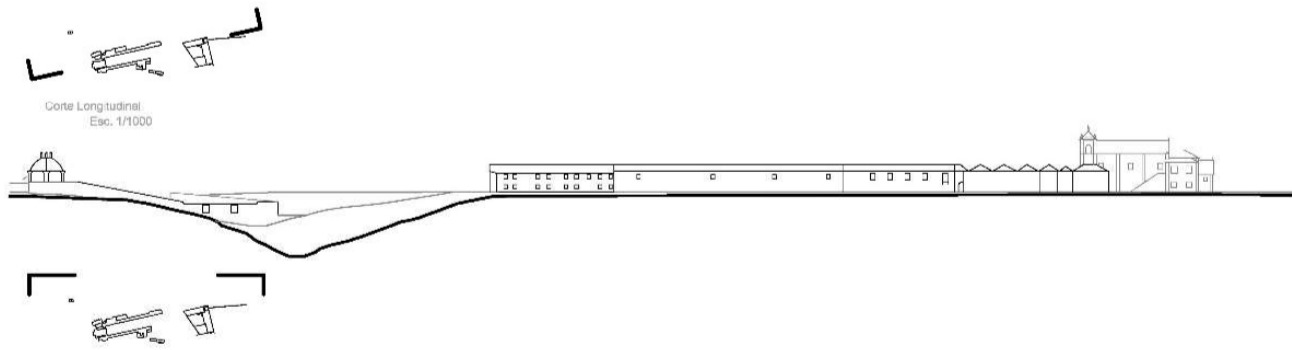
N
Planta de Localização
Esc. 1/10000



Corte Longitudinal
Esc. 1/1000



Corte Longitudinal
Esc. 1/1000



Corte Longitudinal
Esc. 1/1000



1 A Casa da Água



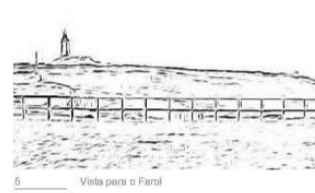
2 O Terreiro



3 A Ermida da Memória



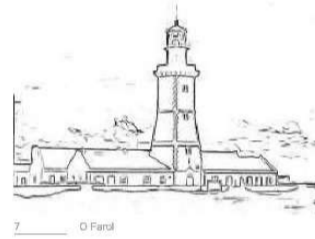
4 A Igreja



5 Vista para o Farol



6 Vista para o Santuário



7 O Farol



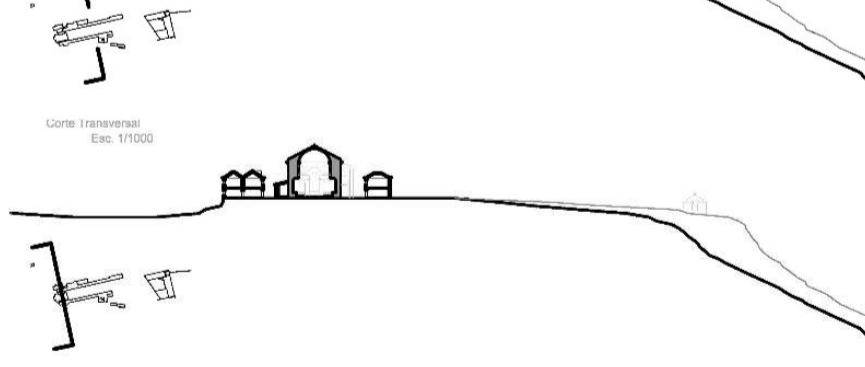
8 A Bateria Militar



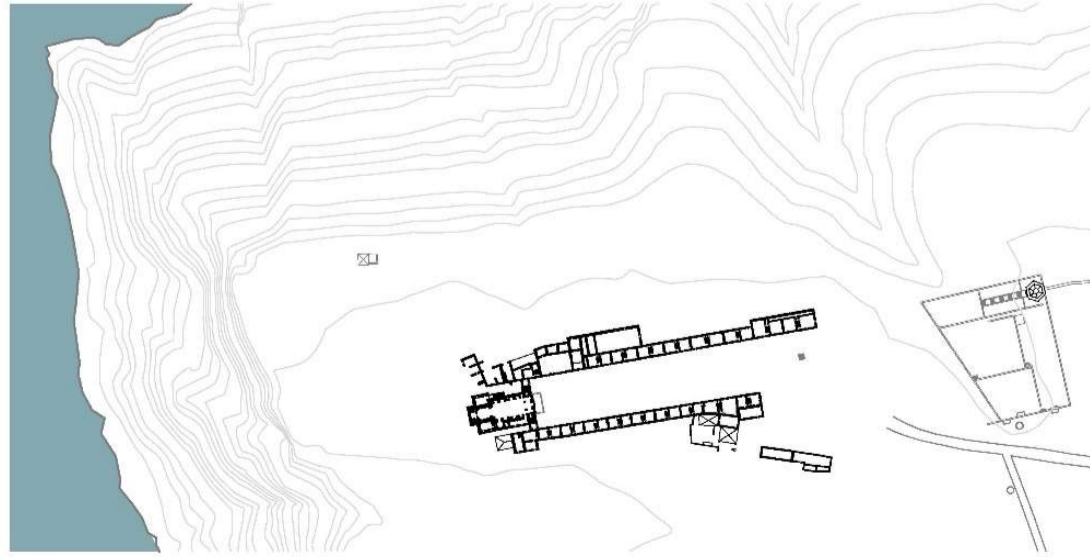
Corte Transversal
Esc. 1/1000



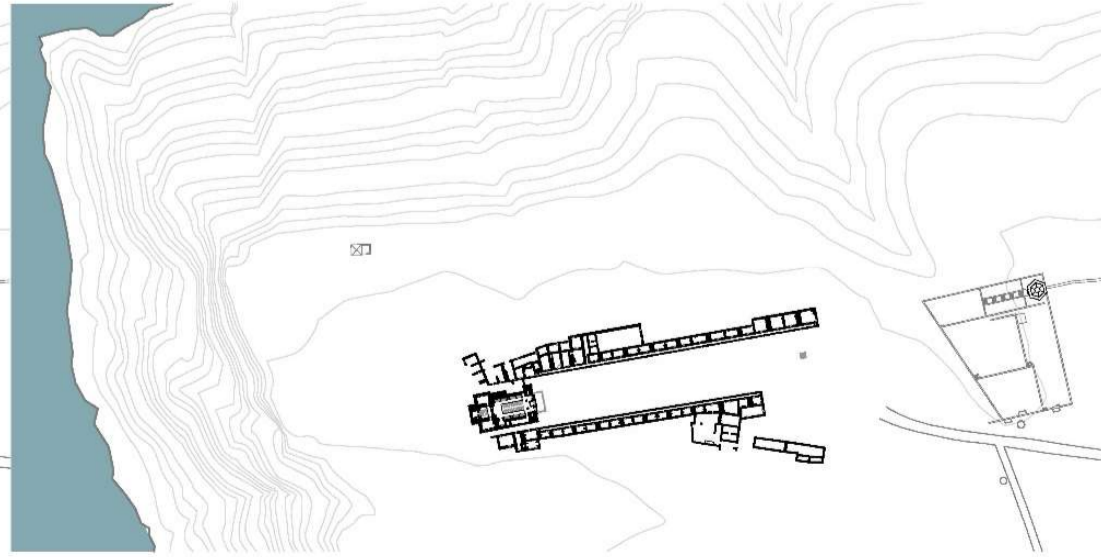
Corte Transversal
Esc. 1/1000



Corte Transversal
Esc. 1/1000



N
Planta do Santuário Pico Térreo
Esc. 1/2000



N
Planta do Santuário 1º Piso
Esc. 1/2000

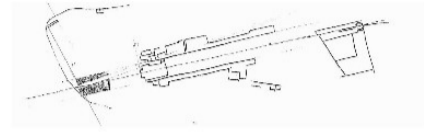
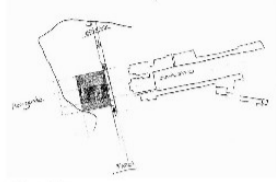
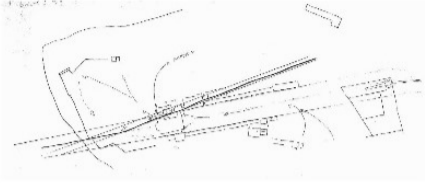
DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

02

PAINEL SÍNTESE - ESCALA URBANA - ESTUDO PRÉVIO

Princípios Arquitetónicos

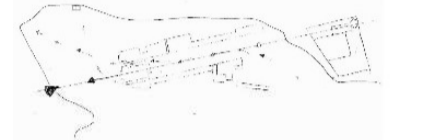
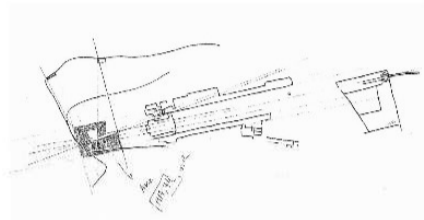
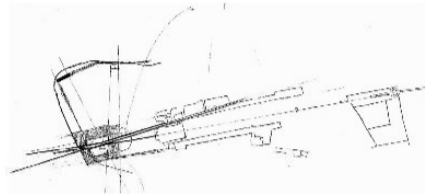


Movimento de Entrada e Saída

Pontos Relevantes e Orientações

Eixo Este-Oeste - Axialidade do Conjunto

Linhas de Referência

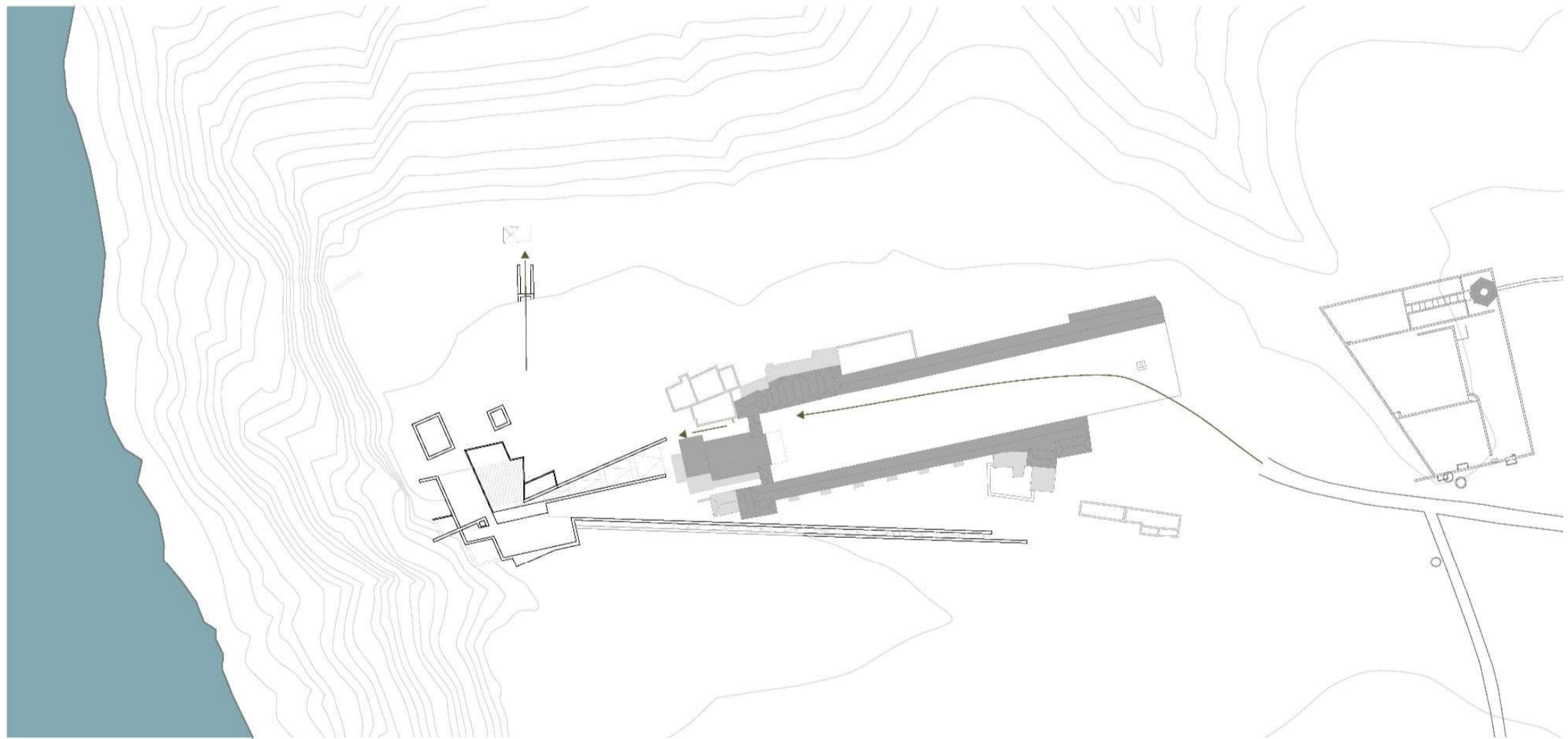


Horizontalidade

Linhas Geradoras

Intenção de Entrada e Saída no Edifício Proposto

Acessos



Planta de Acessos
ESC. 1/1000



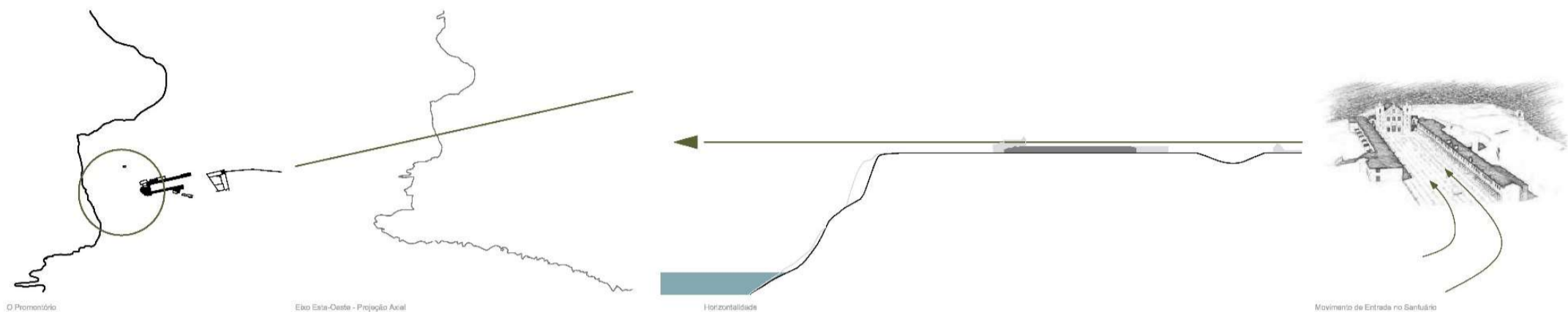
Maquete do Edifício Existente

DESENHAR NO LIMITE

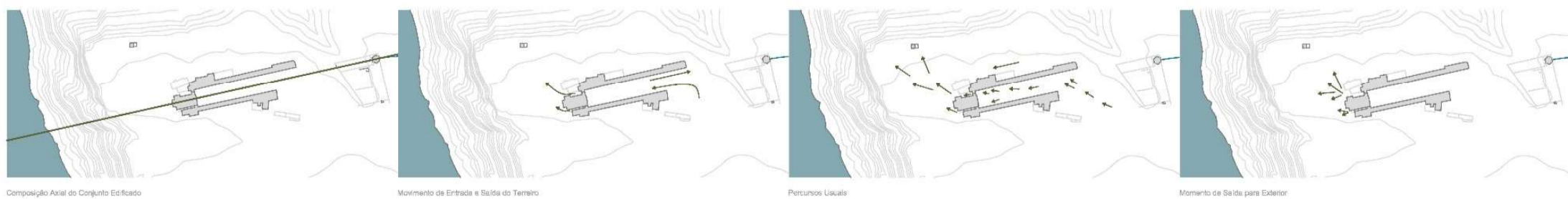
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

03

PAINEL SÍNTESE - ESCALA TERRITORIAL - ESTRATEGIA



Planta de Localização
Esc. 1/2000

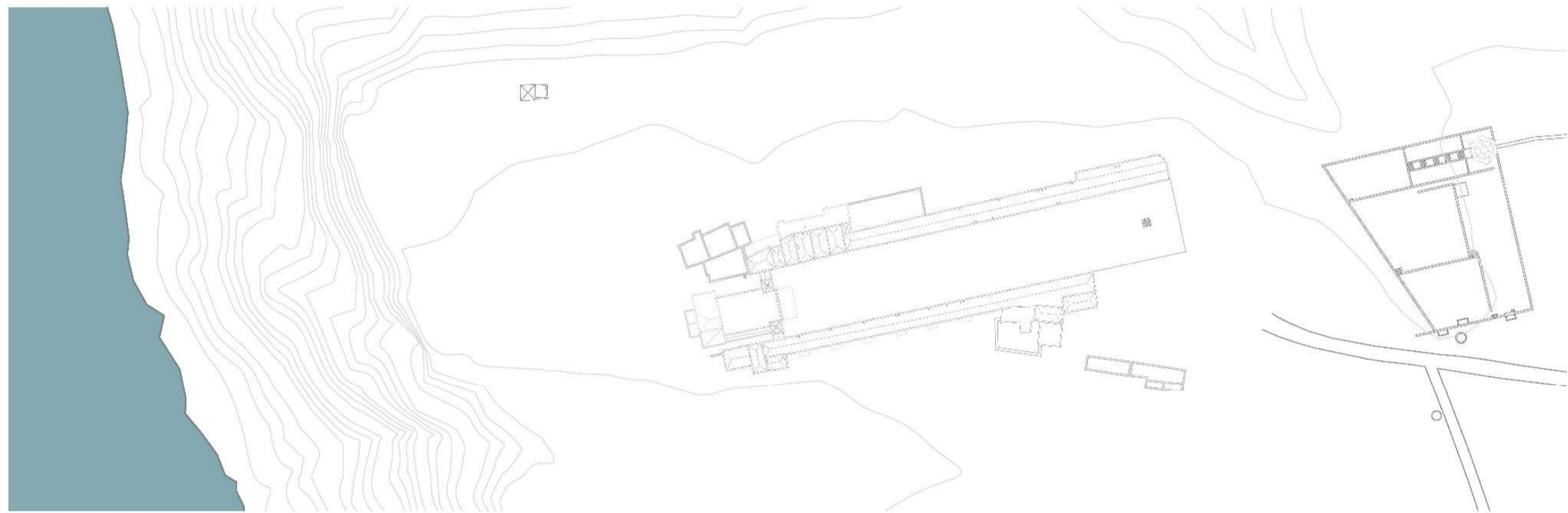
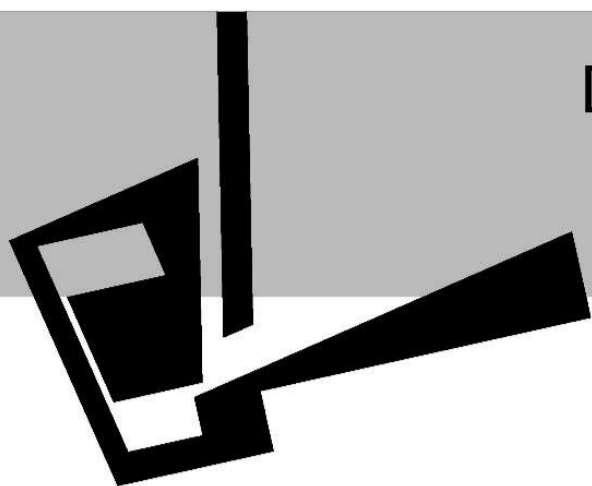


Composição Axial do Conjunto Edificado

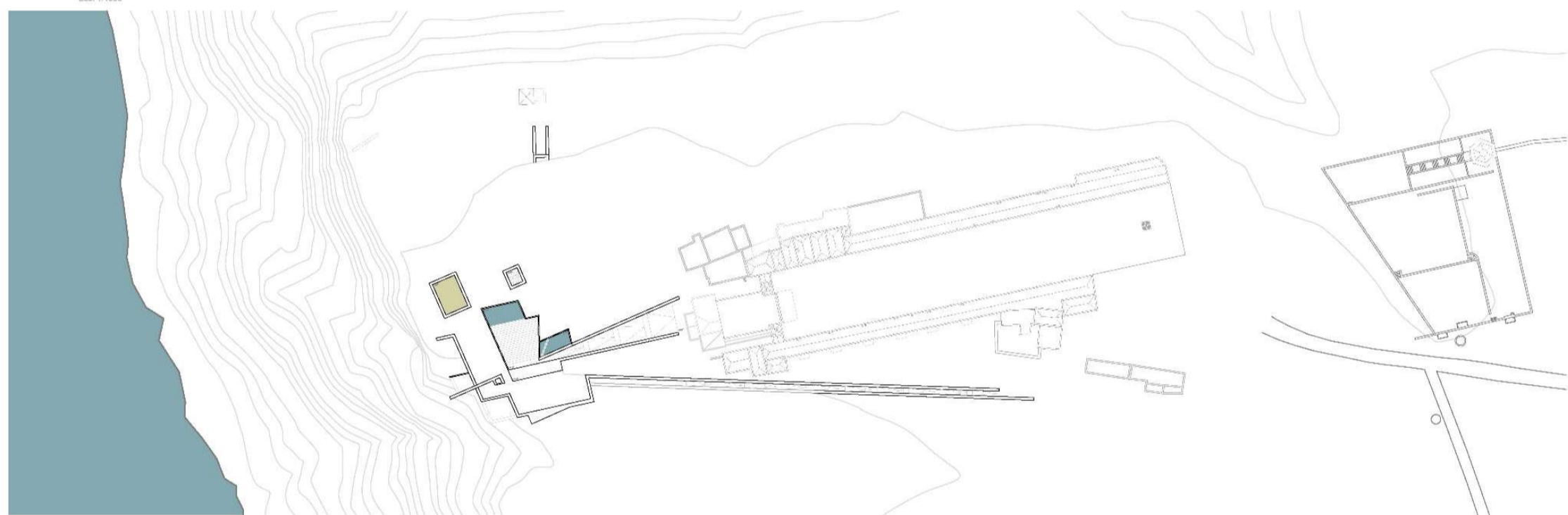
Movimento de Entrada e Saída do Terreno

Percursos Usuais

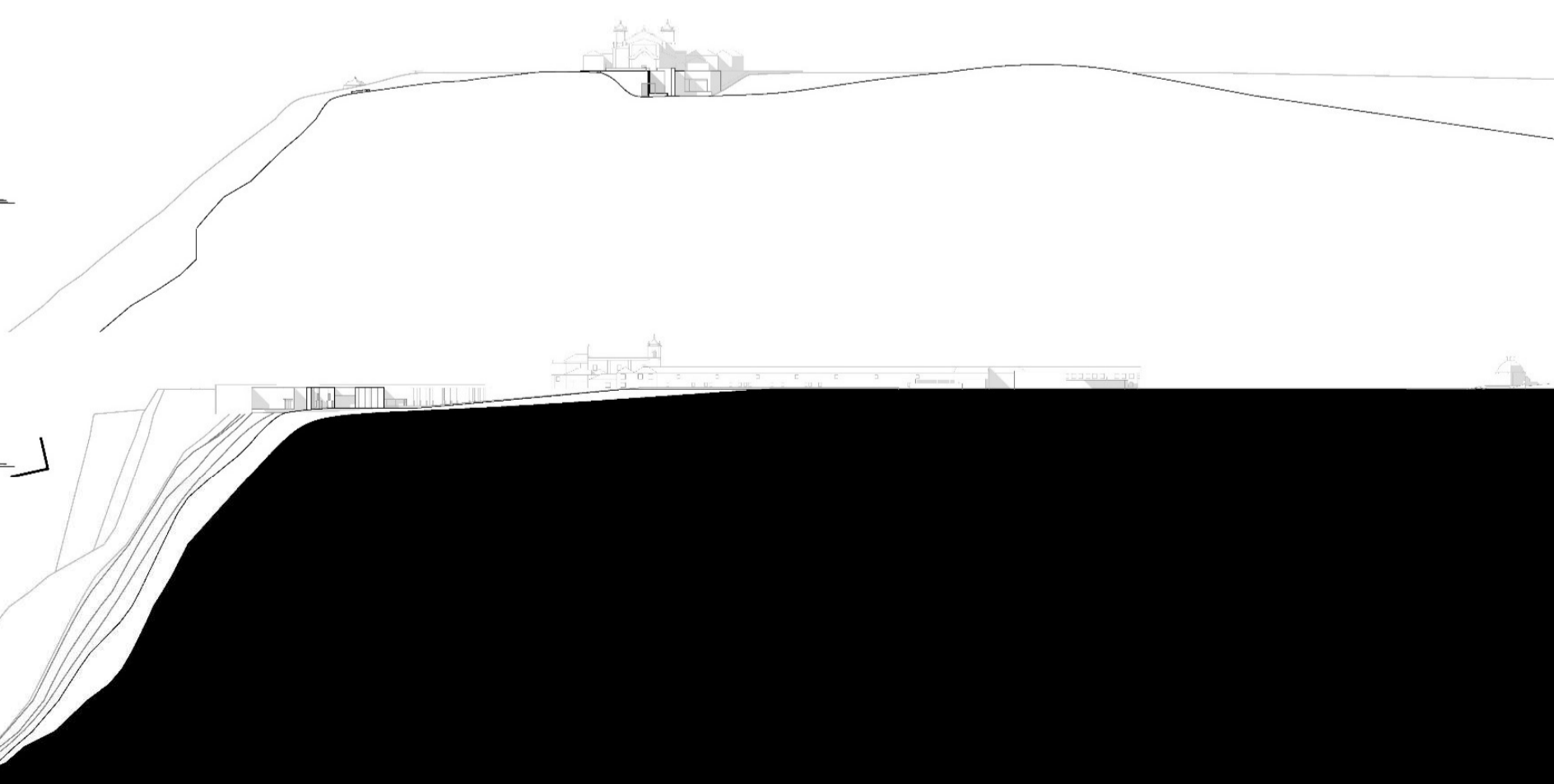
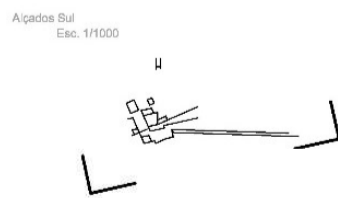
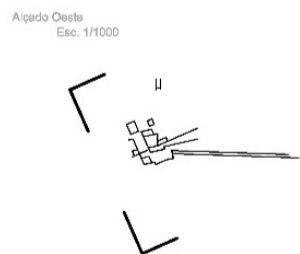
Momento de Saída para Exterior



Planta do Edifício Existente
Esc. 1/1000



Planta de Implantação Proposta
Esc. 1/1000



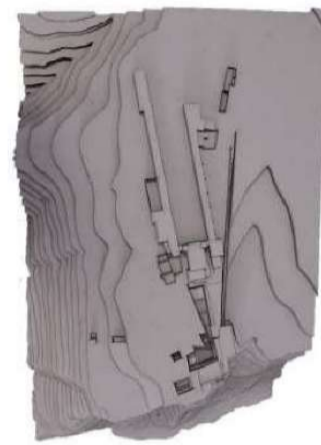
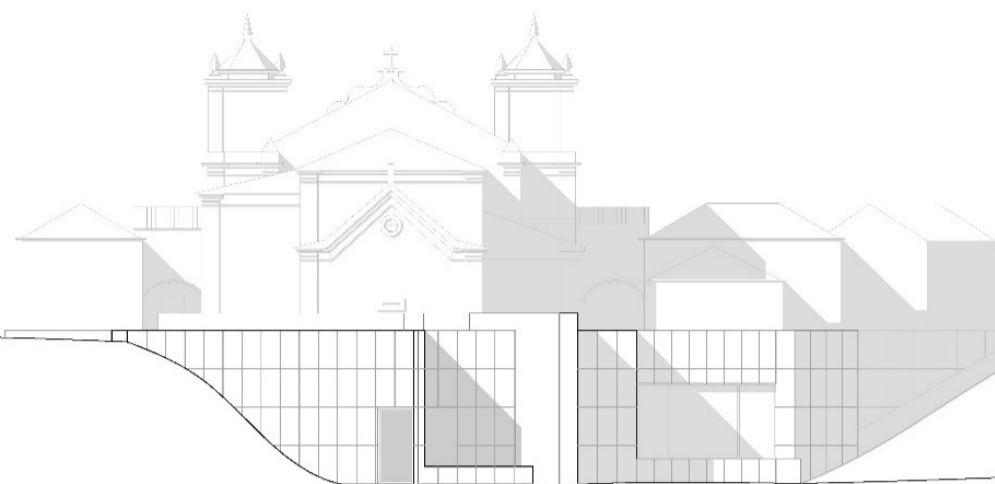
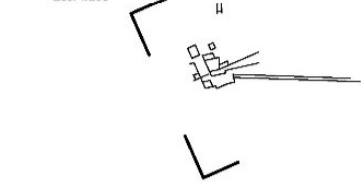
DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

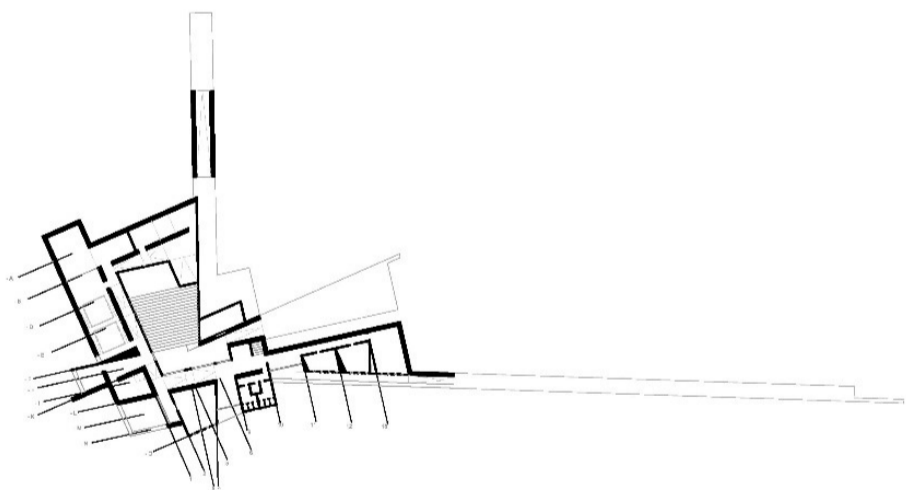
05

PAINEL SÍNTESE - ESCALA ARQUITETÓNICA - PROJETO BASE

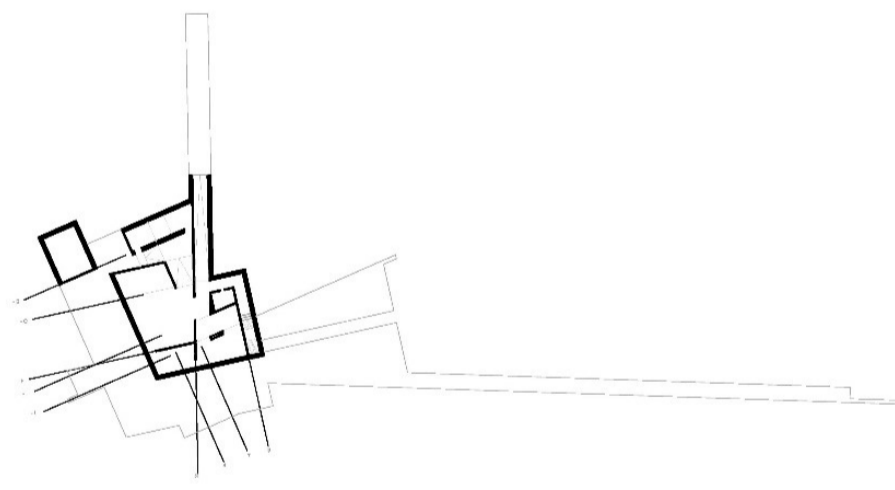
Açedo Oeste
Esc. 1/200



Maquete de Proposta de Intervenção

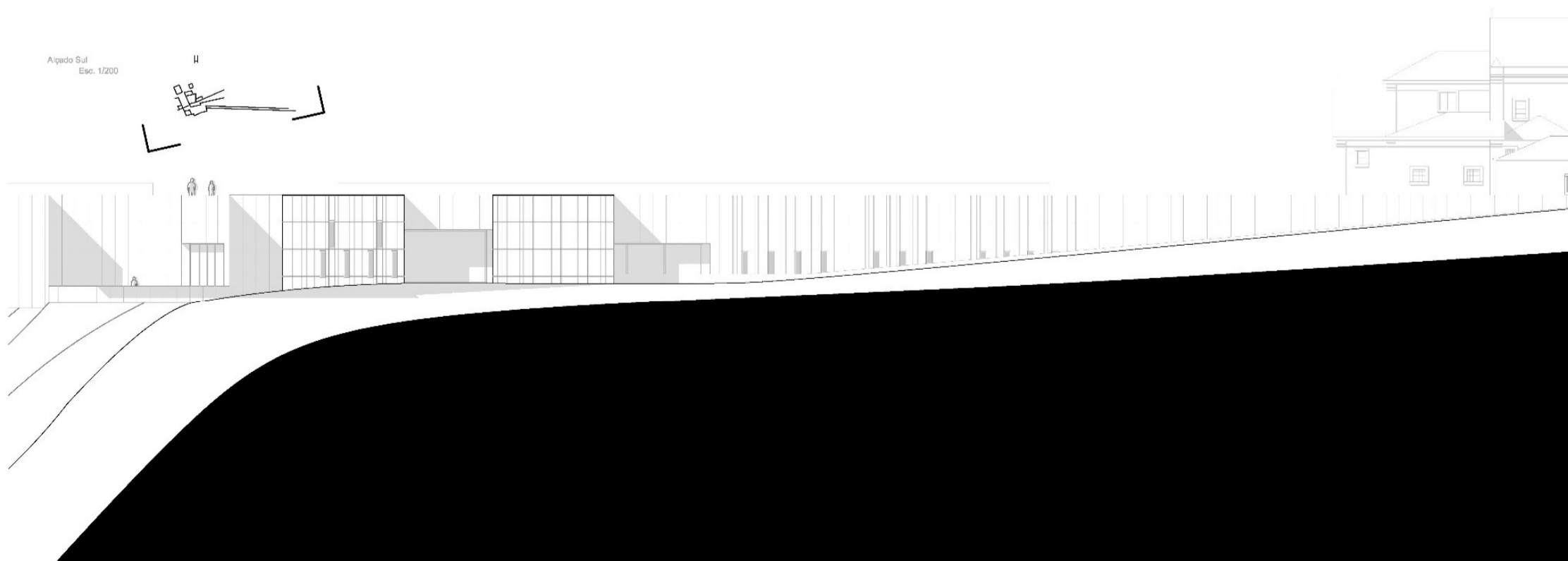
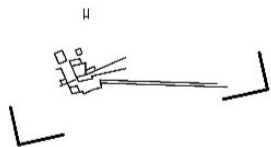


Planta de Estrutura à cota 125,5
Esc. 1/1000



Planta de Estrutura à cota 121,5
Esc. 1/1000

Açedo Sul
Esc. 1/200

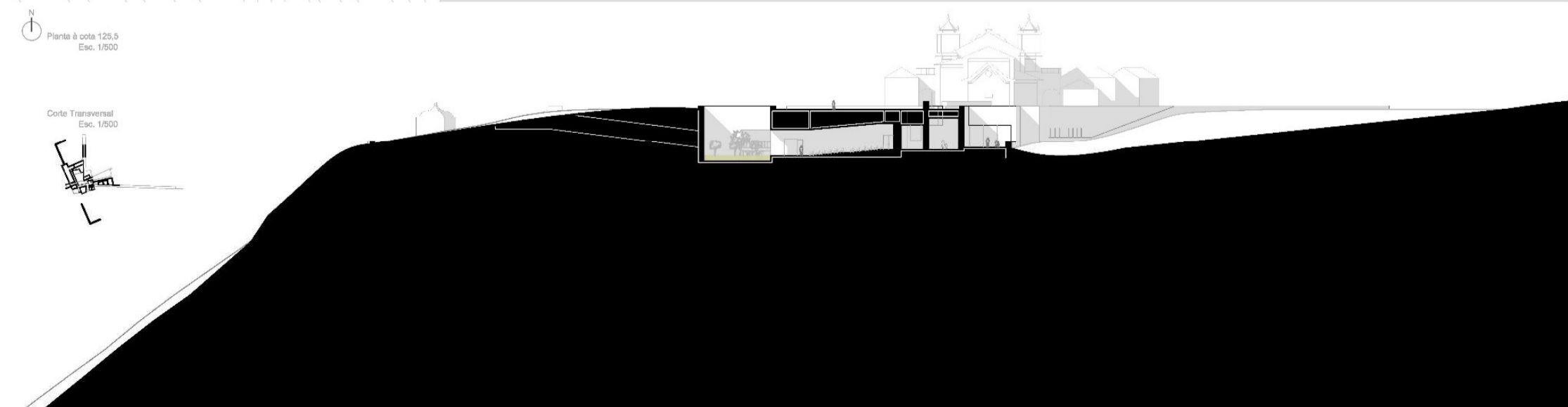
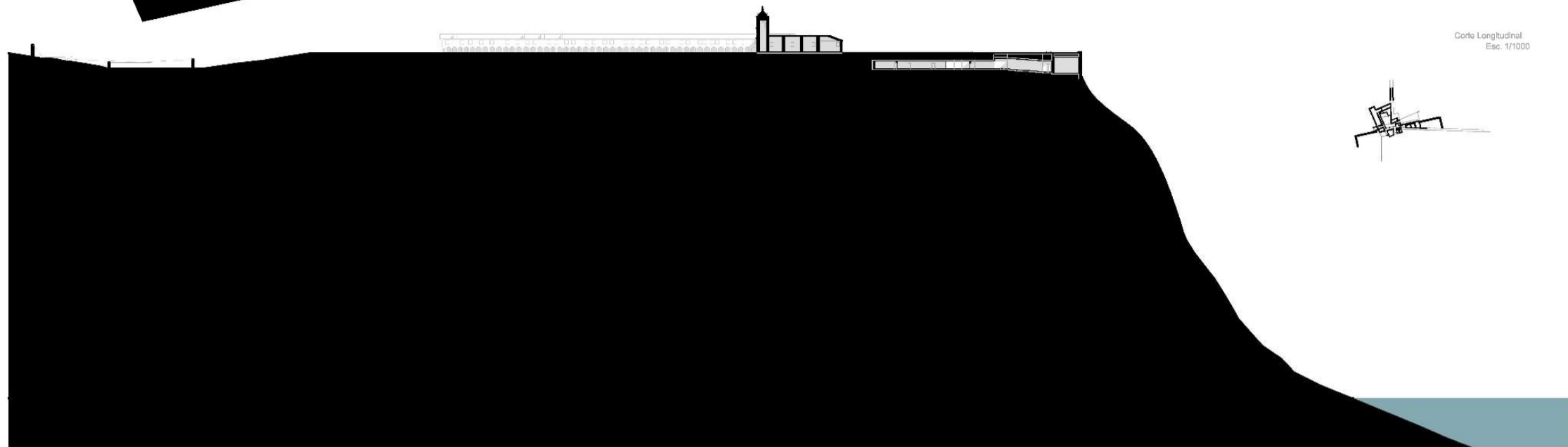


DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

06

PAINEL SÍNTESE - ESCALA ARQUITETÓNICA - PROJETO BASE

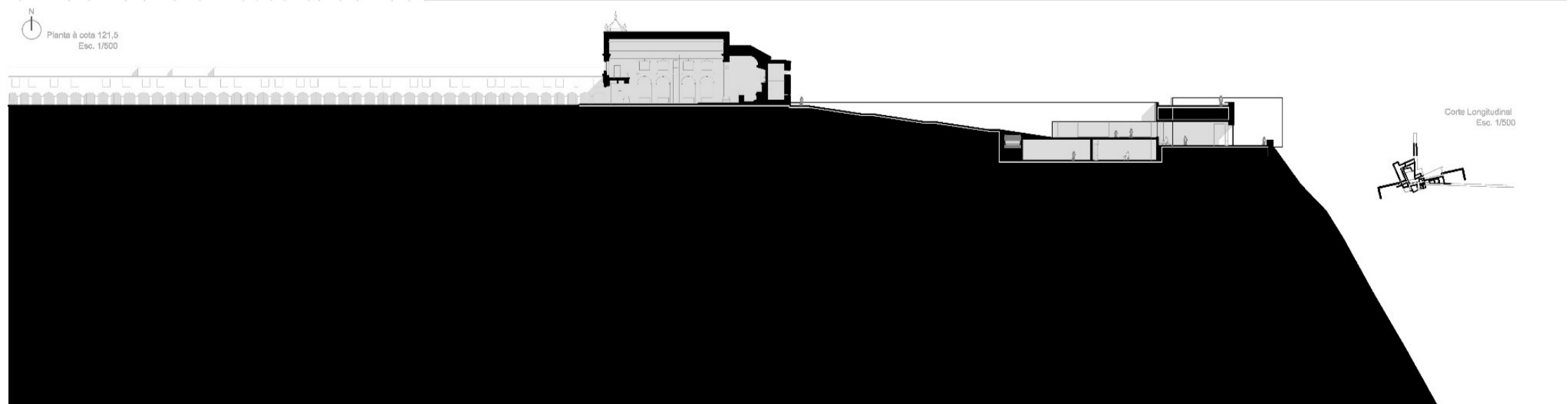


DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

07

PAINEL SÍNTESE - ESCALA ARQUITETÓNICA - PROJETO BASE



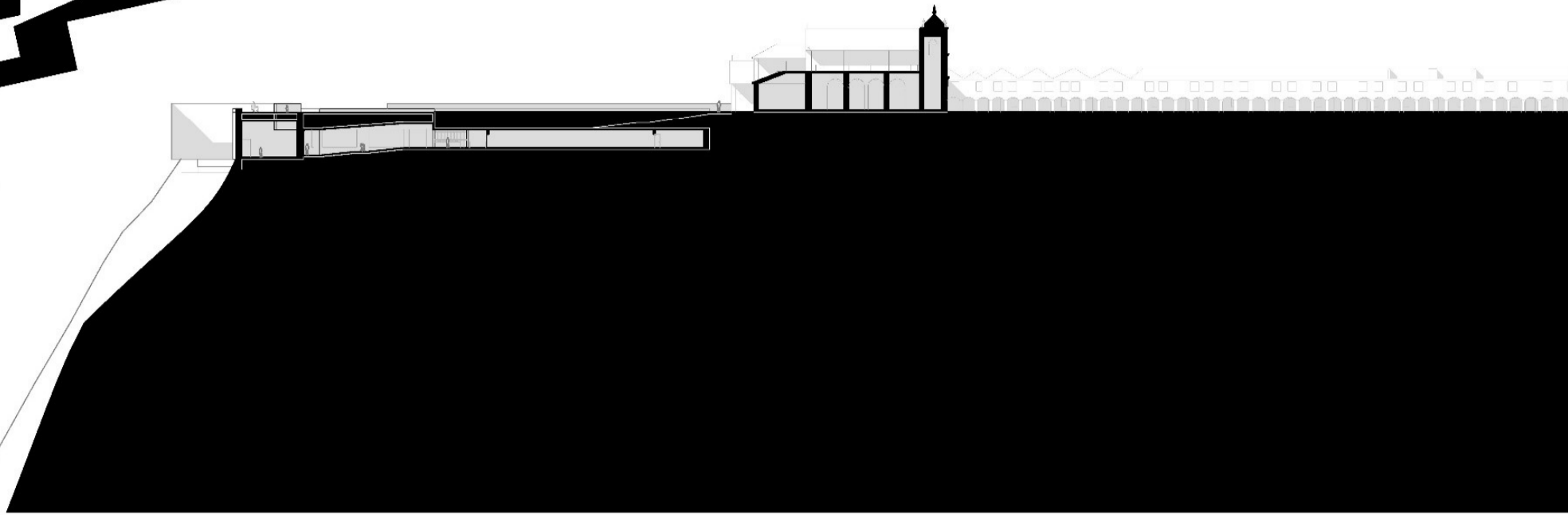
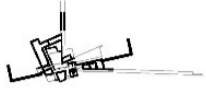
DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

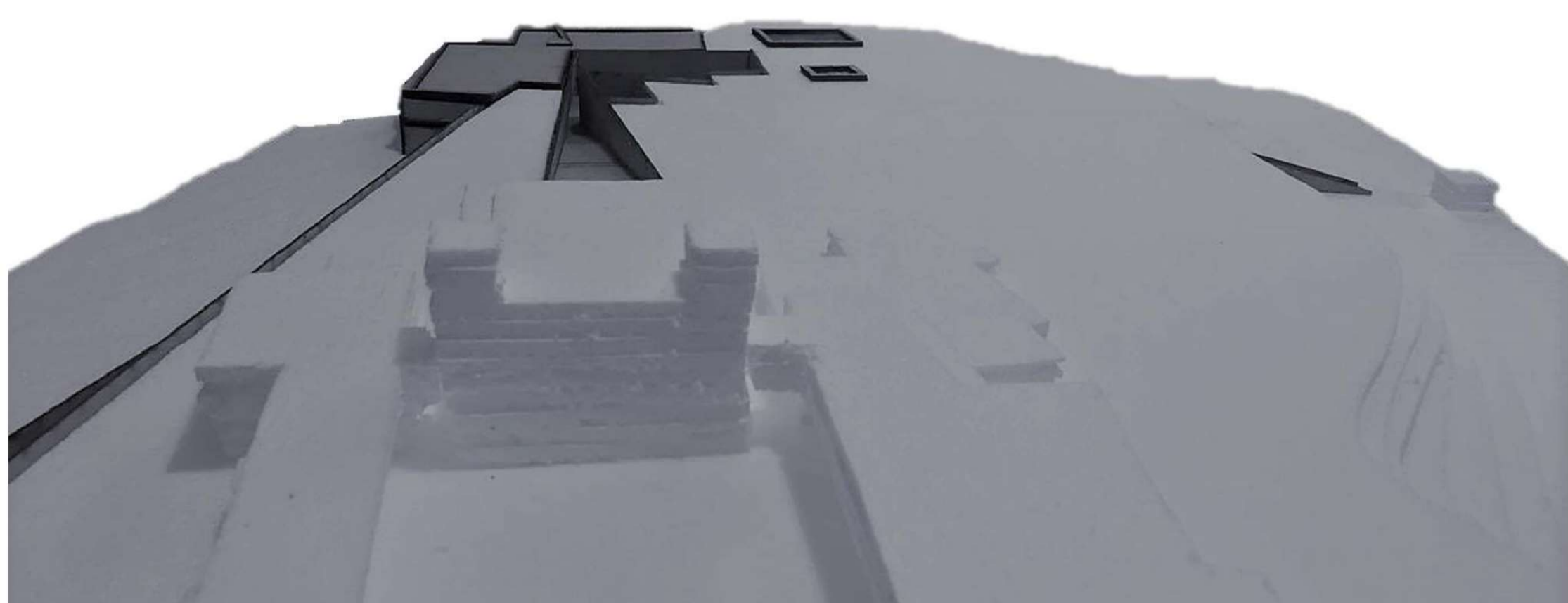
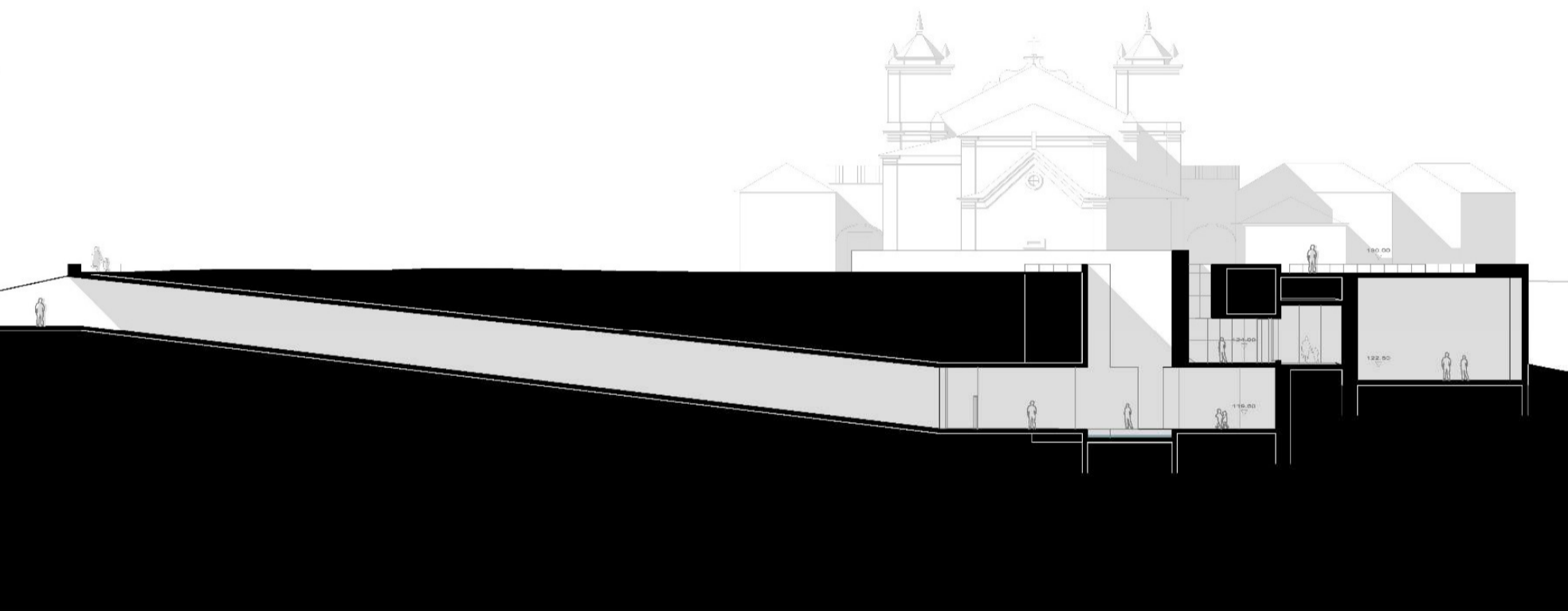
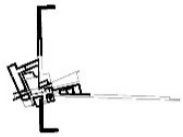
08

PAINEL SÍNTESE - ESCALA ARQUITETÓNICA - PROJETO BASE

Corta Longitudinal
Esc. 1/500



Corta Transversal
Esc. 1/200



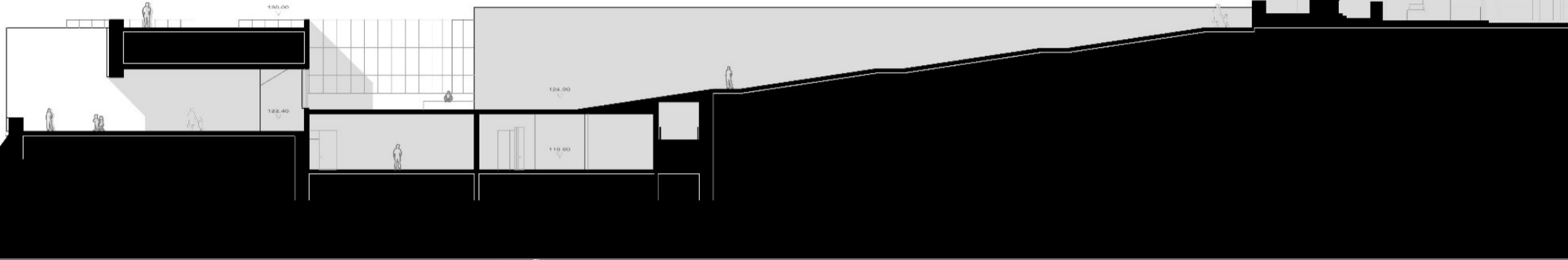
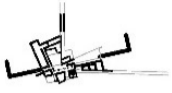
DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
+
DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

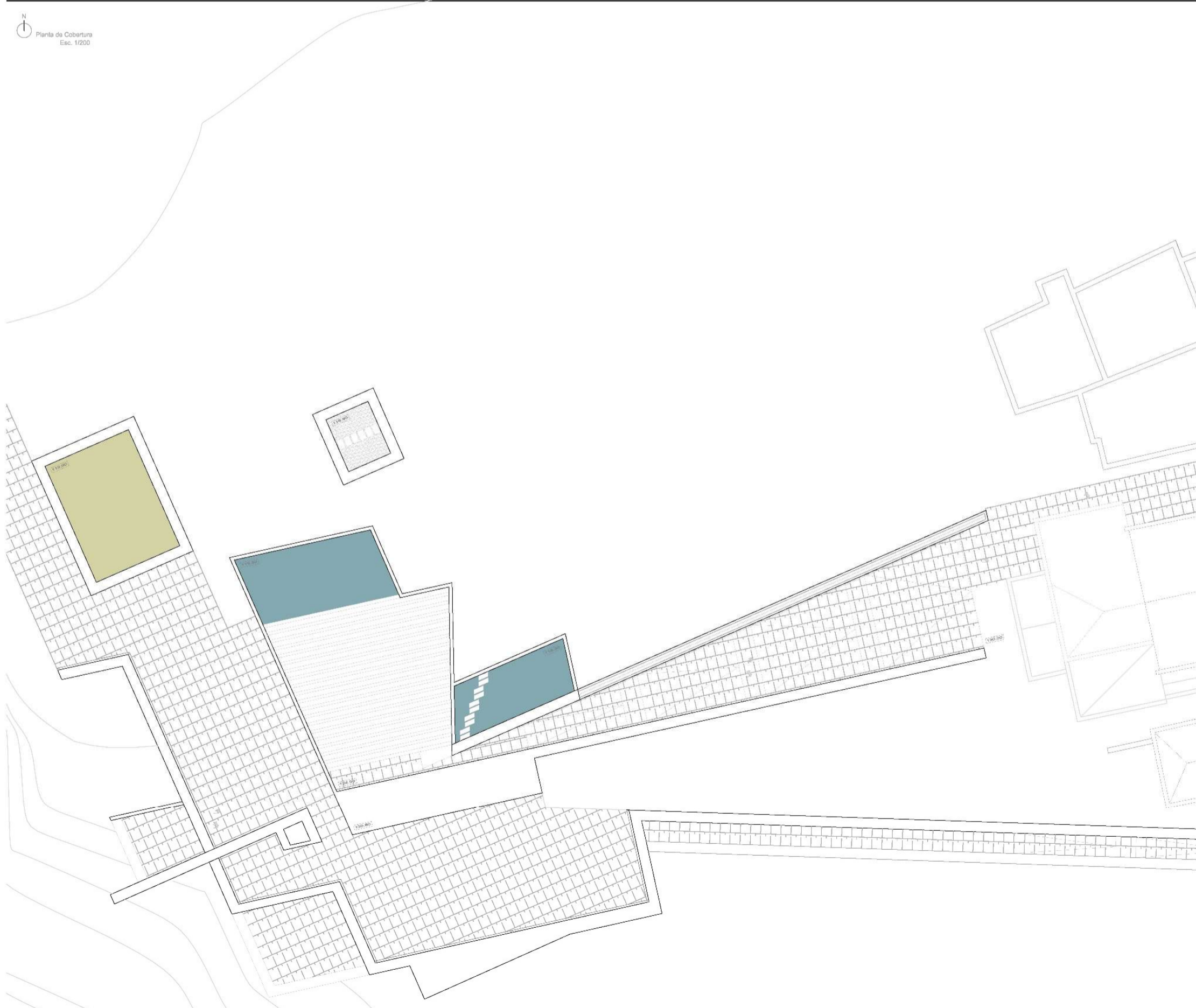
09

PAINEL SÍNTESE - ESCALA ARQUITETÓNICA - PROJETO BASE

Corte Longitudinal
Esc. 1/200



Planta de Cobertura
Esc. 1/200



DESENHAR NO LIMITE

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO

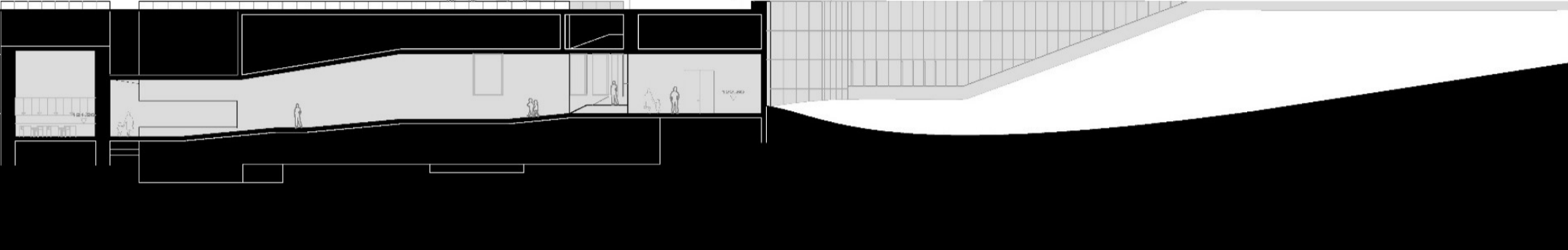
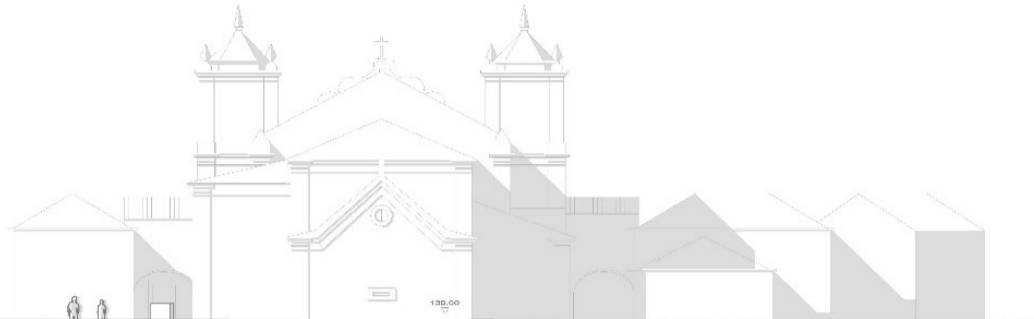
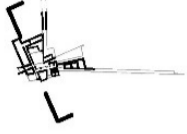


DA LENDA, DA HISTORIA E DO CULTO

10

PAINEL SÍNTESE - ESCALA ARQUITETÓNICA - PROJETO BASE

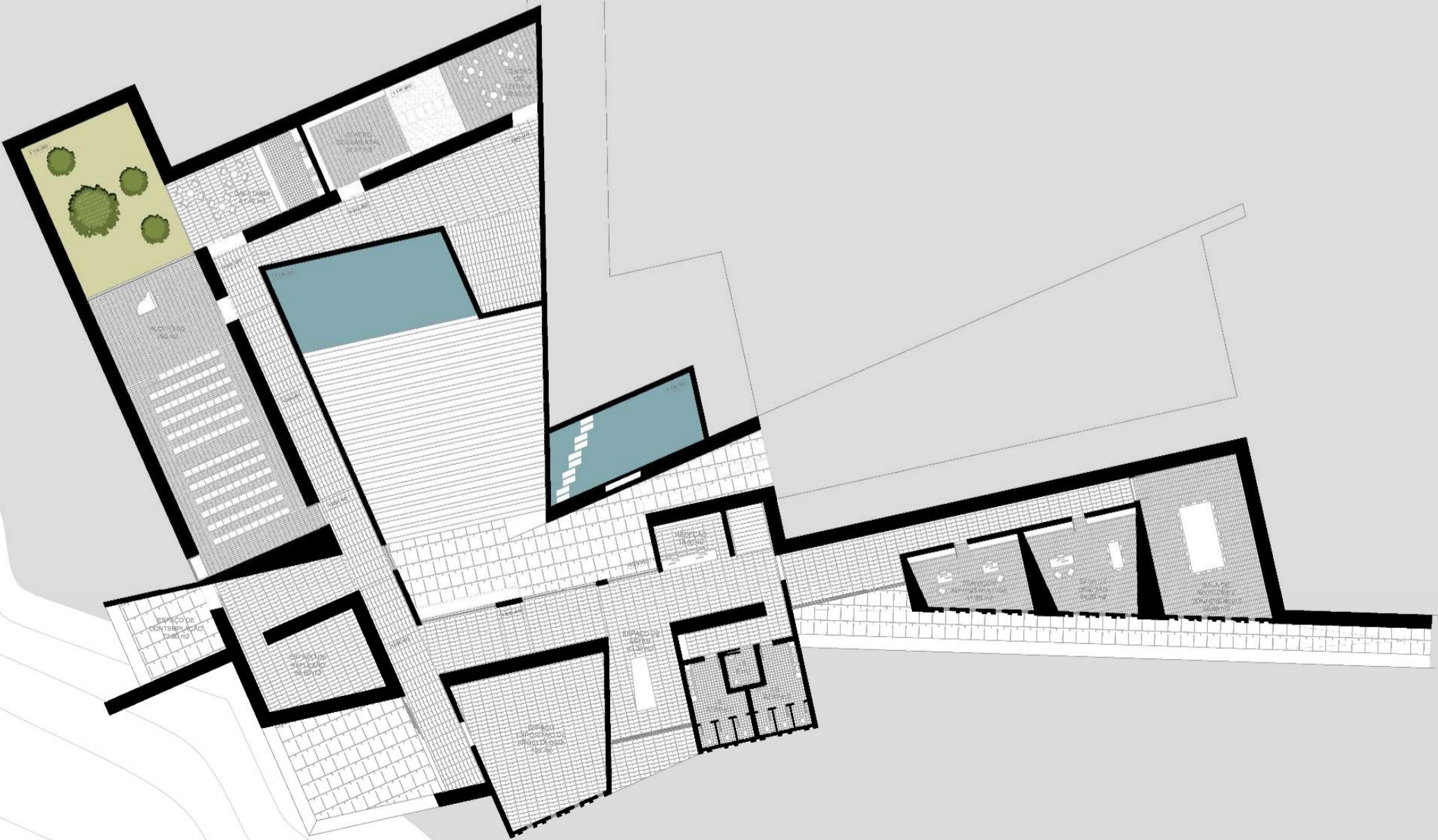
Corte Transversal
Esc. 1/200



Planta à cota 125,5
Esc. 1/200

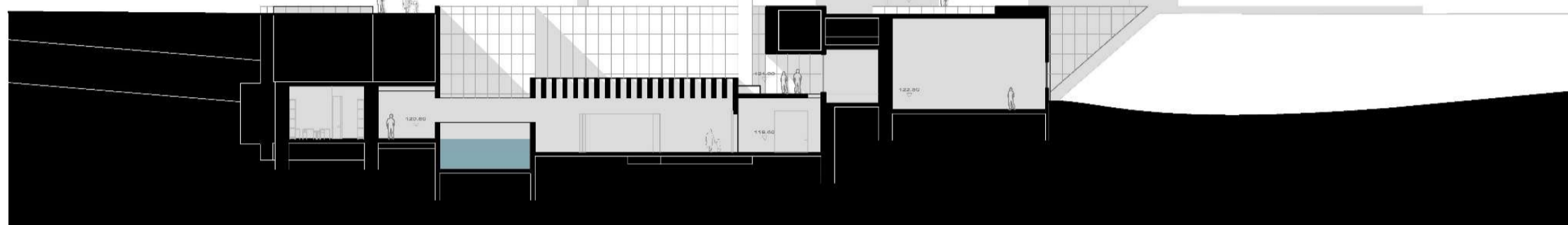
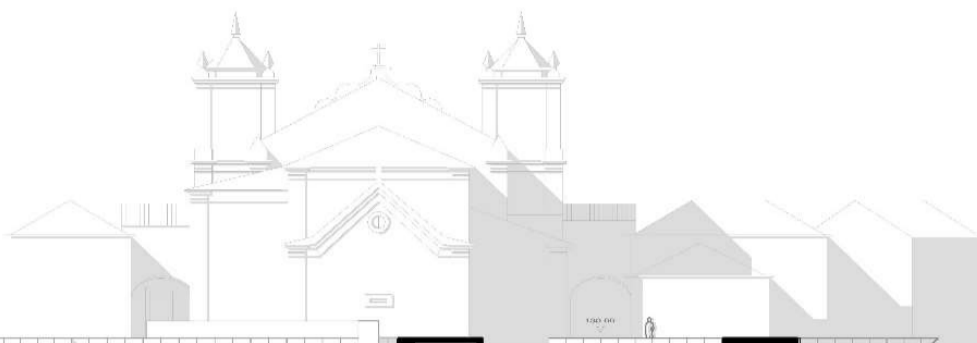
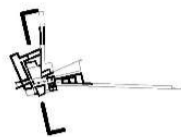
Programa:

Entrada Principal (Vestibulo)	- 61,90 m ²
Recepção e Espaço de Escal	- 100 m ²
Espaço Reservado Secundário	- 80,80 m ²
Espaço de Reflexão	- 72,80 m ²
Espaço de Comemoração	- 500 m ²
Auditeo	- 61,40 m ²
Cafetaria	- 77,80 m ²
Centro de Investigação, Documentação e Conservação	- 237,60 m ²
Espaço Expositivo Permanente	- 70,30 m ²
Espaço Expositivo Temporário	- 237,60 m ²
Instalações Sanitárias (M/F e de Metabolismo Condicionada)	- 70,30 m ²
Estreito Secundário (Fundamental)	
Espaço Complementar de Apoio (Espaço Técnico, Espaços de Armazém)	





Corte Transversal
Esc. 1/200

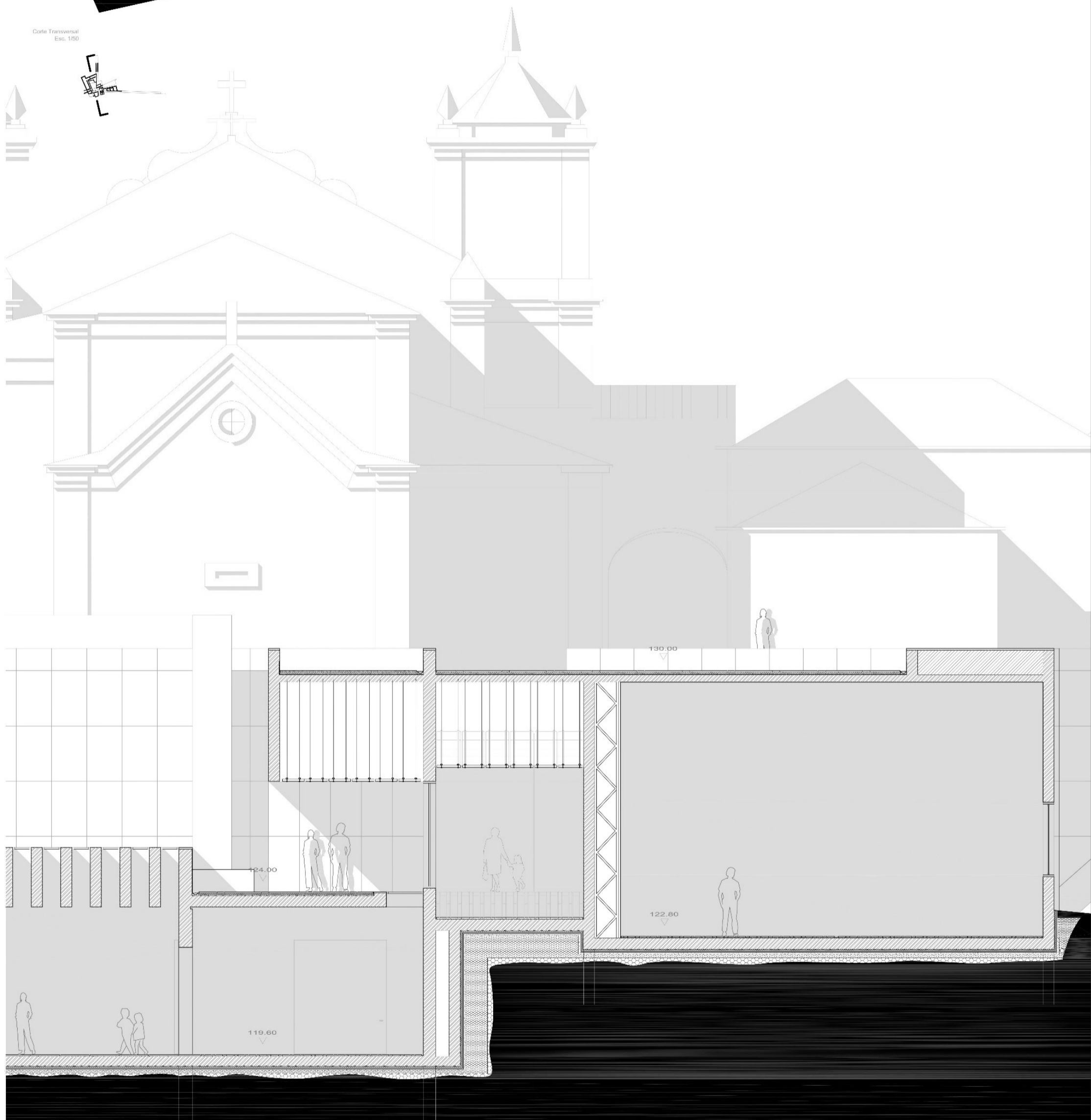


N
Planta à cota 121,5
Esc. 1/200

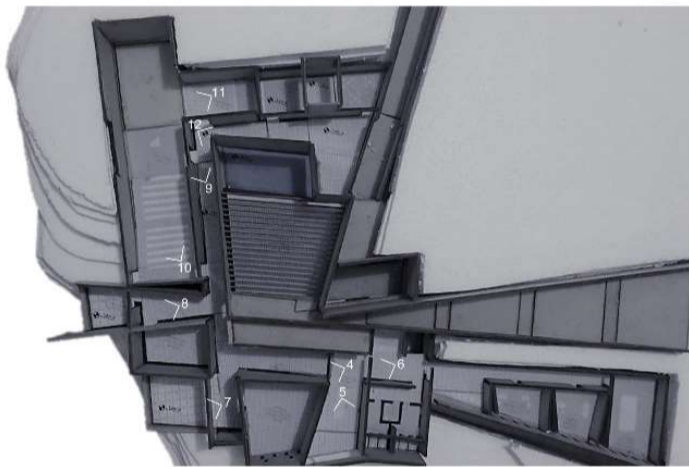




Corte Transversal
Esc. 1/50



Maquete do Centro de interpretação da Lenda, da História e do Culto de Nossa Senhora do Cabo



Estudo Tridimensional



1 Acesso à Entrada



2 Vista do Promontório



3 Vista do Miradouro



4 Entrada Principal



5 Espaço de Estar



6 Recepção



7 Vista da Sala de Exposição de Arqueologia



8 Vista do Espaço de Contemplação



9 Acesso ao Auditório e a Cafeteria



10 Auditório



11 Cafeteria



12 Acesso ao Centro de Investigação



13 Centro de Investigação e Documentação



14 Acesso ao Espaço de Exposição Permanente



15 Espaço de Exposição Permanente



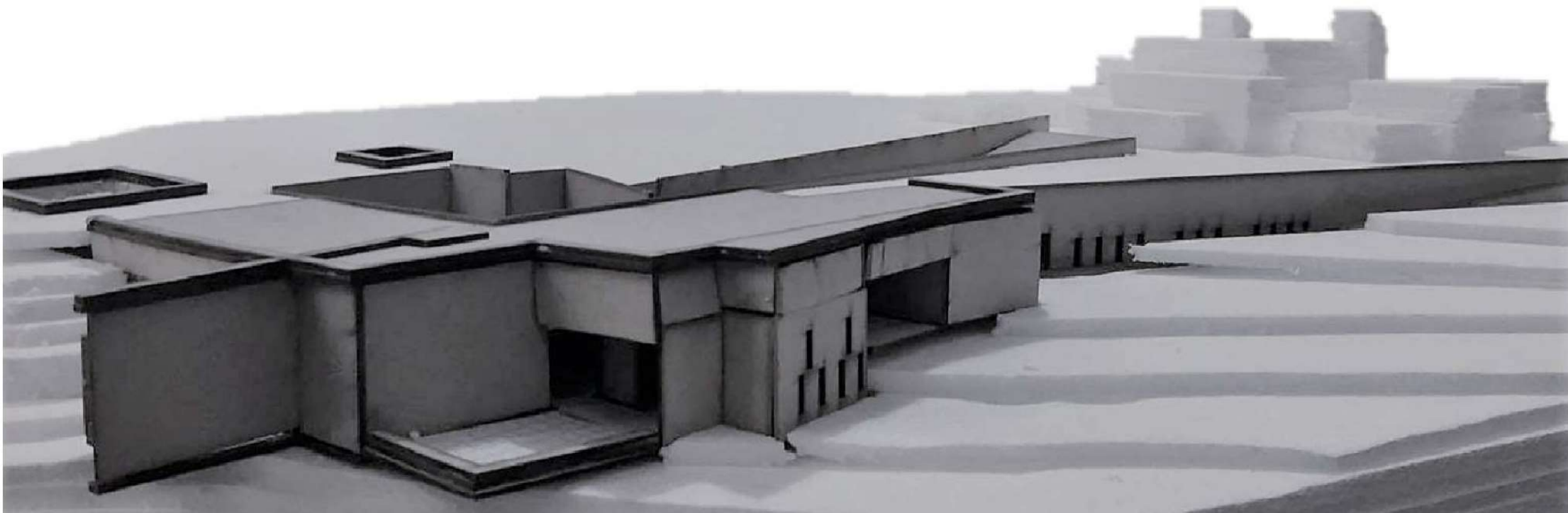
16 Espaço de Identificação



17 Acesso ao Exterior



18 Sala



(PALAVRAS 8946)